

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

IVETE FATIMA STEMPKOWSKI

A INFLUÊNCIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A FORMAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Porto Alegre

2010

IVETE FATIMA STEMPKOWSKI

A INFLUÊNCIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A FORMAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado em Ciências Sociais – Enfoque em Organizações e Sociedade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Izabel Mallmann

Porto Alegre
2010

IVETE FATIMA STEMPKOWSKI

A INFLUÊNCIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
A FORMAÇÃO DOS CURRÍCULOS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado em Ciências Sociais – Enfoque em Organizações e Sociedade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Izabel Mallmann

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Bittencourt Ribeiro (PUCRS)

Léo Peixoto Rodrigues (UFPEL)

Prof^a Dr^a Maria Izabel Mallmann (PUCRS)

À Minha filha, Elisa.

AGRADECIMENTOS

A construção do conhecimento exige grande dedicação e para isso é muito importante poder contar com o apoio daqueles que estão próximos. Dessa forma, primeiramente, agradeço ao meu esposo, pelo apoio durante esses anos de estudo.

Da mesma forma, neste processo de construção da dissertação foram vários os colegas e amigos, e colegas que se tornaram amigos, que deram apoio pessoal e acadêmico, são eles: Thiago Felker Andreis, Fernanda Bestetti, Carolina, Vanessa Lima, Sue Elen Albernaz, Letícia Stabel de Souza, Marines Cecconello e um agradecimentos especial para as amigas e colegas sociólogas Vanessa Petró e Gabriela Schuttz, pela amizade e apoio através de sugestões e reflexões.

Agradeço também, de forma especial, ao Professor Doutor Léo Peixoto Rodrigues, pela excelente orientação e pela amizade. Bem como, agradeço também a Professora Doutora Maria Izabel Mallmann, por ter assumido com dedicação a orientação após a saída do Professor Doutor Léo Peixoto Rodrigues desta instituição.

Não poderia deixar de agradecer, também, os professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, pela contribuição em meu aprendizado, bem como, a secretária Rosane pelo auxílio nas demandas da secretaria.

Gostaria ainda de fazer um agradecimento especial aos professores de Sociologia e coordenadoras das escolas particulares de Ensino Médio, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que se disponibilizaram em participar da pesquisa, respondendo uma entrevista, vocês foram essenciais para a realização da pesquisa que resultou nesta dissertação.

Por fim, agradeço a CAPES, pelo financiamento das mensalidades, o que tornou possível a realização desta dissertação, ou melhor, do mestrado como um todo.

RESUMO

Nosso trabalho investiga a inclusão da Sociologia no Ensino Médio no contexto histórico-social contemporâneo. Partimos do pressuposto de que o contexto social influencia na formação do conhecimento para investigar quais são os conteúdos presentes nos currículos dos alunos de Ensino Médio, de Sociologia, e, com relação a qual realidade histórico-social eles são condizentes. Nossa pesquisa é qualitativa e recorreremos a entrevistas com professores de Sociologia e Coordenadores Pedagógicos de escolas de Ensino Médio - selecionadas - da cidade de Porto Alegre-RS, bem como, analisamos os respectivos currículos. Recorreremos às contribuições teóricas de Karl Mannheim (1967), Thomas Luckman (1978) e Pierre Bourdieu (2005), para desenvolver conceitos relevantes à definição do nosso pressuposto teórico, dando sentido a este trabalho. E, de Boaventura de Souza Santos (2005), Nestor Garcia Canclini (2005), José Murilo de Carvalho (2001), Milton Santos (2004), bem como dados do IBGE para apresentar aspectos da realidade histórico-social contemporânea. Lançamos mão da Análise de Discurso, tal como definida por Willian Soto (1998) para a análise dos resultados de nossa pesquisa.

Palavras-chave: Sociologia; Ensino Médio; realidade histórico-social; produção do conhecimento.

ABSTRACT

Our research investigates the inclusion of Sociology as a high school subject in our contemporary social-historic context. We base our work in the assumption that social context influences the formation of knowledge and investigate which are the Sociology *curriculum* contents available for high school students and to what social-historic contexts these *curriculum* are related. This research uses qualitative methodology and bases itself in interviews with Sociology teachers and pedagogical coordinators of selected educational facilities from Porto Alegre, RS, as well as analysis of the subjects programs. We make use of theoretical contributions from Karl Mannheim (1967), Thomas Luckman (1978) and Pierre Bourdieu (2005) to develop concepts that are important for the definition of our theoretical assumptions. It is also used the work from Boaventura de Souza Santos (2005), Nestor Garcia Canclini (2005), José Murilo de Carvalho (2001), Milton Santos (2004), as well as data from IBGE in order to present some aspects from contemporary social-historic reality. Finally, we make use of discourse analysis, such as defined by Willian Soto (1998), to analyse the results of our research.

Key-words: Sociology, high school, social-historic reality, production of knowledge.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1	19
1. INTRODUÇÃO DA SOCIOLOGIA, COMO DISCIPLINA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS.	19
1.1 A IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO.	26
1.1.1 A retirada da Sociologia dos currículos do Ensino Médio brasileiro	29
1.1.2 O retorno da Sociologia aos currículos do Ensino Médio brasileiro	31
1.2 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL	35
1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE CURRÍCULOS	37
Capítulo II	
2. REFERENCIAL TEÓRICO	43
2.1 A ORIGEM DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO	43
2.2 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO	46
2.3 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO COMO MÉTODO DE ANÁLISE DO DISCURSO	58
Capítulo III	62
3. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL CONTEMPORÂNEO	62
3.1 AS GLOBALIZAÇÕES	62
3.2. QUAL CIDADANIA?	67
Capítulo IV	
4. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	73
4.1 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO	74
4.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO	84
4.3 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS CURRÍCULOS DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO	92
4.4 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE PORTO ALEGRE	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
APÊNDICE A	112
APÊNDICE B	113

APÊNDICE C	114
APÊNDICE D	115
APÊNDICE E	131
ANEXO A	148
ANEXO B	149

Introdução

A sociologia, como disciplina do conhecimento científico, seguiu uma trajetória bastante errática no Brasil. Tendo sido proposta pela primeira vez num contexto positivista do final do séc. XIX, foi implementada em todo o território nacional somente no início do séc. XX, num contexto de efervescência política que culminou com a revolução de 1930; e efervescência cultural, tendo como marco a semana de arte moderna em 1922. A década de 1930, também foi de grandes transformações econômicas e sociais, advindas do desenvolvimento industrial, pós primeira guerra mundial (CANDIDO, 2001; LIEDKE, 2005).

Em 1891 a Sociologia foi proposta como disciplina do conhecimento científico, pela primeira vez, numa reforma educacional do Governo Provisório da República, através do decreto nº. 981 de 8 de novembro de 1890. A introdução da Sociologia ocorreria de forma obrigatória e seria implementada tanto nos cursos de Ensino Superior quanto no Ensino Médio. A reforma era uma iniciativa de Benjamin Constant, Ministro da Instrução Pública do governo de Floriano Peixoto. Contudo, com a morte de Benjamin Constant, em 22 de janeiro de 1891, a implementação foi posta de lado e em 1º de janeiro de 1901, através da Reforma Epiácio Pessoa, o decreto nº 3.890 desobrigou o ensino de Sociologia, antes mesmo que ele fosse implementado.

Através da Reforma Rocha Vaz, pelo Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925 a Sociologia não só se torna obrigatória como seus conteúdos são exigidos nas provas de vestibulares para o ensino superior. A Reforma Rocha Vaz impõe a seriação obrigatória para os estudos secundários, mantém a equiparação entre as instituições estaduais de ensino secundário “e institui a concessão de juntas examinadoras, aos colégios particulares, para efeito de exames de validade igual aos portadores nos Colégios Pedro II ou estabelecimentos equiparados” (INEP)¹. Conforme as diretrizes da Reforma Rocha Vaz, a Sociologia seria disciplina obrigatória no 6º ano, juntamente com Literatura Brasileira, História da Filosofia e Literatura das Línguas Latinas.

¹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 17 de setembro de 2008.

É importante salientar que a inclusão da disciplina no 6º ano, não representava grande abrangência, pois o 6º ano não era necessário para finalizar os estudos obtendo o certificado de conclusão. Para tanto era necessário apenas o 5º ano que era o passaporte para a inscrição aos exames vestibulares; o 6º ano daria direito ao título de “Bacharel em Ciências e Letras” (SANTOS, 2004, 134).

A primeira escola a introduzir a disciplina de Sociologia em seu curso de Nível Médio foi o tradicional Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, por proposta de Fernando de Azevedo, no ano de 1925, e, o professor que ficou encarregado de lecioná-la foi Delgado de Carvalho (CARVALHO, 1994).

Em 1928, através de uma Reforma de Ensino idealizada por Rocha Vaz a disciplina de Sociologia passa a fazer parte de modo obrigatório do currículo das Escolas Normais do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e da Cidade de Recife – PE. Destacando que em Recife a iniciativa caberia ao Sociólogo Gilberto Freire e a Carneiro Leão. De acordo com CARVALHO (1994), cabe apontar que em outros países latino-americanos, assim como na Europa, a experiência de introdução da disciplina de Sociologia ocorreu nos cursos jurídicos ou de educação (CARVALHO, 1994).

Em 1942, a reforma de Gustavo Capanema, então ministro da Educação do governo de Getúlio Vargas, desobriga a disciplina de Sociologia nas escolas secundárias, mantendo a mesma apenas nas Escolas Normais. Apesar disso, a disciplina é lecionada até o período da ditadura militar, em 1964. No período de vigência desta Lei, a Sociologia foi excluída do currículo, não sendo mais obrigatória nem no curso clássico nem no científico. Apenas era possível encontrar a Sociologia fazendo parte dos currículos do curso normal, como Sociologia educacional (SANTOS, 2004).

A Lei Orgânica do Ensino Secundário, também conhecida como Reforma Capanema, permaneceu em vigor até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961 (SANTOS, 2004).

Com a Lei nº 4.024/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB), a disciplina é considerada componente optativo no curso colegial, podendo existir em meio a diversas outras disciplinas, tanto humanísticas, quanto

científicas ou técnico-profissionalizantes; tendo caráter geral ou específico, como por exemplo, Sociologia da Educação. A nova LDB inovou no sentido de dar possibilidades aos Estados para que tenham certa autonomia na organização das disciplinas e dos conteúdos referentes ao ensino secundário. De acordo com a nova Lei, caberia ao Conselho Federal de Educação indicar cinco disciplinas que seriam obrigatórias em todo o país. Por sua vez, os Conselhos Estaduais de Educação indicariam as disciplinas complementares e optativas (SANTOS, 2004).

No auge do autoritarismo militar, em agosto de 1971, a Lei nº 5.692, Reforma Jarbas Passarinho, modifica toda a estrutura educacional estabelecida pela reforma Capanema, sob influência do Estado Novo. É resultante desta reforma o ensino primário e ginásial em um único ciclo de oito anos; o 1º grau obrigatório para todos os alunos na faixa de 7 a 14 anos, além, da eliminação das divisões existentes no Ensino Médio (secundário, normal e técnico) com a criação de uma escola única, o 2º grau, tendo como objetivo propiciar ao final de três ou quatro anos, uma habilitação profissional “terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, no ensino de 1º grau, e de habilitação profissional, no ensino de 2º grau”².

A Lei nº 7.044³ de 18 de outubro de 1982 altera a Lei Jarbas Passarinho, acabando com a obrigatoriedade da profissionalização no 2º Grau, especificidade da Lei 5.692/71 editada pelos governos militares. A Lei de 82 estabelece a preparação para o trabalho como uma habilitação, inserida quando do interesse do estabelecimento de ensino.

Outra tentativa de inserir a Sociologia no Ensino Médio foi em 1993, através da aprovação do projeto de Lei de Diretrizes e Bases (LDB) na Câmara Federal, apresentando uma emenda do deputado Renildo Calheiros, do Pcdob (partido Comunista do Brasil) de Pernambuco, emenda essa que tornava o Ensino de Sociologia obrigatório em todos os currículos de Ensino Médio do país. Esse projeto de Lei (LDB) foi amplamente discutido e aprovado no Congresso. Contudo, no Senado Federal, o substitutivo Darcy Ribeiro derrubou a proposta (MOTA, 2003).

²Reforma Jarbas Passarinho, Lei nº 5.692 de 11/08/1971, Art. 5º. Parágrafo 2º alínea a). Disponível em:

<<http://www6.senado.gov.br/sicon/ListaReferencias.action?codigoBase=2&codigoDocumento=102368>>. Acesso em 07 de outubro de 2008.

³Disponível em <<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em 07 de outubro de 2008.

Em 2001, outra proposta de inserção da Sociologia, o Projeto de Lei nº 3.178-B, de 1997, de autoria do deputado Padre Roque (Partido dos Trabalhadores do Paraná), que tornaria o Ensino de Sociologia obrigatório no Ensino Médio, foi vetado integralmente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

O processo de reivindicações somente alcança seu objetivo com a aprovação da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio, em sete de julho de 2006, através do parecer nº. 38/2006, do Conselho Nacional de Educação, dando prazo até o final de 2008 para que as escolas cumprissem a legislação introduzindo a disciplina nos seus currículos. Dando sequência aos projetos que solicitavam a implementação da Sociologia como obrigatória, em 2 de junho de 2008 o presidente em exercício José de Alencar sanciona a Lei nº. 11.684 que inclui Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio. A Lei entra em vigor na data da sua publicação, 03 de junho de 2008.

A introdução da Sociologia como disciplina do conhecimento científico, nos currículos das escolas de Ensino Médio de todo o território nacional, reflete uma nova realidade para a Sociologia brasileira. Isto resulta numa série de questionamentos que espelham as preocupações referentes às perspectivas e aos desafios de implementação desta disciplina nos currículos de Ensino Médio, bem como, da sua adaptação, nas escolas que já apresentavam a disciplina nos seus currículos, às exigências da nova Lei que inclui Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nas três séries do Ensino Médio. A Lei entrou em vigor na data da sua publicação, sob o argumento apontado por aqueles que defendiam sua implementação como sendo um projeto de educação que visa a redemocratização e a formação de cidadãos aptos (e críticos) para intervir na formação política e social do país.

Entendemos que a análise da receptividade das escolas, do modo como são elaborados os currículos e selecionados os conteúdos, bem como da ideologia e da visão de mundo que sustentam tanto a introdução da disciplina, quanto a seleção dos

conteúdos são de grande importância para entendermos a inclusão da Sociologia no Ensino Médio como reflexo de seu tempo.

Partimos do pressuposto de que as ideias de uma época nos remetem a uma determinada realidade, e, vice versa, assim, consideramos que as ideias trabalhadas nos conteúdos de Sociologia, da mesma forma que o conhecimento refletido no conteúdo das entrevistas e contido nos Planos de Ensino, reflete as principais dimensões do momento histórico-social vivenciado pelo país. Neste sentido, nos perguntamos: que influências sociais os conhecimentos tratados como relevantes nas escolas de Ensino Médio apresentam?

Teremos como objetivo principal, analisar como as principais dimensões do momento histórico-social, no qual a Sociologia é inserida nos currículos do Ensino Médio no Brasil, se refletem nos discursos dos professores e coordenadores pedagógicos, bem como, nos temas contidos nos Currículos de Sociologia das escolas particulares de Ensino Médio.

Para a realização desta, selecionamos 18 escolas particulares de Ensino Médio da Cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

A opção pelas escolas particulares derivou dos procedimentos mais ou menos homogêneos de gestão acadêmica desse tipo de instituição. Por razões operacionais, consideramos que a comparação com as escolas públicas, embora relevante, deveria ser postergada para estudos futuros.

A entrevista com os professores terá por objetivo identificar os conteúdos trabalhados por eles e a relevância dos temas e teorias trabalhados, para a compreensão da realidade social contemporânea. Através desta entrevista buscaremos também, identificar a existência ou não de autonomia dos professores e saber se existe um currículo oculto na escola ou se o currículo oficial existente contempla, de acordo com os professores, os conteúdos considerados relevantes para serem trabalhados em Sociologia.

Nossa escolha de entrevistar os coordenadores pedagógicos das escolas deveu-se ao fato de que são eles que acompanham os processos de elaboração dos currículos e também são eles os responsáveis pela relação entre professores, alunos e direção. Dessa forma, os coordenadores serão uma importante fonte para

esclarecer se houve conflitos entre os professores, no momento da inclusão da Sociologia nas escolas; se houve resistência à inclusão da disciplina por parte dos alunos, da direção ou pela comunidade (pais); se a inclusão da Sociologia ocorreu em detrimento de outras disciplinas das Ciências Humanas, bem como, se os professores possuem autonomia para trabalhar nas aulas de Sociologia conteúdos considerados essenciais para serem administrados pela disciplina aos alunos de Ensino Médio, e, ainda, se existe controle dos conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula. Estas informações serão preciosas para complementar e fortalecer as entrevistas que realizaremos com os professores, por apresentarem características do nosso campo de pesquisa e refletirem a condição de implementação da disciplina.

Outra fonte de dados para a nossa pesquisa, serão os currículos de Sociologia, dessas escolas. Com a análise desses documentos pretendemos identificar quais são os temas mais trabalhados em sala de aula e que refletem aspectos da realidade contemporânea, aspectos histórico-sociais da atualidade brasileira. Queremos saber, também, se o conteúdo indicado pelos professores está presente no currículo ou se é possível perceber a existência de um currículo oculto.

A metodologia que utilizaremos em nosso trabalho é a análise de discurso. O aspecto relevante desta metodologia é a preocupação com as condições de produção e apreensão de significados, levando em consideração que toda comunicação compõe seu sentido a partir do contexto histórico e no sistema linguístico em que é produzida.

A análise do discurso surge nos anos sessenta, tendo como criador o filósofo francês Michel Pêcheux. Ela surge como proposta de substituição para a análise de discurso tradicional. De acordo com Minayo (1994, p. 211), a análise de discurso propõe uma articulação entre três linhas do conhecimento:

- a) O materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações estando incluída aí a ideologia; b) a Linguística enquanto teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; c) a Teoria do Discurso como determinação histórica dos processos semânticos.

Segundo a autora, essas três linhas do conhecimento ainda estariam perpassadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, essa teoria seria responsável por explicar o caráter recalcado da formação de significado. Ou

seja, aquilo que teve seu significado oculto dentro do processo de formação do conhecimento.

De acordo com Willian Soto (1998), existe um interesse muito reduzido em utilizar o método da Análise de Discurso pela Sociologia. Entre outras razões isso pode ser explicado, segundo o autor, pelo domínio ainda insuficiente da teoria e das técnicas linguísticas, importantes para quem pretende fazer uso do método.

Acreditamos que a apropriação do conceito de discurso pelas Ciências Sociais provocará um questionamento e uma desorganização de modelos teóricos dominantes porque considerar o discurso como objeto de estudo das Ciências Sociais significará lidar também com o conceito de ideologia e porque o conceito de discurso rompe com a falsa dicotomia entre o real e o aparente, entre o material e o pensamento (SOTO, 1998, p. 162).

Segundo o autor, mesmo sendo incompleto, é o texto que apresenta o discurso como um todo e por isso ele é passível de interpretação.

Um texto pode ser uma simples palavra, um conjunto de frases ou um documento inteiro. O discurso é um conceito teórico metodológico, relacionado com as condições sociais de sua produção e com o contexto da linguagem. O texto é o discurso concreto, objeto inacabado, a ser analisado e interpretado (CORTES, 1998, p. 37).

Soto (1998) lembra que o discurso, como totalidade, reflete tanto relações de força (os lugares sociais e a posição relativa do locutor e do interlocutor); relações de sentido (interligação existente entre este e vários discursos, o coro de vozes que se esconde em seu interior); relação de antecipação (experiência anteprojetada do locutor com relação ao lugar e a reação de seu ouvinte).

A linguística, outra linha de conhecimento relevante para a Análise do Discurso, é tributária de Saussure⁴. Para ele, no momento em que a língua passa a ser pensada como um sistema, ela deixa de ser considerada pela sua condição de apresentar sentido. Dessa forma, a importância não está no que cada parte significa, mas em que regras tornam qualquer parte possível. No entanto, o estudo do discurso não pode ser interpretado como um ramo da linguística. É um estudo das formas que sujeitos históricos manifestam as suas condições de existência: “o sujeito do discurso

⁴ Teórico do estruturalismo. Mais informações em Saussure, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix., 1979, 15^o ed.

é perceptível nas práticas sociais que devem ser entendidas como produção social de sentido” (SOTO, 1998, p. 163).

A análise de discurso e a Sociologia do Conhecimento, fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa, possuem estreita relação por considerarem relevante o contexto de produção do discurso e do conhecimento.

Em sua obra *Ideologia e Utopia*, Mannheim (1968), teórico da Sociologia do Conhecimento, afirma que conhecer o processo histórico-social em que uma determinada afirmação surgiu, é essencial para se compreender o conhecimento. O autor afirma que é possível, ao observar um importante número das afirmações concretas dos seres humanos, conhecer quando e onde foi seu surgimento e quando e onde foram formuladas tais afirmações.

É essa perspectiva de análise proposta pela Sociologia do Conhecimento que buscaremos contemplar em nosso trabalho, relacionando a inclusão da Sociologia no Ensino Médio brasileiro, com o momento histórico-social do período em que ocorreu, através da análise do discurso do material empírico.

A técnica que utilizaremos para colher os dados empíricos será a entrevista estruturada realizada com os professores de Sociologia das escolas particulares de Ensino Médio, bem como, uma entrevista com os coordenadores pedagógicos das escolas particulares de Ensino Médio da cidade de Porto Alegre .

Faremos também a análise documental dos Currículos de Sociologia do Ensino Médio dessas escolas. Todos os documentos analisados serão apresentados - na íntegra - como apêndice ou anexo deste trabalho.

Em nosso primeiro capítulo apresentaremos os processos de inclusão e retirada da Sociologia, como reflexo do seu tempo. Este capítulo abordará aspectos da inclusão da Sociologia, como disciplina do conhecimento científico, no Brasil, e também, da inclusão da disciplina no Rio Grande do Sul, bem como, considerações sobre a elaboração de currículos.

No capítulo seguinte, desenvolveremos o referencial teórico do nosso trabalho. Partiremos da abordagem de aspectos sobre a origem da Sociologia do Conhecimento, a partir dos autores: Valmireh Chacon (1934); Karl Mannheim (1968); Robert K. Merton (1967). Posteriormente, trataremos de explicitar como a Sociologia

do conhecimento busca estabelecer uma relação entre conhecimento e existência, através dos autores Karl Mannheim (1968), Thomas Luckman e Peter Berguer (1978), e, Pierre Bourdieu (2005). Por fim, apresentaremos considerações metodológicas da Sociologia do Conhecimento a partir de Karl Mannheim (1968) e Robert K. Merton (1968).

No terceiro capítulo, apresentaremos aspectos do processo de globalização, inerentes à sociedade contemporânea.

Nosso quarto capítulo apresentará e analisará os dados da pesquisa empírica. Procuraremos evidenciar a partir da análise dos discursos, a presença de elementos que revelam as principais dimensões do momento histórico-social em que o Ensino da Sociologia foi finalmente implementado no Brasil.

Capítulo I

1. INTRODUÇÃO DA SOCIOLOGIA, COMO DISCIPLINA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS.

Neste capítulo apresentamos aspectos histórico-sociais dos processos que culminam com a inclusão e retirada da Sociologia, dos currículos de Ensino Médio, em diferentes momentos da realidade brasileira. Este capítulo aborda aspectos de inclusão da Sociologia, como disciplina do conhecimento científico, no Brasil, e também, da inclusão da disciplina no Rio Grande do Sul, bem como, considerações sobre a elaboração de currículos.

Em vários momentos da realidade brasileira, a Sociologia, como aparece na introdução, foi proposta como disciplina obrigatória nos currículos. Num primeiro momento, sequer chegou a ser incluída. Posteriormente, acabou fazendo parte dos currículos, para ser novamente retirada no período ditatorial, quando os interesses daqueles que dirigiam o país estavam mais em controlar a população, reforçar os valores morais com disciplinas como *Moral e Cívica*, do que desenvolver um raciocínio crítico através do ensino da Sociologia.

No Brasil, o surgimento da Sociologia, como uma descoberta intelectual, ocorreu paralelamente com o aparecimento desta, na sociedade europeia. Isso teria ocorrido pelo fato do país ser um dos países com povos culturalmente dependentes, o que resultava na existência de um intercâmbio acentuado de produções intelectuais estrangeiras. Cada achado tornava-se amplamente conhecido em nosso país, tão logo pudesse ser reelaborado e distribuído. Em decorrência disso, podemos observar em autores brasileiros, escritos sociológicos que remontam ao período da divulgação da obra de Comte e de outros autores pioneiros da Sociologia (FERNANDES, 1980).

No entanto, o período compreendido entre 1880-1930 é reconhecidamente marcado por uma Sociologia praticada por intelectuais não especializados, que demonstram seus interesses direcionados para a formação de princípios teóricos ou para uma interpretação global da sociedade brasileira (CANDIDO, 1959). Datam

deste período, inúmeras obras da literatura brasileira que são reconhecidas por profissionais da Sociologia por apresentarem de forma relevante estudos sociológicos. Dentre elas, uma obra que destacamos é: “Os Sertões”, de 1902, do escritor Euclides da Cunha, reconhecida como o primeiro ensaio de descrição sociográfica, e de interpretação histórico-geográfica do meio físico e dos tipos humanos e suas condições de existência no Brasil. Mesmo sem podermos afirmar que houve intenção sociológica por parte do autor, a obra representa um marco para a Sociologia brasileira, servindo como divisor do desenvolvimento histórico-social da Sociologia no país.

(...) Nesse sentido, era condição iniciar o seu ensino, sem o qual não haveria possibilidade de formar os sociólogos profissionais e, de maneira mais lata, quadros intelectuais tecnicamente preparados, livres dos caprichos do autodidatismo – que não convém vituperar, porque foi o grande recurso do nosso progresso mental; mas que em nossos dias vai perdendo campo, como etapa vencida pelas próprias exigências desse progresso (CANDIDO, 1959).

Assim como Antônio Cândido (1959), Fernandes (1980), também apresenta as suas considerações sobre o desenvolvimento da Sociologia no país, ele faz uma periodização deste processo dividindo-o em três momentos. O primeiro teria sido marcado pelo autodidatismo e seu início foi no final da segunda metade do século XIX, correspondendo, portanto, à desagregação social do escravismo. O propósito não era fazer investigação sociológica, propriamente dita, mas considerar os fatores sociais nas relações entre o direito e a Sociologia, a literatura e o contexto social, o Estado e a organização social.

A segunda fase teria início no começo do século XX, período em que a Sociologia foi marcada pela análise histórico-geográfica e sociológica da realidade. Podemos identificar neste período, claras intenções de intervenção racional no complexo social, a Sociologia inspirava-se num modelo de análise histórico-pragmático. Finalmente, num terceiro período, mais consolidado no pós-guerra, a característica predominante era subordinar o trabalho intelectual ao estudo dos fenômenos sociais com padrões científicos sistemáticos.

Quando tratamos, entretanto, de uma Sociologia do ensino da Sociologia, isto é, uma Sociologia do Conhecimento, voltada ao ensino desta disciplina, é importante

levamos em consideração o aumento das publicações de livros didáticos, ocorrido no mesmo período da institucionalização da disciplina no país. Em pesquisa realizada por Meucci (2000), a autora afirma que mais de vinte livros didáticos de Sociologia foram editados no período que compreende aos anos de 1931 e 1948, sendo que, nas décadas anteriores não mais do que quatro obras teriam sido publicadas e as mesmas dedicadas ao ensino da Sociologia para alunos do curso de Direito⁵.

O aumento das publicações coincide com o período de institucionalização das disciplinas de Ciências Sociais no Brasil. Conforme consta na periodização histórica, foi em 1928 a introdução da disciplina de Sociologia nos cursos secundários e nas escolas normais de Pernambuco; também em 1928, no Rio de Janeiro e, em 1933, em São Paulo. Ainda em 1933, ocorre a criação dos cursos de Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política, na Universidade de São Paulo e no ano de 1935, na Universidade do Distrito Federal (MEUCCI, 2000).

O período em que houve a introdução da Sociologia no país é marcado por uma importante realidade de efervescência e renovação. Em uma entrevista publicada em 2001⁶, Antônio Cândido afirma que a década de 1930 foi de grande efervescência social e alternativas apaixonadas para a juventude, levando-na à politização, tanto pelos acontecimentos brasileiros, quanto pelos acontecimentos internacionais, especialmente a expansão do fascismo, o advento do nazismo e a admiração que gerava a União Soviética. É nesse contexto que, no Brasil, a Sociologia foi institucionalizada, e o fato da Sociologia suscitar um espírito crítico e analítico em relação às instituições gerava desconfiança por parte dos conservadores. Dessa forma, embora o período fosse coberto por grandes esperanças de renovação, de popularização da cultura, permaneceu certo radicalismo por parte da população mais conservadora, que considerava comunistas aqueles envolvidos no movimento de renovação do ensino. Entre eles, estariam os idealizadores da Escola Nova: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Mário de Andrade, entre outros.

⁵ Mais informações sobre os livros publicados e seus conteúdos em MEUCCI, Simone. Os primeiros manuais didáticos de sociologia no Brasil. Unicamp, 2000.

⁶ Entrevista feita em 19 de agosto de 1987, no Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo - Idesp. Revista pelo autor em julho de 2001. Transcrita e editada por Heloisa Pontes. Publicada na Revista brasileira de Ciências Sociais vol.16 nº 47 São Paulo Oct. 2001.

Modernismo, cultura popular, Sociologia, socialismo, regeneração do Brasil, tensão entre direita-esquerda - tudo isso surgiu ligado ao nacionalismo e ao profundo interesse pelas coisas brasileiras. Foi um período extraordinário, e nele vigorou a idéia de institucionalização acadêmica das ciências sociais, idéia que já vinha amadurecendo desde os anos de 1920 (Candido, 2001⁷).

Liedke (2005) converge com os motivos apresentados por Cândido (2001) e afirma que diversos foram os fatores que levaram à implementação e a consolidação da Sociologia no Ensino Brasileiro, dentre eles: em 1918, o primeiro surto industrial, resultante da primeira guerra mundial; as transformações econômicas e sociais resultantes deste surto; além, da revolução de 1930, que foi provocada por todas essas mudanças e contribuiu para intensificá-las repercutindo nas esferas culturais, que “devem estar na origem da nova atitude crítica na mentalidade das elites novas, dos movimentos de renovação em diversos setores, como nos das letras e das artes, da educação e da política, e do interesse crescente pelos estudos científicos das realidades sociais” (LIEDKE, 2005, p. 04).

Foi no contexto que apresentamos acima, que, a partir dos anos 1930 a Sociologia definiu-se como componente curricular independente e de interesse para a formação de professores para o ensino primário, ganhando assim espaço para o campo da Sociologia no Brasil (PEREZ, 2002).

A primeira reforma de Ensino que pretendia a inclusão da Sociologia, como já apresentamos na introdução, foi a Reforma Benjamin Constant, que proporcionou o desenvolvimento dos ensinos de 1º e 2º graus e as disciplinas que seriam ministradas: nos 1º, 2º, 3º anos, a Matemática seria a disciplina central; no 4º ano seria a Astronomia; no 5º ano a Física e a Química; no 6º ano a Biologia e no 7º ano “a Sociologia viria como síntese da evolução das ciências estudadas nos anos anteriores” (SANTOS, 2004 p. 136). Podemos perceber claramente a influência de Comte e do positivismo no modelo empregado pela reforma,

Eis a grande mas, evidentemente, única lacuna que se trata de preencher para constituir a filosofia positiva. Já agora que o espírito humano fundou a física celeste; a física terrestre, quer mecânica, quer química; a física orgânica, seja vegetal, seja animal, resta-lhe, para terminar o sistema das ciências de

⁷ *Idem* ao anterior.

observação, fundar a *física social*. Tal é hoje, em várias direções capitais, a maior e mais urgente necessidade de nossa inteligência (COMTE, 1983, p.9).

Em Sociologia seriam estudados os princípios reguladores do comportamento racional e científico, importantes para a consolidação da sociedade republicana. Isto explicava o fato da disciplina chamar-se *Sociologia e Moral* e abranger conteúdos como: elementos de Economia Política (produção de riquezas, trabalho, consumo, capital, impostos e orçamento) e noções de Direito Pátrio, organização política, administrativa, judicial e econômica do Brasil, (Direito Civil e Direito Comercial). Os mesmos conteúdos seriam também trabalhados no Ensino Primário, porém, como noções básicas (Santos, 2004).

A “Reforma Benjamin Constant” apresentava traços do posicionamento deste, como idealizador do positivismo do grupo militar responsável pela proclamação da República. Com base nas leis da evolução social, construída por Comte, esperava-se que a ordem nascida com a Proclamação da República seria de caráter científico, diferentemente da ordem imperial de natureza teológica. Para a constituição da República, “... seria fundamental na reforma educacional retirar do currículo qualquer resquício da fase metafísica e teológica, como Filosofia e o Ensino Religioso e incluir as disciplinas científicas, tendo como eixo a hierarquia das ciências propostas por Comte” (SANTOS, 2004, p. 137).

[...] no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude (COMTE, 1983, p. 4).

De acordo com Comte, o objetivo da filosofia era a organização das ciências, de forma hierárquica, na base da pirâmide estaria a matemática, em seguida a astronomia, depois a física, a química, a biologia e a Sociologia. Desenvolvimento idêntico ao proposto pela Reforma protagonizada por Benjamin Constant.

As motivações da Reforma Rocha Vaz (1925), que deram início a inclusão da Sociologia no 6º ano, eram semelhantes àsquelas de Benjamin Constant, especialmente no que se refere à preocupação do ensino secundário como momento

para a formação de adolescentes em contraposição ao ensino secundário como preparação para os exames vestibulares.

Da mesma forma que a Reforma Benjamin Constant, a Reforma Rocha Vaz também sofreu várias modificações impulsionadas por uma forte oposição de setores da elite, especialmente ao fim dos exames parcelares e pela instituição do regime seriado. Entretanto, isso não trouxe maiores modificações curriculares.

As modificações curriculares ficaram por conta da Reforma coordenada pelo ministro Francisco Campos, no ano de 1931, que surgiu ligada a um projeto administrativo mais centralizador instalado com a Revolução de 1930. Pela primeira vez a reforma que propunham os Decretos nº 19.890, de 18 de abril de 1931, e o Decreto nº 21.241, de 14 de abril de 1932, do Governo Provisório Revolucionário, tinham um caráter de abrangência nacional. “[...] as reformas educacionais anteriormente citadas somente poderiam atingir o sistema de ensino do Distrito Federal. Para as demais unidades da Federação elas apenas serviam como modelo” (SANTOS, 2004, p. 135).

O que determinou a abrangência Nacional foi a criação, em 1930, do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública⁸, pelo chefe do governo provisório, Getúlio Vargas. A criação do Ministério demonstrou uma valorização do sistema educacional brasileiro.

Francisco Campos, ao assumir o Ministério da Educação e Saúde Pública, ainda em 1930, projetou as Faculdades de Filosofia, Ciências, Letras e Educação. Logo, em 1933, foi criada em São Paulo a Escola Livre de Sociologia e Política e, em 1934, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (SANTOS, 2004).

A Reforma Francisco Campos retomou das duas reformas anteriores, as preocupações no que se refere à identidade da educação secundária, estabelecendo: os estudos seriados para todo o país; frequência obrigatória; normas para a admissão do corpo docente; um sistema de inspeção federal; dividiu o ensino secundário em um ciclo fundamental de cinco anos para formação básica geral dos adolescentes e

⁸Decreto nº 19.402 – de 14 de novembro de 1930. Senado Federal Subsecretaria de Informações. Disponível em <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/>>. Acesso em 6 de novembro de 2008.

um ciclo complementar com três opções, direcionando à preparação para o ingresso nas Faculdades de Direito, de Ciências Médicas e de Engenharia e Arquitetura (SANTOS, 2004).

Na década de 1930, ocorreu também a institucionalização da Sociologia em São Paulo. Ela foi determinante para que surgissem mudanças que definiram novas condições e possibilidades para o crescimento da produção intelectual. Primeiramente, no âmbito local e, posteriormente, o processo foi sendo ampliado para todo o Brasil.

O projeto, anunciado no Manifesto dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo divulgado em 27 de maio de 1933, era ambicioso, mas as primeiras aulas foram ministradas em condições modestas, nas salas emprestadas à noite pela Escola de Comércio Álvares Penteado, no tradicional largo de São Francisco. Só em 1954 seria ocupado, em tempo integral, o casarão da rua General Jardim, 522. Entre as duas datas, consolidou-se o prestígio da Escola de Sociologia e Política (FESPSP)⁹.

O reconhecimento oficial da Escola de Sociologia e Política, pelo governo paulista, como instituição de utilidade pública veio em 1938. Em 1939, a Escola de Sociologia e Política “foi incorporada à Universidade de São Paulo como instituição complementar autônoma, *status* que manteve até o início da década de 80” (FESPSP). Porém, “[...] foi o conteúdo pedagógico que garantiu à Escola o respeito e a admiração dos meios intelectuais brasileiros” (FESPSP).

Outro marco importante da trajetória da Escola de Sociologia e Política foi a publicação da revista *Sociologia* (1939-1966), assim como, em 1941, o início dos cursos de pós-graduação. “Paralelamente, começou a desenvolver-se intensa atividade relacionada a estudos e projetos encomendados por órgãos públicos e pela iniciativa privada, que perdura até hoje” (FESPSP).

Azevedo (1977) destaca também a importância do crescimento da pesquisa, a partir de 1936, este crescimento resultou num novo impulso ao desenvolvimento dos conhecimentos sociológicos no país.

Os primeiros alunos que obtiveram titulação universitária em Sociologia aqui no país formaram-se em 1936. É também por este motivo que o período de 1930-1940

⁹Histórico da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo) Disponível em: <<http://www.fespsp.org.br/soc.htm>>. Acesso em 25 de setembro de 2008.

foi considerado transitório para a Sociologia, que começou seu processo de consolidação aproximadamente em 1940, com a generalização da Sociologia como disciplina universitária e atividade socialmente reconhecida, caracterizada por uma produção regular no campo da teoria, da pesquisa e da aplicação (CANDIDO, 1959).

Assim com em Cândido (1959), também para Liedke (2005) “As tentativas, de relacionar o ensino e a pesquisa em Sociologia, ainda que limitadas e parciais em ambas as instituições, demarcam o início da chamada etapa da Sociologia científica, a qual viria a ter seu apogeu em fins dos anos de 1950” (LIEDKE, 2005).

Liedke (2005) considera que a redemocratização gerada em 1945, e, especialmente, as mobilizações político-ideológicas dos anos 50 e 60, geraram condições para a expansão do ensino e da pesquisa em Sociologia no país.

A partir da década de sessenta, com a emergência de novos regimes autoritários na América Latina, vários impactos foram gerados, no que diz respeito à prática sociológica, esses impactos foram considerados como “obstáculos’ à consolidação da Sociologia científica” (Germani, 1969; Fernandes, 1977, *apud*, Liedke, 2005).

A revogação da Lei Jarbas Passarinho, em 1982, refletiu na educação os resultados da ‘abertura lenta, gradual e segura’ que teve início com o governo Geisel e prosseguiu durante o governo Figueiredo. Serviu, também, como um indicativo da crise do modelo econômico denominado ‘Milagre Brasileiro’, o qual tinha sido responsável pela transformação do Ensino Médio em ensino profissionalizante, com o interesse de formar mão-de-obra técnica para o ‘Brasil Potência’ (MORAES, 2003, p. 7).

1.1 A IMPLEMENTAÇÃO DA SOCIOLOGIA NOS CURRÍCULOS DO ENSINO MÉDIO.

De acordo com o nosso cronograma histórico, presente na introdução deste, a Sociologia ingressou no sistema regular de ensino brasileiro em 1925, inserida no currículo da 6ª série ginasial cursada por aqueles interessados em obter o diploma de

Bacharel em Ciências e Letras (MEUCCI, 2000). No entanto, a consolidação da Sociologia como disciplina pertencente aos currículos de Ensino Médio ocorreu em 1928, nas escolas de formação de professores, sob o título de Sociologia da Educação, nos Estados do Rio de Janeiro e Pernambuco.

A inclusão da Sociologia nas escolas de todo o país ocorreu em 1931, em decorrência da criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. A Sociologia ingressou no quadro geral de matérias exigidas para os cursos complementares, dedicados ao preparo dos alunos para o ingresso nas faculdades e universidades, pois, nesta época, era conhecimento exigido nas provas de admissão para os cursos superiores.

A inclusão da Sociologia como disciplina obrigatória vai ocorrer no segundo ano de cada um dos cursos complementares. Dessa forma, ela faz parte da educação secundária não apenas como um componente de formação geral, mas como uma disciplina para a formação de advogados, médicos, engenheiros e arquitetos (nos cursos complementares) e, para a formação de professores, pelo curso normal (SANTOS, 2004).

A posição da Sociologia no ensino secundário como componente da formação de profissionais liberais e professores, ao que parece, estava relacionada com a concepção de Sociologia dos intelectuais que inspiraram a reforma educacional. Trata-se de uma concepção, diríamos, pragmática, presente de certo modo desde a reforma de 1891 (SANTOS, 2004, p. 135).

É importante destacar que da mesma forma como na Sociologia francesa, também foi via educação que as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia, firmaram-se no Brasil, tendo como pioneiros na educação Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Estes consideravam o ponto de vista sociológico como aquele que supriria de maneira mais adequada às exigências de uma educação voltada para a sociedade. Ou seja, a Sociologia era percebida como uma ferramenta de transformação social (COSTA; SILVA, 2003).

Fernando de Azevedo teve uma influência considerável na luta por uma educação de qualidade. O modelo de educação preconizado por Azevedo, passava pela introdução da Sociologia. Ele é o autor de uma das maiores obras da educação brasileira, intitulada: *Sociologia Educacional*, publicada em 1940. A formação de

Fernando de Azevedo era em Ciências Jurídicas e Sociais, mas ele acabou tornando-se titular de Sociologia na USP, atuando como professor de sociólogos como Florestan Fernandes e Antônio Cândido.

Azevedo também foi reconhecido por sua atuação política, especialmente porque redigiu, em 1932, o Manifesto dos pioneiros da Educação Nova¹⁰, dirigido à Nação e ao governo Vargas, documento este, que colocou a educação como o problema nacional de maior importância para o país. O Manifesto termina com o parágrafo:

Mas, de todos os deveres que incumbem ao Estado, o que exige maior capacidade de dedicação e justiça e maior soma de sacrifícios; aquele com que não é possível transigir sem a perda irreparável de algumas gerações; aquele em cujo cumprimento os erros praticados se projetam mais longe nas suas consequências, agravando-se à medida que recuam no tempo; o dever mais alto, mais penoso e mais grave é, de certo, o da educação que, dando ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los, entretém, cultiva e perpetua a identidade da consciência nacional, na sua comunhão íntima com a consciência humana (O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932, p. 425)¹¹.

É importante destacar que ainda na década de 1920, os movimentos por uma educação renovada ocorreram e ganharam força nos estados brasileiros. Eles buscavam experiências pedagógicas de forma renovadora. No Rio de Janeiro, então Distrito Federal, o movimento pela educação ocorreu em 1922 e foi dirigido por Carneiro Leão; o movimento de renovação educacional pela reforma de Lourenço Filho ocorreu no Estado do Ceará, em 1923; a reforma educacional por Anísio Teixeira no Estado da Bahia em 1925; a reforma Francisco Campos em Minas Gerais no ano de 1927; além da já citada reforma de Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro em 1932, e também de Carneiro Leão em Pernambuco, em 1928; e a de Lourenço Filho em São Paulo em 1931 (MEUCCI, 2000).

De fato o objetivo mais amplo era que a Sociologia ajudasse na constituição de um novo ambiente intelectual radicalmente distinto daquele marcado pelo bacharelismo, pelo pensamento formal, pela cultura geral e vaga, em que, era

¹⁰ O manifesto Escola Nova foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros 25 intelectuais. Veja mais no Manifesto dos pioneiros da Escola Nova disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2010.

¹¹ Disponível em: <http://www.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2010.

possível se discutir os mais variados fenômenos sociais sem nenhuma proposta de intervenção na realidade (SANTOS, 2004, p. 140).

Intelectuais como Fernando de Azevedo, entre outros, definiam a Sociologia como conhecimento especializado, apresentado pela evidência dos fatos, comprometido com a formação da nação. Foi essa concepção pragmática que resultou na institucionalização da Sociologia como disciplina do conhecimento científico. No entanto, ao que parece, “a prática de ensino de Sociologia no período em questão fundamentou-se mais na tradição bacharelesca do que no pensamento renovador daqueles que lutaram pela sua institucionalização” (SANTOS, 2004, p. 142).

Diante dos princípios da escola nova, a sugestão era que o ensino de Sociologia buscasse evitar o uso de metodologias típicas da formação tradicional e erudita. Dessa forma, tomariam o lugar das aulas formais e com conteúdos abstratos, atividades que fossem centradas nos alunos podendo ser compostas por seminários, debates, pesquisas e discussões sobre as questões sociais brasileiras.

Mas, a realidade institucional do período, marcada pela ausência de instituições de pesquisas sociais e a falta de cursos superiores de Ciências Sociais consolidados, implicou numa incipiente quantidade de estudos de métodos e técnicas que favorecessem um ensino de Sociologia voltado à formação para a sociedade (MEUCCI, 2000).

1.1.1 A retirada da Sociologia dos Currículos do Ensino Médio brasileiro

Decretado o Estado Novo em 1937, ganhou maior força o pensamento católico conservador, em detrimento do pensamento renovador proposto pela Escola Nova. Alceu Amoroso Lima, representante importante do pensamento católico, assumiu a Reitoria da Universidade do Distrito Federal em lugar de Afrânio Peixoto, signatário do Manifesto da Escola Nova. Neste contexto e seguindo o direcionamento do pensamento católico, foi instituída a Reforma Capanema (SANTOS, 2004).

Foi a Reforma Capanema, ou Lei Orgânica do Ensino Secundário, que teve por objetivo, entre outros, desobrigar a disciplina de Sociologia nas escolas secundárias.

A reforma Capanema, promulgada em 1942, instituiu um primeiro ciclo de quatro anos de duração do Ensino, denominado ginasial, e um segundo ciclo de três anos, que poderia ser o curso clássico ou o científico. Por influência da Segunda Guerra Mundial, a Lei instituiu a educação militar para os alunos do sexo masculino, com diretrizes pedagógicas fixadas pelo Ministério da Guerra; reafirmou a educação religiosa facultativa, a educação moral e cívica como matéria obrigatória e a limitação as escolas mistas, recomendando que a educação secundária da mulher se fizesse em estabelecimento de frequência exclusivamente feminina.

Notamos aqui, uma mudança significativa no Ensino Brasileiro, a reforma direcionou o Ensino para um modelo mais conservador, através da diferenciação do curso secundário para homens e mulheres, bem como, da introdução da disciplina *moral e cívica* em contraposição à de *Sociologia*.

No ano de 1962, o Conselho Federal de Educação e o Ministério da Educação, foram fontes de publicação de currículos novos para o Ensino Médio, nos quais constavam: o conjunto de disciplinas obrigatórias, complementares e diversas sugestões de disciplinas optativas. A Sociologia não fazia parte de nenhum dos três conjuntos de disciplinas. No entanto, na Resolução nº 7, de 23 de dezembro de 1963, do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, a Sociologia fazia parte como disciplina optativa, nos cursos clássicos, científico e eclético (SANTOS, 2004).

Entre os anos de 1971 e 1982, mesmo continuando optativa, a Sociologia encontrou dificuldades em ser incluída devido ao preconceito existente no período, que confundia Sociologia com socialismo (BARBOSA; MENDONÇA, *apud* MORAES, 2002). Além disso, a disciplina perdia espaço, sendo quase substituída dentro de seu caráter crítico, pelo caráter de tom ufanista da disciplina obrigatória: Organização Social e Política Brasileira (OSPB) (MORAES, 2003).

A decisão de ofertar as disciplinas optativas cabia às escolas. Como estas não dispunham de muitos recursos, geralmente apenas as disciplinas obrigatórias e complementares acabavam sendo mantidas. Assim, ofertar a Sociologia como disciplina era uma possibilidade, mas não se concretizou na maior parte das escolas.

Ao tratar da inclusão da sociologia no Brasil, consideramos importante ressaltar que a realidade da Sociologia no Ensino Superior diferiu da realidade da Sociologia no Ensino Médio, no que se refere à intermitência, pois a disciplina esteve sempre presente na maioria dos cursos do Ensino Superior, ao menos desde os anos de 1920 (MORAES, 2003).

Cabe lembrar que havia a idéia difundida desde a década de 20 que a Sociologia no ensino secundário serviria para formar indivíduos com capacidade de questionar, investigar e compreender a realidade social. Como vimos a prática do ensino dessa disciplina não atingiu esse objetivo, porém a idéia por si só não coadunava com o pensamento das autoridades educacionais dos regimes autoritários. E assim a Sociologia somente retornaria aos currículos em meados da década de 80, no contexto da transição democrática” (SANTOS, 2004, p. 149).

1.1.2 O retorno da Sociologia aos currículos do Ensino Médio brasileiro

Diferente do período anterior, o projeto político dominante para a construção da cidadania na década de 90, era a inclusão do Brasil na competitividade mundial. Levadas em consideração as transformações no mundo do trabalho e o surgimento de novas formas de produção de conhecimento. Esse contexto dá lugar a novas demandas e interesses de vários setores pelas questões relacionadas ao emprego, às novas relações de trabalho advindas dos processos de inserção de novas tecnologias e das conseqüentes flexibilizações. Neste aspecto, Santos (2004), chama a atenção para um aumento na demanda por informações sobre as mudanças na formação profissional; a conseqüente reestruturação do mercado de trabalho; e, o novo perfil de trabalhador que passou a ser exigido.

Foi exatamente nesse contexto, de preocupações com a formação do trabalhador, e, na busca por alcançar um entendimento dessa lógica de um novo paradigma produtivo, que a Sociologia foi inserida na proposta curricular da reforma do Ensino Médio, tendo inclusive, como uma de suas competências a compreensão das “transformações no mundo do trabalho e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudança na ordem econômica” (SANTOS, 2004, p. 158).

A Sociologia cumpriria um papel importante servindo como ferramenta de leitura e compreensão para uma nova realidade social que estava se instaurando. Dessa forma, podemos perceber que a Sociologia voltou ao currículo do Ensino Médio numa reforma vinculada a uma visão pragmática do conhecimento, considerada uma tecnologia importante na preparação dos jovens para o trabalho.

(...) Em consequência preconiza-se nos PCNEM que a Sociologia em sala de aula não seja vista como uma ciência de conceitos e teorias acabadas, mas como um conhecimento reflexivo em permanente renovação devido às atuais mudanças sociais e que por isso é um importante instrumento na solução de problemas decorrentes dessas mudanças (SANTOS, 2004, 169-70).

Uma importante iniciativa para o retorno da Sociologia ocorreu em 1983, no Estado de São Paulo. A Resolução SE nº. 236/83, 'possibilitou a inclusão da Sociologia' na parte diversificada do Currículo, reiniciando um retorno da Sociologia para a grade curricular do ensino secundário, atual Ensino Médio (MORAES, 2003).

No cenário Nacional, três anos após a iniciativa paulista, a Resolução nº. 6, de 1986, com base na Lei 7.044/82, reformulou o Currículo do 2º grau, recomendou a inclusão da Filosofia como disciplina do núcleo comum, e, abriu a possibilidade da existência de cursos acadêmicos e profissionalizantes. Os cursos acadêmicos seriam voltados para a formação geral e os profissionalizantes, seriam ofertados nas escolas que desejassem e tivessem condições.

Na Resolução nº. 6, a Sociologia não estava como disciplina do núcleo comum, no entanto, sua inclusão era uma possibilidade na parte diversificada do currículo, especialmente nos cursos acadêmicos. Para tanto, era necessária apenas a iniciativa do Estado ou mesmo das escolas (MORAES, 2003).

Na nova LDB, promulgada em dezembro de 1996, ocorreu um avanço em direção à implementação da Sociologia como disciplina pertencente aos currículos do Ensino Médio, o artigo 36, parágrafo 1º, inciso III, determinou que: "ao final do Ensino Médio o educando demonstre: domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania".

A promulgação da nova LDB serviu de alento para entidades e profissionais da área, surpreendidos com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM, Parecer CNE/CEB nº 15/98), regulamentadas pela

Resolução CNE/CEB3/98. Os Planos Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, vinham a público pelo próprio governo federal, “incluindo o PCN de Sociologia como parte da ‘Área de Conhecimento Ciências Humanas e suas Tecnologias’ (PCN Nível Médio, 1999)” (MORAES, 2003, p. 8).

Em 2001, conforme já relatado, surgiu uma nova proposta de inserção da Sociologia, dentro de um contexto de redemocratização e luta por cidadania, mas o projeto, após aprovado em outras instâncias, foi vetado integralmente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. No diário oficial da União de 9 de outubro de 2001 foram publicadas as razões do veto: ônus para os estados realizarem a contratação de professores, assim como, a falta de profissionais para atender a demanda de professores nas escolas.

De acordo com Moraes (2004), considerando os últimos 15 anos, haveria profissionais formados suficientes, tanto para atender a demanda gerada pela Sociologia quanto para a demanda da Filosofia. Também de acordo com Moraes (2004), a inclusão da disciplina não elevaria os gastos públicos, pois manteria as mesmas horas aulas, ou seja, teria como consequência apenas um remanejamento interno dos gastos com uma disciplina já existente por outra, no caso, a Sociologia.

Arriscamo-nos a afirmar então, que a questão central, no que se refere à implementação do ensino de Sociologia, não parece, na situação relatada, estar relacionada à falta de “capital cultural”¹² dentro do “campo”¹³ intelectual de sociólogos, ou seja, falta de professores de Sociologia (BOURDIEU, 1992). Possivelmente, foram as motivações político/econômicas advindas do governo e de grupos que o influenciavam que resultaram no veto do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Conforme relatamos em nossa introdução, a aprovação da sociologia como obrigatória, em todo o território Nacional, ocorreu em 2 de junho de 2008, pelo presidente em exercício José de Alencar, ao sancionar a Lei nº 11.684 que incluiu a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio. A nova Lei alterou o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

¹² Conceito de: BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

¹³ *Idem* ao anterior.

(LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. A Lei entrou em vigor na data da sua publicação, 03 de junho de 2008.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) tem aprovada desde 2006, uma resolução que tornou obrigatória a Filosofia e a Sociologia nas escolas de Ensino Médio. No entanto, nesses dois anos (2006/2007), poucas escolas haviam incluído as disciplinas em suas grades curriculares.

Após a aprovação da Lei que obrigou a inserção das duas disciplinas em todos os currículos do território nacional, as escolas precisam adaptar-se e incluir Sociologia e Filosofia nos três anos do Ensino Médio.

De acordo com o ministro Haddad, alguns conselhos estaduais não entenderam a medida como urgente e foi preciso uma Lei para garantir a inclusão. O presidente em exercício José de Alencar ao aprovar a Lei de obrigatoriedade afirmou: "Precisamos [dessas duas matérias] para nos facilitar o exercício e o direito à cidadania", defendeu José Alencar¹⁴. Ao comentar a aprovação o ministro da Educação, Fernando Haddad, afirmou: "essa Lei recupera o direito fundamental de aprender no sentido amplo da palavra, no sentido de se apropriar ao mesmo tempo que se coloca crítica frente ao que se aprendeu".

A inclusão, nos currículos brasileiros, de uma disciplina como a Sociologia, que visa garantir a formação dos jovens através do desenvolvimento do pensamento crítico, dando-lhes garantia de acesso aos direitos e deveres concernentes à cidadania, ou seja, que oportuniza uma formação que capacite o jovem, deixando-o preparado para optar por uma participação ativa nas decisões sociais. Este contexto nos remete a uma preocupação política e social do governo muito diferenciada daquela expressa pelos formatos de educação preconizados pelas Leis anteriores, que apresentavam como prioridade garantir a participação do aluno no processo seletivo do vestibular, ou seja, serviam como passa-porte para o ensino superior. Isso sugere a existência de uma nova configuração social em nosso país, dando lugar para a inserção da Sociologia.

¹⁴ Disponível em <<http://www.andifes.org.br/>>. Acesso em 14 de outubro de 2008.

1.2 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL

O ensino da Sociologia no Rio Grande do Sul apresenta a intermitência observada em nível nacional no que se refere à descontinuidade e fragmentação de sua presença nas escolas do atual Ensino Médio.

Após a criação, em 1930, do Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública, as reformas educacionais propostas pelo Ministro Francisco Campos através dos Decretos nº. 19.890, de 18 de abril de 1931, e o Decreto nº 21.241, de 14 de abril de 1932, do Governo Provisório Revolucionário, têm caráter de abrangência nacional, obrigando a implementação da Sociologia no Estado e em todo o país. As reformas anteriores atingiam apenas o Distrito Federal.

A inclusão da Sociologia, proposta pelas reformas protagonizadas pelo Ministro Francisco Campos, como disciplina obrigatória ocorre no segundo ano de cada um dos cursos complementares. Fazendo parte da educação secundária não apenas como um componente de formação geral, mas como uma disciplina da formação de profissionais como médicos e advogados e, pelo curso normal, na formação de professores.

No Rio Grande do Sul o período que compreende os anos de 1937-1958 foi marcado por experiências significativas no Ensino Secundário de Sociologia, tanto nas escolas normais com a experiência do Instituto de Educação Flores da Cunha; como pelo ensino de Sociologia no colégio Universitário de Porto Alegre (1937-1942) (LIEDKE, Filho, NEVES, 1997)¹⁵.

O surgimento de dois cursos de Ciências Sociais no Estado em 1958 e 1959 representou um crescimento imenso para a Sociologia como disciplina do conhecimento científico. São respectivamente: o curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 1958; e a criação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1959.

¹⁵ Retirado do projeto de inclusão de Sociologia no currículo de 2º Grau no Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, julho de 1998.

O 2º Grau, atual Ensino Médio, vai seguindo as Reformas Nacionais e através do Decreto Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, o Ensino Médio torna-se profissionalizante e a Sociologia, deixa de ser obrigatória, para fazer parte de um rol de 104 disciplinas com caráter optativo.

Após um período de quase duas décadas sem Sociologia, no Rio Grande do Sul, foi em 1988 que o governador Pedro Simon (PMDB) aprovou a Lei 8774 de 23 de dezembro, que obrigava a inclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio do Estado. Embora tenha sido aprovada, a Lei nunca entrou em vigor e as escolas permaneceram sem as duas disciplinas nas grades curriculares.

Antes de finalizado o prazo de um ano, dado pelo parecer 38/2006 de 07 de julho de 2006, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que obrigava a inclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, das 909 escolas de Ensino Médio da rede pública estadual do Rio Grande do Sul, 530 delas já tinham incluído a Filosofia e 321 a disciplina de Sociologia; restavam somente 58 escolas que não apresentavam em seus currículos nenhuma das disciplinas (MEIRELES; RAIZER; IGRASSIA PERREIRA, 2007).

De acordo com a Secretaria Estadual de Educação (SEC), no início do ano letivo de 2007, já estavam em sala de aula 1.135 professores de Filosofia e 679 professores de Sociologia, também havia professores dessas duas áreas de ensino dando aula de outros componentes curriculares, desses, 271 eram professores de Filosofia e 78 eram professores de Sociologia (MEIRELES; RAIZER; IGRASSIA PERREIRA, 2007).

Os autores do trabalho sobre o Ensino de Sociologia citado acima, fizeram também, um mapeamento dos cursos de Ensino Superior em Sociologia, ministrados no Estado do Rio Grande do Sul. Foram identificados 10 cursos de Ciências Sociais, sendo que seis deles são capacitados para formarem Licenciados e Bacharéis, três formam apenas Licenciados e um deles possui capacitação para formar somente Bacharéis em Sociologia. O mapeamento citado leva em consideração apenas os cursos que estão cadastrados e regulamentados junto ao MEC.

1.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

O currículo é um elo entre a declaração de princípios gerais e sua tradução operacional, entre a teoria educacional e a prática pedagógica, entre o planejamento e a ação, entre o que é prescrito e o que realmente se sucede nas salas de aula (COLL, p. 34).

A obra *Psicologia e Currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*, de César Coll (1987), escrito originariamente na Catalunha e publicado em catalão em 1986, surgiu de uma série de iniciativas do Departamento de Ensino da prefeitura da Catalunha. O texto que acabou sendo publicado foi escrito como um modelo de projeto curricular para a elaboração dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) na reforma educacional da Catalunha e, posteriormente, serviu de base para a elaboração, inclusive, dos currículos brasileiros.

O conceito de educação subjacente ao modelo de currículo proposto é tributário dessa proposição, cuja ideia básica consiste na rejeição da tradicional separação entre o indivíduo e a sociedade, que costuma ser introduzida pela análise psicológica. (...) A interação do ser humano com seu meio está intermediada pela cultura desde o próprio momento do nascimento, sendo os pais, os educadores, os adultos e, em geral os outros seres humanos os principais agentes mediadores (COLL, 1987, p. 40).

Devido às diversas oportunidades de estabelecer relações interpessoais com os agentes mediadores, o ser humano desenvolve suas competências cognitivas, no entanto, esses processos sempre surgem primeiramente no plano das relações interpessoais e, justamente por isso, em geral, sofrem influências dos padrões culturais dominantes.

No período de crescimento pessoal, o ser humano torna sua a cultura daquele grupo social do qual faz parte, o desenvolver das competências cognitivas está enraizado ao tipo de aprendizagens específicas, bem como, geralmente ao tipo de práticas sociais dominantes. "Educação, designa o conjunto de atividades mediante as quais um grupo assegura que seus membros adquiram a experiência social historicamente acumulada e culturalmente organizada" (COLL, 1987, p. 41-2). Fazem parte desta experiência os instrumentos cognitivos de natureza simbólica e seus

devidos usos, bem como, os processos psicológicos superiores (competências cognitivas).

As atividades educativas também levam em consideração o volume e o conteúdo real do conhecimento cultural. Nas análises feitas por César Coll, em suas considerações sobre o currículo, a primeira razão de ser de um currículo, seria “a de explicitar o projeto - as intenções e o plano de ação - que preside as atividades educativas escolares” (COLL, 1987, p. 44).

As questões subjacentes ao currículo cabem para todas as áreas do conhecimento, ou seja, todas as disciplinas devem apresentar essas preocupações, tanto no que se refere às intenções e ao plano de ação, bem como, levar em consideração as experiências histórico-culturais, histórico-sociais. No caso da Sociologia que tem como objeto de estudo os grupos sociais, as experiências são muito importantes e fundamentais para uma disciplina que se pretende reflexiva.

Como projeto, o currículo seria um guia para aqueles que são encarregados do seu desenvolvimento, um instrumento para direcionar a prática pedagógica e uma ajuda para os professores de Sociologia no Ensino Médio. Por este motivo, o currículo deveria levar em consideração as reais condições sob as quais o projeto será realizado. Precisa dar conta das intenções, dos princípios e orientações gerais, bem como, da prática pedagógica. O currículo evitaria o hiato existente entre: as intenções, princípios, orientações, e, as práticas pedagógicas. “O currículo, entretanto, não deve suplantiar a iniciativa e a responsabilidade dos professores, convertendo-os em meros instrumentos de execução de um plano prévia e minuciosamente estabelecido” (COLL, 1987, p. 44).

Coll (1987) dividiu em quatro capítulos os elementos que ele considera relevantes para cumprir com êxito as funções de um currículo. O primeiro deveria proporcionar informações sobre o que ensinar; isso incluiria os conteúdos e seus objetivos. O segundo proporcionaria informações sobre quando ensinar, qual a ordem, a sequência dos conteúdos e seus objetivos (na educação formal, encontramos os conteúdos complexos e inter-relacionados e a escola pretende atuar em diversos aspectos do crescimento pessoal do aluno, para isso é necessário optar por uma sequência de ação). O terceiro capítulo deveria proporcionar informações

sobre como ensinar, como estruturar as atividades de ensino/aprendizagem para atingir os objetivos propostos no que se refere aos conteúdos selecionados. Por fim, o quarto capítulo proporcionaria informações sobre o que, como e quando avaliar.

A avaliação é indispensável, ela serve para perceber se a ação pedagógica responde de maneira precisa às intenções que levaram a elaboração do projeto, e leva as correções em caso de necessidade para atingir as intenções desejadas.

Mannheim apresenta preocupações parecidas às de Coll, quando coloca como parte necessária dos currículos, que estes devam conter: “o que se há de ensinar, o quanto deve ser ensinado e onde e como um assunto se liga a outro” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 168).

O que é transmitido à criança no ensino da ciência, não é apenas o conteúdo das descobertas e técnicas, mais importante para as atitudes sociais gerais, uma aura de respeito pelo conhecimento técnico de todos os tipos. Na maioria dos sistemas educacionais mais modernos, o ensino da ciência começa sempre pelos “princípios primeiros”, conhecimento visto como mais ou menos indubitável (GIDDENS, 1991, p. 92).

Além do currículo apresentado pelas escolas, pode existir também um *currículo oculto*. Giroux define *currículo oculto* como um conjunto de normas, valores e crenças impostas e transmitidas através das regras que servem de rotina na sala de aula e na escola. Para Giroux (1997), o *currículo oculto*, pode ser uma forma de a classe dominante manter a sua hegemonia. Para o autor, ao enfatizar a conformidade às regras, à passividade e à obediência, estão se produzindo personalidades dispostas a aceitar também as relações sociais subjacentes à realidade contemporânea das estruturas que governam o mundo do trabalho.

A existência de um currículo oculto nas escolas pode, também, ser um indicativo de que a escola apresenta um currículo diferenciado, um currículo que procura adaptar o currículo oficial, à realidade da escola e dos alunos. Identificar essas diferenças apresentadas em relação ao currículo oficial pode servir de exemplo e como forma de explorar o que de fato acontece nas escolas, para além do currículo apresentado ou defendido pelo MEC através de projeto elaborado por um conjunto de Sociólogos.

Em cada momento histórico-social podemos identificar nos currículos a existência de uma doutrina pedagógica, que vem baseada numa Filosofia de vida, numa concepção de homem e sociedade. Bem como, os currículos são construídos dentro de um contexto, numa realidade social concreta, que gera uma doutrina pedagógica correspondente. A realidade da escola dos anos 1980, pode não ser a realidade apresentada em 2010. Bárbara Freitag (1980), descreve:

Os conteúdos da educação são independentes das vontades individuais; são as normas e os valores desenvolvidos por uma certa sociedade (ou grupo social) em determinado momento histórico, que adquirem certa generalidade e com isso uma natureza própria, tornando-se assim “coisas exteriores” aos indivíduos” (FREITAG, 1980, p. 16).

Os conteúdos dos currículos de Sociologia para o Ensino Médio são elaborados pensando num indivíduo sem vontades individuais, que apenas recebe informações? Ou são produzidos pensando num indivíduo que atua socialmente de forma reflexiva?

No processo educacional o indivíduo é habilitado a atuar no contexto societário em que vive, não simplesmente reproduzindo as experiências anteriores, transmitidas por gerações adultas, mas em vista de tais experiências, sua análise e avaliação crítica, ele se torna capaz de reorganizar seu comportamento e contribuir para a reestruturação e reorganização da sociedade moderna. Tanto o indivíduo como a sociedade são vistos num contexto dinâmico de constantes mudanças (FREITAG, 1980, p. 18).

Bárbara Freitag (1980), descreve uma escola com características de reprodução dos interesses da classe dominante:

[...] a escola, na medida em que qualifica os indivíduos para o trabalho, inculca-lhes uma certa ideologia que os faz aceitar a sua condição de classe, sujeitando-os ao mesmo tempo ao esquema de dominação vigente. Essa sujeição é, por sua vez, a condição sem a qual a própria qualificação para o trabalho seria impossível (FREITAG, 1980, p. 34).

Diferentemente do que aponta Freitag, acreditamos que a Sociologia, como disciplina do conhecimento científico, seja uma das responsáveis pela criação de uma maior reflexividade nos alunos de Ensino Médio. Neste sentido, Antony Giddens, (1991) chama a atenção para a modernidade. Com o advento da modernidade, a

reflexividade é introduzida na própria base de reprodução do sistema. “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45).

Giddens (1991) identifica um caráter de descontinuidade na modernidade. Essas descontinuidades resultantes da vida moderna são observadas em relação ao espaço, ao tempo, bem como na aceleração do ritmo de mudança vinculado às instituições modernas.

O autor salienta que é possível perceber as mudanças da modernidade em todas as esferas da sociedade. A Globalização e suas novas tecnologias oportunizam outras formas de comunicação e virtualmente, as transformações sociais chegam a todo o globo.

Como resultado da globalização, podemos perceber a emergência de uma ordem social em que a tradição, como exemplo de conduta, perde espaço. Os sujeitos passam a ter uma maior liberdade em escolher os rumos de sua vida sem serem obrigados a seguir os padrões tradicionais. Não quer dizer que a tradição desapareceu, apenas que ela deve se explicar e estar aberta tanto para a interrogação quanto para o discurso.

Com a globalização, as atividades cotidianas passam a sofrer influência por acontecimentos ocorridos no outro lado do mundo. Da mesma forma, costumes locais podem apresentar consequências globais: comprar um item de vestuário pode interferir tanto na divisão internacional do trabalho, como nos ecossistemas terrestres.

As incertezas modernas são resultantes do desenvolvimento das instituições modernas. Esse desenvolvimento foi acelerado quando chegamos ao que Giddens (1991) considera ser uma sociedade pós-tradicional, ou seja, quando a tradição perde seu valor inquestionável e passa a ser uma interrogação.

A possibilidade de refletir e decidir, fazer escolhas conscientes, baseadas em conhecimento prévio e novas formas de conhecimentos disponíveis é o que Giddens chamou de reflexividade: a capacidade de refletir numa situação dada e se baseando em conhecimentos ter condições para tomar a decisão correta.

É importante levar em consideração essa complexidade da realidade atual ao pensar o nosso tema. Acreditamos que essa reflexividade conceituada por Guiddens (1991) pode ser estimulada através da presença da Sociologia no Ensino Médio, pois, consideramos que as práticas de Ensino de Sociologia tendem a apresentar um caráter mais reflexivo, condizente com a realidade contemporânea, de globalização, uma vez que essa realidade possibilita acesso a variados tipos de informação e de conformação de realidades histórico-sociais.

No próximo capítulo apresentaremos o nosso referencial teórico.

Capítulo II

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo, apresentamos aspectos da Sociologia do Conhecimento como teoria e como método de análise. Apresentamos autores considerados responsáveis pela elaboração de ideias sobre o condicionamento social do pensamento; ideias que foram sendo sistematizadas e que resultaram num ramo da Sociologia denominado: Sociologia do Conhecimento.

Procuramos demonstrar também, como a Sociologia do Conhecimento tenta encontrar critérios que possam demonstrar as inter-relações entre pensamento e ação e pensamento e existência.

O capítulo está dividido em três momentos: primeiramente tecemos considerações sobre a origem da Sociologia do Conhecimento, de acordo com três autores desta vertente teórica: Valmireh Chacon (1934); Karl Mannheim (1967); Robert K. Merton (1967).

Posteriormente trabalhamos aspectos teóricos da Sociologia do Conhecimento. Abordamos os conceitos de *determinação existencial, ideologia total e ideologia parcial* do autor Karl Mannheim. Os conceitos de *construção social da realidade; linguagem simbólica e papéis*, dos autores Peter Berger e Thomas Luckmann, bem como, os conceitos de *sistema simbólico, habitus e campo*, de Pierre Bourdieu.

Por fim, apresentamos aspectos metodológicos da Sociologia do Conhecimento a partir dos autores Karl Mannheim e Robert K. Merton.

2.1 A ORIGEM DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO

Mannheim (1967), ao tecer considerações sobre os fatores fundamentais que dariam origem ao problema de uma Sociologia do pensamento em nosso tempo, afirma ter sido relevante o fato de pensadores individuais conceberem o pensamento

como algo subordinado a outros fatores mais englobantes. O que caracterizaria uma auto-relativização do pensamento e do conhecimento.

Outra questão colocada como relevante trata-se do racionalismo advindo com o Iluminismo e que encerra um período de consciência religiosa. Também foi fruto deste período o humanismo que surgiu como tentativa de grupos laicos se engajarem em pesquisas no Ocidente. Bem como a ocorrência de uma mudança de mentalidade que vai encontrar formulação refletida no marxismo, e com ele, o 'desmascaramento' da ideologia (MANNHEIM, 1967). No entanto, para ele, a relativização em termos do 'desmascaramento' ideológico tratava apenas de certos itens individuais do pensamento, ainda era parcial o seu objetivo, mas indicava a emergência de um sistema de referência da esfera social, que poderia conceber o pensamento como relativo.

Outro fator que contribuiu para elaborar o problema da Sociologia do Conhecimento foi: "a aspiração de tornar essa relativização total, relacionando não um pensamento ou idéia, mas todo um sistema de idéias a uma realidade social subjacente" (MANNHEIM, 1967, p. 25-6). Ou seja, para o autor, todas as ideias apresentam relação com a realidade histórico-social do momento em que foram criadas.

Ao tratar do surgimento da Sociologia do Conhecimento, Mannheim (1967) credita tal origem a Karl Marx (1818-1883): "A Sociologia do Conhecimento surgiu realmente com Marx, cujas contribuições profundamente sugestivas atingiram o cerne da questão" (MANNHEIM, 1968, p. 329).

Valmireh Chacon (1934) afirma que sempre existiu um condicionamento do pensar, no entanto, credita a Sir Francis Bacon (1561-1626) a vertente mais remota e definida que anuncia a Sociologia do Conhecimento. Para ele, em Bacon que encontramos a antecipação desta vertente teórica na teoria dos "ídola", espécies de lentes interpostas, que deformam a visão do mundo: "ídola tribus" ou pré-juízos propagados em toda a humanidade, como forma de projeção antropomórfica dos conceitos; "ídola specus", indicativo da formação intelectual de cada um; "ídola fori", que sofrem influência de conotações advindas da linguagem, sob as influências

anteriores; por fim, os “idola theatri” resultantes da submissão ao argumento de autoridade (CHACON, 1934).

A existência de um condicionamento social do pensar fica bastante evidente na teoria dos “idola”: um anúncio da Sociologia do Conhecimento. No entanto, para Chacon (1934), é a obra de Émile Durkheim a precursora por excelência da Sociologia do Conhecimento: *Les formes élémentaires de la vie religieuse* (1912). Durkheim propôs retomar o velho problema das religiões, disposto a iluminar o passado e o presente do conhecer. Reconheceu desde o início, que as religiões, igualmente a outras instituições humanas, não apresentam origem exata ou desfecho certo. De acordo com Durkheim, a tarefa sociológica não seria a reconstrução histórica e sim a explicação de uma realidade atual, próxima de nós, que fosse capaz de atingir nossas ideias e nossos atos. O problema de Durkheim acaba por se transformar em uma investigação do pensar social (CHACON, 1934).

A Sociologia do saber admite a superposição de sujeito e objeto permeada pelo social e presente nos dois, pois considera o homem como um ser ao mesmo tempo: individual e coletivo, superando a si mesmo ao realizar sua síntese.

Assim renovada, a Teoria sociológica do Conhecimento parece, pois, convocada a reunir as vantagens opostas das duas teorias rivais, sem ter seus inconvenientes. Ela conserva todos os princípios essenciais do Apriorismo; porém, ao mesmo tempo, se inspira neste espírito de Positividade, ao qual o Empirismo se esforça em satisfazer, ela deixa à Razão o seu poder específico, contudo se apercebendo disto sem sair do mundo observável (DURKHEIM 1912, *apud* CHACON, 1934, p. 38).

É anunciada aqui a Sociologia do Saber como disciplina sistemática, chamada por Durkheim de *Teoria Sociológica do Conhecimento*, tentando resumir a atitude positivista e a atitude criticista, juntando Comte e Kant (CHACON, 1934).

Deixada de lado a metafísica, as categorias passam a ser intra-sociais, mergulhadas no tempo, humanas por definição,

Para saber de que são feitas estas concepções, às quais nós próprios não elaboramos, não bastaria que interrogássemos nossa consciência; é a história que cumpre observar, trata-se de toda uma ciência que se precisa instituir, Ciência complexa, que não pode avançar senão lentamente, mediante um trabalho coletivo, e à qual a presente obra (*Les formes élémentaires de la vie religieuse*) traz, a título de ensaio, algumas fragmentárias contribuições (DURKHEIM 1912, *apud* CHACON, 1934, p. 38).

Para Chacon (1934), a religião seria o objeto ideal para constatar a gênese das categorias, considerada a antiguidade testemunhal do anseio de diversas gerações durante séculos. Através da religião teriam sido criadas as noções de tempo, espaço, gênero, causa, substância e personalidade, desde períodos antiquíssimos.

Para Robert K. Merton (1967) a Sociologia do Conhecimento “surge com a hipótese fundamental de que se responsabilizasse a sociedade mesmo pelas “verdades”, cujas relações com a sociedade histórica de que emergiam tinham de ser estabelecidas” (MERTON, 1967, p. 86). O autor afirma haver uma diversidade de formulações de Marx, Scheler e Durkheim sobre Sociologia do Conhecimento e as mesmas apresentam diferentes abordagens, categorias de leituras e análises. As contribuições de Merton a este trabalho são particularmente quanto à questão do método, como veremos na seção 2.3.

Entre os autores apresentados, que tecem considerações sobre a origem da Sociologia do Conhecimento, podemos perceber que Chacon (1934) relega a Bacon o primeiro anúncio da Sociologia do Conhecimento, no entanto, aponta Durkheim como precursor desta vertente teórica. Mannheim (1968) credita tal origem a Marx, e, para Robert K. Merton, teriam sido vários os autores que apresentaram formulações sobre esta área do conhecimento, entre eles estariam: Marx, Scheler e Durkheim.

No que concerne a esta pesquisa, entendemos que o reconhecimento da relação conhecimento/realidade histórico-social, relatado previamente, fundamenta nossos pressupostos quanto ao fato de o Ensino de Sociologia não estar deslocado dos constrangimentos sociais da época de sua introdução no Brasil.

Na próxima seção, veremos como a Sociologia do Conhecimento busca analisar a relação entre conhecimento e existência.

2.2 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO

Como teoria, a Sociologia do Conhecimento busca analisar a relação entre conhecimento e existência. Como pesquisa histórico-social, procura identificar que

formas o conhecimento assumiu durante a sua existência no desenvolvimento intelectual da humanidade (MANNHEIM, 1968).

A Sociologia do Conhecimento atribuiu a si mesma a tarefa de buscar uma solução para o problema do condicionamento social do pensamento, reconhecendo que existem fatores que condicionam cada produto do pensamento, “reconhecendo ousadamente estas relações, trazendo-as para o horizonte da própria ciência e usando-as para verificar as conclusões de nossa pesquisa” (MANNHEIM, 1968, p. 286).

Para Mannheim (1968), enquanto as questões referentes à influência do condicionamento social permanecem incertas, a Sociologia busca diminuir as conclusões tiradas para aproximá-las das verdades mais pertinentes, aproximando-se cada vez mais do domínio metodológico dos problemas em questão.

O interesse da Sociologia do Conhecimento está nas variadas formas com as quais os objetos se apresentam ao sujeito, nas diferenciadas conformações sociais. “Assim, as estruturas mentais são inevitavelmente formadas diferentemente em conformações sociais e históricas diferentes” (MANNHEIM, 1968, p. 287). Dito de outra forma, a Sociologia do Conhecimento está preocupada com os diferentes sentidos que podem apresentar questões idênticas, em diferentes contextos do desenvolvimento social.

Segundo Mannheim (1968), como teoria, a Sociologia do Conhecimento pode assumir duas formas: primeiramente é uma investigação essencialmente empírica, usa-se da descrição e análise estrutural das formas, através das quais as relações sociais influenciam o pensamento. Posteriormente, pode ser feita uma investigação epistemológica buscando o significado desta inter-relação para o problema da validade. Essas duas indagações não estão ligadas. Os resultados empíricos podem ser aceitos sem as conclusões epistemológicas (MANNHEIM, 1968).

De acordo com o aspecto puramente empírico da investigação da determinação Social do Conhecimento, a Sociologia do Conhecimento é apresentada como uma teoria da determinação do social ou existencial sobre o pensamento efetivo. A determinação existencial do pensamento é um fato demonstrado em domínios de pensamento demonstráveis:

a) que o processo de conhecer de fato não procede da 'natureza das coisas' ou das 'possibilidades puramente lógicas', e que não é dirigido por uma 'dialética interna' (MANNHEIM,1968, p. 289).

Tanto o surgimento, quanto a acomodação do pensamento efetivo sofrem influências decisivas de fatores extra teórico variados. Esses fatores são chamados existenciais em contraposição aos fatores teóricos. A determinação existencial do pensamento será considerada um fato se:

b) a influência desses fatores existenciais sobre o conteúdo concreto do conhecimento for de importância não apenas periférica, se eles forem relevantes não só para a gênese de idéias, mas penetrarem em suas formas e conteúdo e se, além disso, determinarem decisivamente o alcance e a intensidade de nossa experiência e de nossa observação, isto é, aquilo a que nos referimos anteriormente como a 'perspectiva' do sujeito (MANNHEIM,1968, p. 289).

Ao considerarmos os processos sociais que influenciam o conhecimento, um número crescente de casos torna evidente que: qualquer formulação de um problema só é possibilitada por uma experiência humana própria efetiva que envolve o problema; que fazer uma escolha numa multiplicidade de dados implica um ato de vontade do sujeito que quer conhecer; que as forças que surgem da experiência vivida são representativas para a direção que o tratamento do problema tomará. Ou seja, um sujeito que quer conhecer uma realidade já possui um conhecimento sobre o assunto, gerado por uma experiência que o fez escolher aquele tema ao invés de outro dentro de uma infinidade de temas, assim como, também, é a sua experiência que vai moldar e direcionar o tratamento do problema.

Para Mannheim (1968), o processo histórico-social é de essencial importância para a maioria dos domínios do conhecimento. Para o autor, é possível observar no tocante a um importante número das afirmações concretas dos seres humanos, quando e onde foi seu surgimento e quando e onde foram formuladas tais afirmações. Através do processo histórico-social, seria sempre possível identificar, em uma obra das Ciências Sociais, se a mesma foi inspirada pelo positivismo, pelo marxismo, etc. Assim como, saber de qual estágio do desenvolvimento das referidas linhas de pensamento ela é advinda.

A Sociologia do Conhecimento “busca compreender o pensamento no contexto concreto de uma situação histórico-social, de onde só muito gradativamente emerge o pensamento individualmente diferenciado” (MANNHEIM, 1968, p. 17). Assim, o pensar do homem ocorreria em certos grupos que teriam desenvolvido uma forma particular de pensamento. Numa busca sem fim por respostas a algumas situações comuns e características da posição em que o grupo se encontra.

Podemos dizer então, que as forças vivas e atitudes reais subjacentes às atitudes teóricas, surgem dos objetivos coletivos de um grupo, sendo subjacente ao pensamento do indivíduo que apenas participa da visão prescrita. Fica clara, então, a impossibilidade em apreender de forma correta grande parte do pensar e saber, sem observar suas conexões com a existência ou com a pertinência das questões sociais da vida humana.

Para Mannheim a Sociologia do Conhecimento se origina em Karl Marx, como abordamos na seção anterior, no entanto, na obra de Marx a Sociologia do Conhecimento ainda é indistinguível do desmascaramento das ideologias,

[...] para ele, os estratos e classes sociais eram os portadores de ideologias. Além do mais, apesar de aparecer no interior do quadro de uma dada interpretação da história, a teoria da ideologia não fora ainda consistentemente elaborada. A outra fonte da moderna teoria da ideologia e da Sociologia do Conhecimento pode ser encontrada nos rasgos intuitivos de Nietzsche, que combinou observações concretas neste campo com uma teoria de impulsos e uma teoria do conhecimento que fazia lembrar o pragmatismo. Também ele realizou imputações sociológicas, utilizando como categorias principais as culturas ‘aristocráticas’ e ‘democráticas’, atribuindo a cada uma certos modos de pensamento (MANNHEIM, 1968, p. 329).

Somamos à formulação do problema social central desenvolvido por Marx e herdado pela Sociologia do Conhecimento, dois conceitos-chaves: o conceito de “Ideologia”, bem como o conceito de “falsa consciência”. No entanto, no que se refere à ideologia, Mannheim foi além de Marx, pensando na ideologia, não apenas como pensamento do adversário, mas como o pensamento do próprio ser social.

As ideologias são idéias situacionalmente transcendentais que jamais conseguem de fato a realização de seus conteúdos pretendidos. Embora se tornem com frequência motivos bem intencionados para a conduta subjetiva do indivíduo, seus significados, quando incorporados efetivamente à prática, são, na maior parte dos casos, deformados (MANNHEIM, 1968, p. 218).

De acordo com Mannheim (1967), as ideologias podem seguir uma concepção particular (parcial), que pretende que um ou outro interesse possa ser a causa de certa mentira ou ilusão (aspecto psicológico) ou a concepção total, que pretende apenas a existência de relação entre uma determinada situação social e uma determinada perspectiva.

Conseqüentemente, ambas as concepções da ideologia fazem das chamadas 'idéias' uma função de quem as mantém, e de sua posição em seu meio social. (...) As idéias expressadas pelo indivíduo são dessa forma encaradas como funções de sua existência. Isto significa que opiniões, declarações, proposições e sistemas de idéias não são tomados por seu valor aparente, mas são interpretadas à luz da situação de vida de quem os expressa (MANNHEIM, 1968, p. 82-3).

Os conceitos de ideologia particular e total, como relevantes na construção do conhecimento, traduzem um ataque frontal ao Iluminismo. A Sociologia do Conhecimento de Mannheim (1968), propunha explorar o modo como os fatores históricos e culturais moldavam o pensamento dos seres humanos, através de uma análise das condições de emergência desses conhecimentos, a partir da sua reflexividade.

A última e a mais importante etapa de criação da concepção total de ideologia surgiu igualmente do processo histórico-social. Quando a 'classe' tomou o lugar do 'folk' ou da nação, como portadora da consciência historicamente em evolução, aquela mesma tradição teórica, a que já nos referimos, absorveu a noção de que a estrutura da sociedade e suas formas intelectuais correspondentes variam com as relações entre as classes sociais (MANNHEIM, 1968, p.94).

É particularmente importante para esta pesquisa retermos a ideia originalmente desenvolvida por Mannheim quanto à ideologia como pensamento do próprio ser social, ou seja, como pensamento moldado por fatores históricos e culturais.

Peter Berger e Thomas Luckmann (1978) concordam com os demais autores acima tratados no que se refere ao ponto de vista de uma Sociologia do Conhecimento ocupada com tudo aquilo que envolve o conhecimento na sociedade, independente da validade deste conhecimento.

Para eles, a Sociologia do Conhecimento deve ocupar-se com o que os homens 'conhecem' como 'realidade' na sua vida cotidiana, dito de outra forma, a Sociologia do Conhecimento deve tratar da construção social da realidade:

[...] o 'conhecimento' do senso comum, e não as 'ideias' deve ser o foco central da Sociologia do Conhecimento. É precisamente este 'conhecimento' que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 29-30).

Para eles (...) "A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente" (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 29-30). Esta realidade foi tomada pelos sociólogos da Sociologia do Conhecimento como objeto para a sua análise.

A realidade da vida cotidiana é experimentada em diversos graus de proximidade e afastamento tanto no espaço quanto no tempo. A mais próxima é a do mundo que está ao nosso alcance. O mundo em que atuamos buscando alterar a realidade, o mundo em que trabalhamos. Neste mundo em que trabalhamos, nossa consciência está voltada para aquilo que estamos fazendo, aquilo que fizemos ou aquilo que planejamos fazer nele. Este é o nosso mundo por excelência (BERGER; LUCKMANN, 1978).

(...) O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem em suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e não na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 36).

Na vida cotidiana, é a linguagem que marca as direções pelas quais seguimos na nossa vida em sociedade, enchendo-a de objetos dotados de significados. De acordo com Berger e Luckmann (1978), a realidade da vida diária se apresenta como uma realidade ordenada. Os fenômenos se apresentam dispostos de tal modo que aparentam ser independentes do conhecimento que temos deles e que se impõem para a nossa apreensão. "A Linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas

adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim” (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 38).

O lugar onde vivemos é geograficamente determinado, os instrumentos dos quais fizemos uso tem denominação e usos comuns na nossa sociedade. As relações humanas também são sistematizadas por um vocabulário próprio de cada realidade. É através da linguagem que se torna possível ultrapassar o limite espacial, temporal e social. Além de ser utilizada para a comunicação atual, ela torna possível objetivar diversas experiências que vamos tendo ao longo de nossas vidas. Desta forma, a linguagem nos serve para compilarmos significados e experiências que serão preservadas no tempo e transmitidas para as gerações futuras (BERGER; LUCKMANN, 1978).

Um tema significativo que compreende esferas da realidade pode ser definido como um símbolo e o modo linguístico através do qual se evidencia esta transcendência chama-se linguagem simbólica. “A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo” (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 61).

A validade dos nossos conhecimentos da vida cotidiana é tomada como certa enquanto nossos conhecimentos funcionam de modo satisfatório. Enquanto isso acontece, em geral, não os colocamos em dúvida. Estes conhecimentos da vida cotidiana que acabam por se tornar hábitos, fornecendo a direção na qual a atividade humana pode seguir tomando um mínimo de decisões na maior parte do tempo. Liberando energias para decisões que possam vir a ser necessárias (BERGER; LUCKMANN, 1978). Para os autores, quando as ações de um grupo ocorrem repetidas vezes, ou seja, “quando há “uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores”, ocorre a institucionalização (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 61).

Essas tipificações de ações habituais que formam as instituições são parte de um processo histórico, são compartilhadas e estão disponíveis a todas as pessoas que constituem o grupo social. São também estas instituições que exercem o controle

da conduta humana estabelecendo padrões de conduta que deverão prevalecer aos outros tantos existentes.

Os significados objetivos resultantes da atividade institucional serão interpretados como conhecimentos e difundidos como tais. Parte desses conhecimentos dirá respeito a todos e o restante será mais restrito a alguns grupos ou pessoas, por exemplo: tudo o que se referir as pessoas heterossexuais, pode não valer para lésbicas, e, por sua vez, outro conhecimento pode ter maior validade para as lésbicas do que para os demais grupos sociais:

Tanto o 'conhecimento', quanto o 'não conhecimento' referem-se ao que é socialmente definido como realidade e não a critérios extra sociais de validade cognoscitiva (...) No entanto, alguns conhecimentos podem ser reafirmados através do uso de objetos simbólicos, como por exemplo, os fetiches e emblemas militares, ou através de ações simbólicas, como por exemplo, os rituais religiosos e militares. A transformação do conhecimento em elemento simbólico vai depender de qual é o seu alcance e conveniência social, bem como, de sua complexidade e relevância para um determinado grupo social. A transmissão dos significados institucionais vai envolver sempre atitudes de controle e legitimação (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 99-100).

É através dos papéis que ocorre a incorporação das instituições na vida dos indivíduos, bem como, é através do desempenho destes papéis que o indivíduo participa efetivamente do mundo social. Ou seja, os papéis "representam a ordem institucional" (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 104). Isso ocorre em dois níveis. Num primeiro momento a execução do papel representa a si mesma, podemos citar como exemplo o papel do juiz. Quando um juiz está julgando ele não está atuando por conta própria, mas, como juiz. Num segundo momento, a representação do papel expressa uma necessidade institucional de conduta. "Em virtude dos papéis que desempenha, o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objetivado, não somente no sentido cognoscitivo estreito, mas também no sentido do "conhecimento" de normas, valores e mesmo emoções" (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 106).

(...) As instituições e os universos simbólicos são legitimados por indivíduos vivos, que têm localizações sociais concretas e interesses sociais concretos. A história das teorias legitimadoras é sempre parte da história da sociedade como totalidade. Não há história das idéias isolada do sangue e do suor da história geral. ...a relação entre as idéias e os processos sociais que as

sustentam é sempre uma relação dialética. É correto dizer que as teorias são maquinadas com o fim de legitimar instituições sociais já existentes, isto é, torna-las mais legítimas. (...) O que permanece sociologicamente essencial é o reconhecimento de que todos os universos simbólicos e todas as legitimações são produtos humanos, cuja essência tem por base a vida dos indivíduos concretos e não possui status empírico à parte dessas vidas (BERGER; LUCKMAN, 1978, p. 172).

Para que seja possível acumular conhecimentos de papéis específicos, a sociedade precisa estar muito organizada para que certos indivíduos tenham condições de concentrarem-se em suas especialidades. Os autores apresentam dois pontos de vista:

Considerados na perspectiva da ordem institucional, os papéis aparecem como representações institucionais e mediações de conjuntos de conhecimento institucionalmente objetivados. Visto na perspectiva dos vários papéis, cada um destes transporta consigo um apêndice socialmente definido de conhecimentos (BERGER; LUCKMAN, 1978, p. 109).

Observadas as duas perspectivas, elas indicam um mesmo fenômeno global, “que é a dialética essencial da sociedade” (BERGER; LUCKMAN, 1978, p. 109). De acordo com a primeira perspectiva, a sociedade só vai existir quando o indivíduo tiver consciência dela, de acordo com a segunda perspectiva, podemos dizer que a consciência individual é socialmente determinada.

É importante lembrarmos que a maioria das sociedades modernas são pluralistas. O que quer dizer, que participam de um universo maior, com o seu núcleo aceito como certo, não duvidoso, mas convivendo com diversos universos parciais que coexistem num estado de mútua acomodação.

O intelectual aparece como um contra-especialista no trabalho de definir a realidade. Tal como o perito ‘oficial’ tem um projeto para a sociedade em conjunto. Mas enquanto o projeto do primeiro está de acordo com os programas institucionais, e serve para dar-lhes legitimação teórica, o do intelectual existe num vazio institucional, no melhor dos casos objetivado em uma subsociedade intelectual da mesma espécie (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 169-70).

Berger e Luckmann (1978) levam em consideração para suas análises que a relação entre o conhecimento e sua base social é a dialética, ou seja, o conhecimento é um produto social, ao mesmo tempo em que, é um fator na transformação social. “O

grau de separação do conhecimento com relação às suas origens existenciais depende de um considerável número de variáveis históricas” (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 120).

[...] o universo simbólico ordena e por isso mesmo legitima os papéis cotidianos, as prioridades e os procedimentos operatórios, colocando-os *sub specie universi*, isto é, no contexto do quadro de referência mais geral concebível. No mesmo contexto ainda as transações mais triviais da vida cotidiana podem tornar-se imbuídos de profunda significação (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 135-6).

Para Pierre Bourdieu, (2005) é como “instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra...” (BOURDIEU, 2005, p. 11), o que o autor conceitua como violência simbólica. A distinção entre os sistemas simbólicos ocorre de acordo com a forma em que foram produzidos, bem como, apropriados pelo grupo, ou quando produzidos por um corpo de especialistas, por um campo de produção e circulação com certa autonomia.

Pierre Bourdieu (2005) define o conhecimento dos indivíduos como sendo o *habitus*, como a palavra indica, trata-se de conhecimentos adquiridos tanto pelo corpo como pela alma. O *habitus* representa, tanto uma capacidade de reprodução, quanto uma capacidade de criação. Buscando superar as antinomias clássicas “objetivismo-subjetivismo” e “indivíduo-sociedade” Bourdieu recorre a uma solução também clássica, cria um terceiro conceito: o *habitus*.

De acordo com Bourdieu, o *habitus* funciona como um gerador de práticas, bem como, um classificador destas práticas, o conceito pretende dar conta também, dos valores que transformam esses produtos e essas obras em um sistema de signos distintos (BOURDIEU, 2005).

O conceito de *habitus* de Bourdieu entende a ação, não como uma execução mecânica de uma regra, ou como a obediência a esta mesma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas, como nas sociedades atuais, não são autómatos que podem ser regulados com leis mecânicas desconhecidas para eles.

Nos momentos mais complexos, como nas trocas matrimoniais ou nas práticas dos rituais, são usados os princípios incorporados por um *habitus* gerador.

Os conhecimentos práticos do mundo social, que fazem parte da origem da ação dos agentes, são adquiridos através de processos de aprendizagem que são responsáveis pela incorporação das estruturas sociais. Estes processos se iniciam no próprio convívio familiar, através de técnicas corporais e culminam com a transmissão efetiva através dos sistemas de ensino (BOURDIEU, 2005).

Para atuar no cenário das instituições com legitimidade é preciso ter algum tipo de capital e suas moedas, Pierre Bourdieu (2005) distingue quatro tipos de capital: econômico, cultural, social e capital simbólico.

O capital econômico é constituído por diferentes fatores de produção e por um conjunto de bens econômicos e ganhos, bem como, pelo tipo de capital vigente num determinado momento.

O capital cultural foi originado para explicar o diferente desempenho de alunos pertencentes a diferentes classes sociais. De acordo com Bourdieu, o capital escolar pode adotar três formas: pode ser incorporado como disposição durável, ou seja, como *habitus*; em estado objetivo, como bem cultural (exemplo: uma imagem) e em estado institucionalizado, neste caso, o diploma é o melhor exemplo.

Para Bourdieu (2005) o capital social é uma outra espécie de capital necessário para que se possa intervir e compreender a lógica de um campo. Para ele, um campo é o espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos, espaço com leis próprias, determinadas pelas disputas que ocorrem em seu interior. Os indivíduos são movidos, dentro de um campo, pelo interesse de serem bem sucedidos. Assim, cada luta segue as regras do seu campo, sendo diferenciadas, as lutas para se projetar no meio acadêmico e no da alta costura, por exemplo.

O volume de capital social que uma pessoa possui depende da rede de vínculos que ela consegue mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que possui cada uma daquelas pessoas com quem está vinculada. O capital social não é um dom natural, precisa de mobilização para que seja instaurado e mantido. Bem como, a reprodução do capital social depende da existência de instituições que favoreçam as trocas legais e que impeçam as trocas ilegais, devido a

determinadas práticas e a trabalhos de sociabilidade que dependem de uma competência específica ligada a um determinado *habitus*.

Para Bourdieu (2005), a estrutura de um campo, em um determinado momento, é o estado das relações de força entre os agentes e as instituições comprometidas na luta própria do campo em questão, a estrutura do campo também é resultado da distribuição de capital específico que foi sendo acumulado durante lutas anteriores para orientar as estratégias futuras.

Em um campo, alguns agentes e instituições estão em luta, com forças diferentes e relacionadas com as regras determinantes desse espaço de jogo, cada um tenta apropriar-se dos ganhos que lhe são importantes no jogo desse campo. Os que dominam o campo podem fazer com que ele funcione ao seu favor, no entanto, deverão sofrer resistência por parte dos dominados. O mundo social é percebido pelos agentes através das funções que lhe são atribuídas e dos esquemas de percepção resultantes das lutas simbólicas anteriores. Esta dualidade entre os aspectos objetivos e subjetivos, demonstra a posição resultante da incorporação como *habitus*, das estruturas objetivas do espaço social. A distribuição de poder para um representante ocorre através da lógica de um processo de instituição; dessa forma, o porta voz se converte em grupo, e, o representante constrói o grupo que estava na origem de sua representação (BOURDIEU, 2005).

Os sistemas simbólicos diferenciam-se principalmente pela forma em que foram produzidos e apropriados pelo conjunto do grupo, ou quando criados por especialistas ou por um campo autônomo, como a transformação do mito em religião (ideologia), que não pode se separar de um processo de constituição e de um corpo especializado de discursos e ritos religiosos (BOURDIEU, 2005).

A estrutura e as funções mais específicas das ideologias são advindas das condições sociais nas quais foram produzidas e de como ocorre a sua circulação: “quer dizer, às funções que elas cumprem, em primeiro lugar, para os especialistas em concorrência pelo monopólio da competência considerada (religiosa, artística, etc) e, em segundo lugar e por acréscimo, para os não-especialistas” (BOURDIEU, 2005, p. 13).

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 2005, p. 15).

No que concerne ao interesse desta pesquisa, achamos relevante reter aqui, a ideia de que a relação entre o conhecimento e a sua base social é dialética, sendo o conhecimento um produto social, do mesmo modo que é um fator de transformação social.

Na próxima seção, apresentaremos aspectos da Sociologia do Conhecimento como Método.

2.3 A Sociologia do Conhecimento como Método de Análise do Discurso

Para Mannheim, são os traços presentes em uma afirmação que permitem caracteriza-la e atribuí-la a uma determinada época ou situação. Para identificar esses traços e possibilitar a caracterização de uma afirmação quanto às suas origens no processo histórico-social, ele sugere: “a análise dos conceitos utilizados; o fenômeno do contraconceito; a ausência de certos conceitos; a estrutura do aparato categórico; os modelos dominantes de pensamento; o nível de abstração; e a ontologia pressuposta” (MANNHEIM, 1968, p. 294).

Num primeiro momento é importante ressaltar que o mesmo conceito tem significados muito diferentes se usado por pessoas situadas em diferentes contextos sociais. Bem como, a ausência de certos conceitos pode indicar não apenas a ausência de certos pontos de vista, mas a falta da própria determinação para alcançar uma compreensão de problemas vitais.

Em resumo: a abordagem de um problema, o nível em que vem a ser formulado, o estágio de abstração e o estágio de concretude que se espera atingir estão todos, e da mesma maneira, ligados a existência social (MANNHEIM, 1968, p. 299).

A Sociologia do Conhecimento procura detalhar, por exemplo, de que forma aquilo que dentro de um determinado grupo é aceito de forma absoluta, aparece para quem está de fora, como sendo condicionado pelo grupo e é reconhecido como parcial.

Mannheim trata aqui das relações que ocorrem dentro de um grupo social fechado e como elas são vistas por alguém que não faz parte do referido grupo social. Ou seja, ao observarmos um determinado grupo social, percebemos que ele apresenta uma cultura específica e determinante para as ações do grupo, no entanto, visto por alguém que não faz parte do grupo e que conhece outras culturas, as soluções apresentadas são parciais, pois é possível encontrar muitas outras formas de agir, para solucionar o problema proposto, de acordo com as demais culturas.

É em função da ação reflexiva gerada pela relação de um determinado contexto com o conhecimento previamente obtido sobre o mesmo, que a Sociologia do Conhecimento é considerada relacional. Podemos entender o sentido de relacional com o exemplo: um menino de origem camponesa, hoje urbanizado, considera “rústicas” muitas das opiniões dadas por seus familiares camponeses e, por este motivo, ele não os questiona mais sem relativizar tais opiniões. De forma mais detalhada e aprofundada é isso que a Sociologia do Conhecimento faz, subordina os fenômenos intelectuais à seguinte questão: “em conexão com que estrutura social surgiram e são válidos?” (MANNHEIM, 1968, 303).

Para Mannheim (1967, p. 78) a tarefa principal de uma Sociologia do Conhecimento:

[...] consiste em especificar, para cada corte transversal do processo histórico, as várias posições intelectuais sistemáticas nas quais o pensamento dos grupos e indivíduos criativos foi baseado. Uma vez feito isso, contudo, essas diferentes tendências do pensamento não deveriam ser confrontadas como posições num debate meramente teórico, mas dever-se-ia explorar suas raízes vitais, não teóricas. Para fazer isto, primeiramente temos que descobrir as premissas metafísicas subjacentes às várias posições sistemáticas; depois devemos perguntar quais dos ‘postulados sobre o mundo’ coexistentes numa dada época são os correlatos de um determinado estilo de pensamento.

Quando estas correspondências ficarem estabelecidas, teremos identificado os estratos intelectuais que se combatem.

Ainda de acordo com Mannheim (1967, p. 78),

A tarefa propriamente sociológica, contudo, começa apenas depois de feita esta análise 'imaneente' – ela consiste em descobrir os estratos sociais que compõem os estratos intelectuais em questão. É apenas em termos do papel desses últimos estratos dentro do processo global, em termos de suas atitudes em relação à nova realidade emergente, que podemos definir as aspirações fundamentais e os postulados sobre o mundo existentes num determinado momento, que podem absorver idéias e métodos já existentes e os sujeitar a uma mudança de função – para não falar nas formas recém criadas.

Robert K. Merton (1967) num esforço de sistematizar o conhecimento, apresenta os seguintes pontos como paradigmas para a Sociologia do Conhecimento:

ONDE se situam as bases existenciais dos produtos mentais?
QUAIS são os produtos mentais submetidos à análise sociológica?
COMO se acham os produtos mentais relacionados às bases existenciais?
PORQUE? Funções latentes e manifestas atribuídas a estes produtos mentais existencialmente condicionados.
Quando se evidenciam as relações atribuídas entre a base existencial e o conhecimento? (MERTON, 1967, p. 87-88).

As formas de encarar o mundo são consideradas, pela Sociologia do Conhecimento, como desenvolvimentos orgânicos que vão sendo criados ao longo do tempo e as teorias praticamente não exercem influências na formação dessas maneiras de encarar o mundo (MERTON, 1967). Dessa forma, a Sociologia do Conhecimento aponta que uma teoria dada se deriva de um tipo dado de posição ou grupo. Ou seja, de acordo com a Sociologia do Conhecimento existe uma relação entre as várias formas de pensamento e determinados grupos sociais, demonstrando que os fatores extra-teóricos têm um caráter relevante na produção do conhecimento.

Podemos concluir então, que a Sociologia do Conhecimento não está interessada apenas em investigar as bases existenciais da verdade, seu interesse está também em perceber a 'ilusão social, da superstição e dos erros e formas de impostura socialmente condicionados' (SCHELER, *apud* MERTON, 1968, p. 567). Neste sentido, podemos perceber que a Sociologia do Conhecimento tem por objetivo não apenas identificar a origem social do conhecimento, mas diferenciar os

conhecimentos que se constituem em meras ideologias, daqueles que evidenciam uma intenção científica.

Em nosso próximo capítulo abordaremos a globalização. Pretendemos com ele, tratar do contexto histórico-social contemporâneo, no qual, em nosso entender, a globalização cumpre um papel central e relevante e, com isso, propiciar os elementos necessários para estabelecer a relação existente entre realidade social e produção do conhecimento.

Capítulo III

3. O CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Ao falar em contexto histórico-social contemporâneo, precisamos lembrar que não se trata de um único contexto, mas de vários. A pluralidade social é cada vez maior e mais complexa. Assim, como também sofremos influências da realidade social na qual estamos inseridos, do nosso ponto de vista, a questão relevante que interfere na sociedade contemporânea e influencia na produção do conhecimento, tanto de forma direta como em função das tecnologias de informação e comunicação, é a Globalização.

Ela é conhecida por interferir em aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos. Por este motivo, optamos por analisar a Globalização como ponto chave da influência social na produção do conhecimento. Através da Globalização, várias outras dimensões da sociedade são alcançadas e modificadas. A Globalização atinge todas as classes e faixas etárias da sociedade e em vários aspectos, ela pode ser considerada o pano de fundo para uma série de preocupações/mudanças sociais, como por exemplo: sexualidade; violência; drogas; alteração das relações familiares; desigualdade social; movimentos sociais; relações políticas e do estado; cultura; relações de trabalho. Todas estas dimensões são afetadas e de uma forma ou de outra, sofrem modificações por um dos aspectos da Globalização.

3.1 AS GLOBALIZAÇÕES

Para termos uma ideia do quanto a realidade mundial se modificou, podemos pensar no mundo do ano de 1989, que apresentava como marco histórico a queda do muro de Berlim. Naquele período ainda havia uma delimitação geográfica considerável, uma divisão entre Oriente e Ocidente, como hemisférios independentes e de ideologias definidas e opostas. Passaram-se duas décadas apenas e num

espaço de tempo tão curto, as economias dos países das mais variadas dimensões tornaram-se mais dependentes, modificando muitas facetas do cenário mundial (CANCLINI, 2005).

Néstor García Canclini (2005), em sua obra: *Diferentes, Desiguais e Desconectados mapas da interculturalidade*, inicia sua introdução com o questionamento: “Perguntamo-nos como encaixar em algo que pareça real, tão real como um mapa, este feixe de comunicações distantes, incertezas cotidianas, atrações e desenraizamentos, que se nomeia como globalização” (CANCLINI, 2005, p. 15).

Ao partirmos do pressuposto de que é difícil explicar exatamente o que é a globalização, podemos então concluir que grande parte de seus efeitos também ainda sequer são conhecidos.

Dentre os efeitos conhecidos, a existência de uma grande variedade de informações, de produtos de consumo, de mudanças no mercado de trabalho, acaba deixando a população ansiosa e sem muita perspectiva de como será o seu futuro. Ou, sem perspectivas e por isso, ansiosa.

Boaventura de Souza Santos¹⁶ (2005), no artigo *Os processos da Globalização*, da obra de sua organização *A Globalização e as Ciências Sociais*, afirma que as interações entre as esferas econômicas, políticas, sociais e culturais, tornaram-se muito intensas, complexas e interligadas, nas últimas três décadas. Esse processo, chamado de globalização, atravessa diversas áreas da vida social,

[...] da globalização dos sistemas produtivos e financeiros à revolução nas tecnologias e práticas de informação, e de comunicação, da erosão do Estado Nacional e redescoberta da sociedade civil ao aumento exponencial das desigualdades sociais, das grandes movimentações transfronteiriças de pessoas como emigrantes, turistas ou refugiados, ao protagonismo das empresas multinacionais e das instituições financeiras multilaterais, das novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado (SANTOS, 2005, p.11).

¹⁶ Mais informações em: SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos da Globalização. In: SANTOS Boaventura de Souza (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005, 3^o ed.

De acordo com Boaventura (2005) estamos diante de uma complexidade de processos de mudanças contraditórias e distintas, que apresentam variações na intensidade e direção. Esta complexidade é particularmente grande em sociedades semiperiféricas, como a brasileira e a portuguesa.

[...] de um sistema transnacional no qual as fronteiras culturais e ideológicas se desvanecem. Fábricas estadunidenses, japonesas e coreanas instalaram *maquiladoras* em nações como o México, Guatemala e El Salvador, que acreditavam aliviar assim o desemprego insolúvel com recursos internos (CANCLINI, 2005, p. 19).

Essas novas formas de relações de trabalho e da própria organização do trabalho aumentam o estoque de produção de bens e, como não poderia deixar de ser, o estoque de culturas também cresce e se modifica. As culturas se entrecruzam, se misturam, coabitam. Surgem novas e variadas possibilidades de consumo, de relações virtuais, ensino a distância, tudo parece muito mais possível, ou impossível para quem não estiver “conectado” (CANCLINI, 2005).

O fascínio de estar em toda parte e o desassossego de não estar em nenhuma com segurança, de ser muitos e de não ser ninguém mudam o debate sobre a possibilidade de ser sujeito... (CANCLINI, 2005, p. 29-30).

Principalmente nos países periféricos, os riscos de ser excluído do mercado de trabalho aumentam como também aumenta a marginalização do consumo de massa.

Com o intuito de nos aproximarmos do contexto social da cidade onde foi realizada a pesquisa, bem como, de situar o cenário de nosso trabalho, no contexto da globalização, recorreremos aos dados de emprego e acesso à internet dos moradores da região metropolitana de Porto Alegre.

Os dados de emprego nos setores formais e informais das regiões metropolitanas da cidade de Porto Alegre, dos anos de 2002 e 2003 demonstram dados relativos ao crescimento do setor informal. No ano de 2002 os empregados no setor formal eram 773.517, e no setor informal 286.064, ou seja, quase um terço da população das regiões metropolitanas de Porto Alegre está empregada no setor informal. Os dados do ano de 2003 exemplificam o crescimento do setor informal que

ocorreu do ano de 2002 para 2003, no emprego formal estão 771.859 pessoas e no setor informal 293.360¹⁷.

Esses dados reforçam uma característica que vem crescendo com a globalização: o crescimento do mercado de trabalho informal em oposição ao mercado de trabalho formal.

No que se refere aos dados de desocupação, a média era de 9,7% dos porto-alegrenses das regiões metropolitanas desocupados em 2002 e 2003, no entanto, embora a ampliação das taxas de desocupação foi observada entre todos os grupos de pessoas pesquisadas, os mais atingidos foram os jovens de 15 a 17 anos, que representam 31,6 % do total de desocupados e os jovens entre 18 e 24 anos, que representam 18,9% deste total.

Em outro estudo, apresentando os anos de 2003, 2004 e 2005, os jovens entre 15 e 17 anos da região metropolitana de Porto Alegre, ficam com dados aproximados a média de desocupados, estando com 9,9 em 2003, 10,3 em 2004 e 9,7 no ano de 2005, no entanto, o grupo de jovens entre 18 e 24 anos aparecem com índices bem maiores, 35,9 em 2003, 38,4 em 2004 e 37,8 no ano de 2005¹⁸.

Esses dados demonstram que a realidade de emprego da região metropolitana de Porto Alegre segue o exemplo da realidade de países como, por exemplo, o México, que já na década de 1990, para cada 10 empregos gerados, 7 eram gerados no setor informal, o que demonstra a grande vulnerabilidade do mercado de trabalho no país.

Esse crescimento da informalidade do trabalho expressa bem mais do que a instabilidade no salário, mas também representa a ausência de recursos de segurança social, saúde e integração, que até poucos anos estavam garantidos por Lei aos que estivessem no mercado de trabalho (CANCLINI, 2005). A falta de acesso ao trabalho se refletirá também em outros aspectos sociais, como por exemplo, no consumo, nas possibilidades de acesso a informática, na escolarização,

16

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/estudos_evolucao.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2010.

18

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/retrospectiva_pme.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2010.

especialmente de ensino superior, por ser um nível de ensino em que as possibilidades de acesso gratuito são menores, não havendo vagas suficientes para atender ao número de candidatos.

Assim como os dados relativos ao mercado de trabalho, os dados relativos ao acesso à internet também demonstram uma realidade excludente. Essa realidade será determinante para a desigualdade na formação de diferenças culturais.

De acordo com dados do IBGE, 32,1 milhões da população de 10 anos ou mais de idade (21%), acessaram pelo menos uma vez a Internet em algum local (domicílio, local de trabalho, estabelecimento de ensino, centro público de acesso gratuito ou pago, domicílio de outras pessoas ou qualquer outro local - por meio de microcomputador). Dentre aqueles que acessaram a Internet, em 2005, a maior parte era composta por homens (16,2 milhões), entre 30 a 39 anos (5,8 milhões), destes, 13,9 milhões eram estudantes, 20 milhões integravam a população ocupada e 4,2 milhões era composto por trabalhadores de serviços administrativos (IBGE¹⁹).

De acordo com a pesquisa, os internautas tinham em média 28 anos de idade, apresentavam 10,7 anos de estudo e um rendimento médio mensal domiciliar per capita de R\$1.000,00. No grupo de 15 a 17 anos de idade, 33,9% das pessoas acessaram essa rede, sendo este resultado maior que os das demais faixas etárias. É importante levar em consideração que metade do total de internautas utilizou a rede no domicílio em que morava e 39,7% em seu local de trabalho. Sendo que a conexão discada à Internet mostrou-se mais difundida que a banda larga.

A disparidade entre os informatizados, os entretidos (com acesso ao sinal aberto de tv) e os outros, é maior nos países em que a dívida externa reduz o crescimento econômico, bem como onde a informalidade ou a corrupção dificultam o exercício de direitos aos trabalhadores e consumidores (CANCLINI, 2005).

O Sistema Econômico Latino-Americano (SELA) descreve significativamente o modo pelo qual a dívida se nos apresenta. Seu informe de 2001 diz que cada habitante latino-americano “deve 1.500 dólares ao nascer” (Boye, 2001). Ou seja, antes de propor-se aos jovens que se globalizem nos seus trabalhos e consumos, eles são globalizados como devedores (CANCLINI, 2005, p. 212).

¹⁹ <<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/ibge-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet/>>. Acesso em 11 de janeiro de 2010.

De acordo com o autor, se o liberalismo clássico propunha uma modernização para todos, o neoliberalismo propõe uma modernização seletiva. Passamos então, da tentativa de integrar a sociedade presente no liberalismo, para a “submissão às elites empresariais, e desta aos bancos, investidores e credores transnacionais. Amplos setores perdem seus empregos e sua segurança social básica” (CANCLINI, 2005, p. 212).

Essa realidade de exclusão não é algo novo, é conhecida e reconhecida. Por oposição a ela e no sentido de minimizá-la, surgem também, algumas iniciativas de busca por cidadania.

3.2 QUAL CIDADANIA?

Ao aprovar a Lei que obriga a inclusão das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, o presidente em exercício José de Alencar afirmou que elas são necessárias para ‘facilitar o exercício e o direito à cidadania’. De qual cidadania estamos falando?

José Murilo de Carvalho (2001, p. 07), em sua obra, *Cidadania no Brasil*, afirma que, foi após o fim da ditadura militar, em 1985, que “A cidadania, literalmente, caiu na boca do povo”. A possibilidade de eleger os governantes criou uma falsa, ou pelo menos exagerada, noção de cidadania no país. Tanto entusiasmo que a constituição de 1988 é chamada de *Constituição Cidadã*²⁰.

O entusiasmo era advindo da crença na democratização das instituições como geradora de felicidade nacional. Reconquistar o direito de votar, de escolher os representantes do município, do Estado e do país, dava uma ideia de “garantia de liberdade, de participação, de segurança, de desenvolvimento, de emprego, de justiça social” (CARVALHO, 2001, p.07).

²⁰ Mais informações em: CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

O direito de liberdade, de ação política e sindical, de participação, bem como de manifestação do pensamento foi concretizado. No entanto, outros problemas que se fazem “centrais em nossa sociedade, como a violência urbana, o desemprego, o analfabetismo, a má qualidade de educação, a oferta inadequada dos serviços de saúde e de saneamento” (CARVALHO, 2001, p.08). Enfim, em maior ou menor grau, continuamos sofrendo as consequências das grandes desigualdades sociais e econômicas do nosso país, enquanto vemos as instituições que trariam segurança, como agentes do sistema democrático, tornarem-se desacreditadas pelos cidadãos.

A sociedade brasileira já percebeu que obter liberdade e possibilidade de participação não traz nenhuma garantia de que os problemas sociais sejam solucionados. Descobrimos assim, que são várias as dimensões geradoras da cidadania e que algumas podem existir e outras não. E, que a “cidadania plena, que combina liberdade, participação e igualdade para todos é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível” (CARVALHO, 2001, p. 09).

Para sermos detentores da cidadania plena, precisaríamos ser titulares, simultaneamente, dos direitos: civis, políticos e sociais. Possuir apenas alguns desses direitos representaria sermos cidadãos incompletos. Enquanto que, não ser beneficiado por nenhum desses direitos nos transformaria em não-cidadãos.

Mas em que consistem os direitos civis, políticos e sociais?

Os direitos civis se exprimem na garantia de ir e vir, de escolher o trabalho, de expressar o pensamento, de poder nos organizar, ter garantida a inviolabilidade do lar e da correspondência, não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis; não ser condenado sem amparo legal. “Direitos civis são os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a Lei” (CARVALHO, 2001, p.9).

Os direitos políticos, por sua vez, representam a participação do cidadão no governo. No entanto, na maioria das vezes, ao falarmos do direito político estamos nos referindo mais especificamente, ao direito ao voto. A participação mais efetiva é limitada, pois consistiria na capacidade de fazermos demonstrações políticas, bem como, de organizarmos partidos para votarmos e sermos votados.

De acordo com o autor, os direitos civis podem existir sem que sejam garantidos os direitos políticos, no entanto, os direitos políticos ficam esvaziados de sentido sem os direitos civis, especialmente os direitos de liberdade, de opinião e organização, sem eles, os direitos políticos serviriam apenas para justificar governos.

Os direitos sociais, por sua vez, seriam os responsáveis pela garantia de participação na riqueza coletiva, estão inclusos aqui o direito a educação, trabalho, salário justo, saúde e aposentadoria. Os direitos sociais são baseados na ideia de justiça social. Em sociedades politicamente organizadas, permitem reduzir níveis de desigualdade, resultantes do capitalismo, dando garantias de um mínimo de bem-estar a todos.

De acordo com Carvalho (2001) a constituição de 1988 realmente foi a mais democrática que o país já teve, no entanto, se os direitos políticos foram alcançados, ampliando a participação dos analfabetos nas eleições (torna-se facultativo o voto dos analfabetos), essa democracia não alcançou suficientemente os direitos sociais, os problemas econômicos mais graves como a desigualdade e o desemprego não foram resolvidos. Os direitos a saúde, educação e segurança individual também ainda ficaram longe de serem alcançados.

As diferentes e desiguais possibilidades de acesso aos bens interativos da indústria cultural, essencialmente aqueles que proporcionam informação atualizada, distanciam ainda mais a possibilidade de haver desenvolvimento pessoal, assim, diminuem as possibilidades para que haja integração socioeconômica de fato.

Uma posição semelhante daquela apresentada por Carvalho (2001), também pode ser vista em Nestor Garcia Canclini (2005), que em referência a Amartya Sen afirma: a conquista da cidadania passa por garantias de espaços no mercado de trabalho e em outros aspectos da sociedade. Neste sentido, um cidadão precisaria contar com:

[...] 'os mínimos competitivos em relação a cada um dos recursos capacitadores' para participar da sociedade: trabalho, saúde, poder de compra e os outros direitos sócio-econômicos, *junto* com a "cesta" educativa, informacional, de conhecimentos, ou seja, as capacidades que podem ser usadas para conseguir um melhor trabalho e maiores rendas (CANCLINI, 2005, p. 103).

Canclini (2005) novamente remetendo-se a Amartya Sen, afirma que a cidadania, bem como, a exclusão, resultam de uma correlação entre índices de concentração das oportunidades de acesso e, a outros recursos capacitadores. A efetivação dos direitos econômicos, sociais e culturais, concretizados de forma complementar, sob a noção ampliada de cidadania, depositam no Estado a principal responsabilidade de realização.

Ao pensarmos nesta realidade complexa, nos perguntarmos o que significa ser jovem no contexto contemporâneo?

[...] verificamos que a sociedade que responde ser o futuro incerto ou não saber como construí-lo está dizendo aos jovens não apenas que há pouco lugar para eles. Está respondendo a si mesma que tem pouca capacidade, por assim dizer, de rejuvenescer-se, de escutar os que poderiam mudá-la (CANCLINI, 2005, p. 210).

O sentimento de falta de perspectivas gerado pela realidade global, bem como pelo histórico de corrupção do país, gera uma sensação de impotência que reduz a participação, cidadania de forma efetiva. Em muitas situações o que resta é o consumo como forma de reconhecimento de cidadania. Neste sentido, para efeitos de nosso trabalho, consideraremos o conceito de cidadania ampliada, conforme apresentado pelos autores acima.

O presente e o futuro dos jovens configuram-se, então como o de muitos outros à maneira de uma paisagem desencantada. Mas, como sabemos, não idêntica para todos. Uma diferença-chave decorre do modo pelo qual as novas gerações conectam-se ou ficam desconectadas. Para dizer de outra maneira, se aprendem ou não a apresentar suas perguntas e exigências de modo adequado nos novos cenários (CANCLINI, 2005, p. 212).

Para Canclini (2005), o poder de consumo também é uma representação de cidadania. O autor reconhece que uma importante parcela da sociedade considera-se cidadã ao fazer parte da sociedade de consumo.

Milton Santos (2000) afirma que a generalização da cidadania torna-se impossível ao considerarmos a desigualdade social expressa de forma muito absurda na exclusão social, tão presente em várias cenas do nosso dia-dia. Para o autor antes de sermos cidadão, acima de tudo, somos consumidores e expressamos mais nossos

direitos e deveres em relação ao mercado, ao invés de expressarmos no âmbito do espaço público, onde a política se realiza e o poder se distribui.

Boaventura de Souza Santos (2000), ao abordar esta questão, assegura que “há cidadania e cidadania”, desse modo, em países subdesenvolvidos há cidadãos de diversas classes, alguns são mais cidadãos do que os outros e ainda há aqueles que nem são cidadãos (uma importante parcela de não cidadãos).

Os autores apresentam alguns enfoques diferenciados, no que tange às questões concernentes a cidadania, no entanto, todos parecem concordar que a realidade de desigualdades e exclusão social é algo a ser superado para que possamos pensar em uma cidadania plena.

Ao falamos na inclusão da Sociologia como uma disciplina que contribuirá com a formação de cidadãos, dentro do recorte do nosso trabalho, consideramos imprescindível conhecer alguns dados do país em relação à educação e mais especificamente sobre o Ensino Médio.

Segundo relatório da Unicef, publicado na Folha Online de 09/06/2009²¹, apesar de passar em média dez anos na escola, os estudantes brasileiros completam com sucesso pouco mais de sete séries. "De acordo com os dados do Censo Escolar de 2006, a quantidade de concluintes do ensino fundamental corresponde a 53,7% do número de matrículas na 1ª série deste nível de ensino no mesmo ano. No Ensino Médio, a proporção entre matriculados na 1ª série e os concluintes é ainda menor: 50,9%", de acordo com o estudo da Unicef.

O relatório aponta também que “um em cada quatro estudantes de Ensino Médio no Brasil é reprovado ou abandona a escola. Citando dados de 2007, o estudo informa que 12,7% dos jovens matriculados no nível médio foram reprovados e outros 13,2% largaram o estudo, totalizando 25,9%²²”.

De acordo com o MEC, no Estado do Rio Grande do Sul, os dados de escolarização, nos anos de 2005 e 2006, indicam que 96% dos jovens de 7 a 14 anos estavam matriculados nas redes de ensino. No que se refere ao Ensino Médio, dos

²¹ <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/educacao/ult305u578744.shtml>>. Acesso em 07 de janeiro de 2010.

²² <<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2009/06/09/unicef-25-9-dos-jovens-sao-reprovados-ou-abandonam-ensino-medio-756261371.asp>>. Acesso em 07 de janeiro de 2010.

jovens de 15 a 17 anos, apenas 49,5% estavam matriculados no Ensino Médio no ano de 2005. No ano de 2006 o número de jovens no Ensino Médio, na mesma faixa etária era de 52,5%²³.

Esses dados nos ajudam a refletir sobre a realidade educacional brasileira e também nos fazem pensar que tipo de cidadania é possível construir no tocante a esta realidade. Do mesmo modo, conhecer a realidade histórico-social é importante para estabelecer um nexos entre os conteúdos estudados em sala de aula, com a realidade contemporânea, e, inversamente, identificar para qual sociedade nos remete o conteúdo trabalhado na disciplina de Sociologia.

No próximo capítulo apresentaremos os dados de nossa pesquisa empírica, bem como, faremos a análise dos dados coletados.

²³ <<http://ide.mec.gov.br//2008/gerarTabela.php>>. Acesso em 07 de janeiro de 2010.

Capítulo IV

4. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto geral de que há estreita relação entre a realidade histórico-social e a produção do conhecimento.

Recolhemos nossos dados em fontes documentais (currículos de Sociologia do Ensino Médio) e através de entrevistas. A busca dos dados foi norteada por indagações acerca do perfil das instituições investigadas; dos professores; da percepção da realidade por parte dos entrevistados; da relevância do Ensino de Sociologia no Ensino Médio; dos temas relevantes a serem tratados; da autonomia dos professores para a elaboração dos currículos; e do perfil dos currículos.

Analisamos os dados com base na concepção de que o discurso transcende a palavra, seguindo Mannheim. Para tanto, consideramos, na medida do possível, os conceitos utilizados, a ausência de certos conceitos; os modelos dominantes de pensamento; o nível de abstração e a ontologia pressuposta. Também buscamos atender a aspectos de pontos paradigmáticos enunciados por Merton, acerca das bases existenciais dos produtos mentais; dos produtos mentais submetidos à análise sociológica; de como se acham os produtos mentais relacionados às bases existenciais; e das funções latentes e manifestas atribuídas a estes produtos mentais existencialmente condicionados; e de quando se evidenciam as relações atribuídas entre a base existencial e o conhecimento (MERTON, 1967).

Neste capítulo faremos a exposição e análise dos dados de nossa pesquisa empírica. Primeiramente faremos a exposição e análise parcial dos dados das entrevistas com as coordenadoras pedagógicas. Em segundo lugar, apresentaremos e analisaremos parcialmente os dados das entrevistas com os professores e, em terceiro lugar, apresentaremos e analisaremos parcialmente os dados dos currículos das escolas. Por fim, faremos a análise geral dos resultados da nossa pesquisa.

Para a realização de nossa pesquisa, entramos em contato com 18 escolas particulares de Ensino Médio da cidade de Porto Alegre, obtivemos a participação de

8 escolas (6 delas, através de entrevistas com coordenadores pedagógicos e 5 participaram através de entrevistas com os professores de Sociologia, além das entrevistas, 5 dessas escolas disponibilizaram seus Currículos de Sociologia para a realização deste trabalho). No momento da coleta de dados, 03 coordenadoras foram entrevistadas e tiveram as suas entrevistas gravadas para uso nesta pesquisa, bem como 01 das professoras. Posteriormente, por motivos de falta de horário dos professores e coordenadores, as demais entrevistas foram realizadas e enviadas por e-mail. Isso resultou numa mudança de uso do instrumento de coleta de dados, necessária para que a pesquisa não se tornasse inviável. Assim, o que seria um “roteiro de entrevistas”, acabou tornando-se uma entrevista estruturada, que enviada por e-mail, foi respondida e usada nesta pesquisa.

4.1 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

A exposição e a análise das entrevistas com as coordenadoras, abaixo realizada, seguem a ordem do roteiro das entrevistas, omitindo as questões consideradas irrelevantes. As entrevistas desta seção constam na íntegra no apêndice D.

Os coordenadores pedagógicos são fontes importantes por relacionarem-se com professores, alunos e com a direção da escola. Estão, portanto, em uma posição estratégica que possibilita conhecer o ponto de vista dos três campos de interesses da escola: direção, alunos e professores.

Ao observarmos as entrevistas com os 6 coordenadores pedagógicos das escolas, um primeiro aspecto chamou a nossa atenção: todas as entrevistas de coordenadores pedagógicos foram respondidas por mulheres, denotando um papel eminentemente feminino, ao papel de coordenadora pedagógica das escolas particulares entrevistadas. Vejamos os dados das entrevistas:

1) *Qual é a missão/visão da escola?*

Todas as escolas entrevistadas têm por mantenedora instituição religiosa, e, por este motivo apresentam em seu currículo alguns traços de suas visões: *“A escola ela é uma escola católica, e como tal tem um marco referencial que está baseado principalmente nas orientações e de uma proposta evangelizadora e libertadora”* (coordenadora escola C).

Oferecemos uma educação apaixonante, que marque o coração e a mente dos que passam pela escola “F”, de tal forma que se sintam enriquecidos por valores, conhecimentos e vivências e sejam capazes de fazer diferença na construção de uma vida fraterna e feliz (coordenadora escola F).

2) *Quando ocorreu a implementação da sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?*

Apenas uma das escolas entrevistadas apresentava a Sociologia como componente curricular desde o ano de 1988, no primeiro ano do Ensino Médio. Dentre as demais escolas, uma havia incluído a Sociologia no ano de 2008, em 2 períodos do 2º ano do Ensino Médio, as demais escolas incluíram a Sociologia no ano de 2009.

Em 1988, o governador Pedro Simon (PMDB), aprovou uma Lei que obrigava a inclusão da Sociologia e Filosofia, no Ensino Médio das escolas do Estado do Rio Grande do Sul. No entanto, embora a Lei tenha sido aprovada, ela não entrou em vigor e a Sociologia não retornou aos currículos. No entanto, uma das escolas entrevistadas aproveitou a Lei, incluiu a Sociologia e, desde então, manteve a disciplina em seu currículo.

4 (...) *Foi reduzida outra disciplina para incluir a Sociologia, como foi? (...) como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir?*

Das cinco escolas entrevistadas apenas uma reduziu uma disciplina das ciências humanas, a Filosofia, para incluir a Sociologia, uma das escolas não informou qual foi a disciplina reduzida; outras duas ampliaram a carga horária, e das

três escolas restantes, as reduções foram em biologia, educação física e a outra escola afirmou ter reduzido três disciplinas para incluir Filosofia e Sociologia: matemática, química e física.

Não foi fácil, é uma decisão difícil uma vez que todas as disciplinas tem a sua necessidade. A gente fez uma análise em termos de onde a gente pode diminuir que não vai prejudicar tanto o aluno. Não, porque assim, o que poderia complicar mais é na biologia do primeiro ano. Mas como eles entram na primeira série e não sabem qual é a grade curricular deles, então não teve tanto problema. O problema fica mais em termos de fechamento de conteúdos do professor mesmo (coordenadora escola A).

Foi aumentada a carga horária. O Ensino Médio, desde o primeiro ano tem 6 períodos. Então os demais alunos saem 12:05 e eles saem 12:55 min. Então o que aconteceu, antes eles tinham 4 manhãs com o sexto período, agora eles tem 5, então foi aumentada a carga horária. A gente já tinha o número de horas e então a gente excede, a gente faz mais (coordenadora da escola C).

Na verdade a escola investiu, a escola acrescentou as disciplinas de Filosofia e de Sociologia. Nós ampliamos de 25 para 28 períodos. Então houve um investimento e não um a diminuição, então os alunos saem três vezes por semana ao meio dia e cinquenta em função dessa inclusão da Filosofia e da Sociologia. Então teve um acréscimo na carga horária, sem repassarmos nem um custo para os estudantes (coordenadora da escola D).

5) *Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a sociologia no currículo?*

De acordo com as coordenadoras pedagógicas, não foram percebidas muitas dificuldades para a implementação da Sociologia. Pelo fato de ser uma exigência legal, as escolas buscaram formas de realizar a inclusão da disciplina, cumprindo assim a determinação da Lei nº 11.684, que exige a obrigatoriedade das escolas em incluir a Sociologia e a Filosofia nos três anos do Ensino Médio:

Com certeza com a implementação houve uma grande reflexão e tomada de decisão na eleição dos componentes curriculares e sua carga horária. Foi ponderando os aspectos qualitativos e quantitativos dos conteúdos de cada disciplina, bem como os princípios de uma educação humanizadora, reflexiva e sócio-transformadora (coordenadora escola F).

A única dificuldade é que toda vez que se meche em uma estrutura curricular, para colocar uma disciplina, tu tem que tirar uma. Porque nós já temos 30 períodos na primeira e na segunda e na terceira série nós tínhamos 38 períodos, com a entrada da Sociologia ficou 39. Então, na primeira e na

segunda, com 30 períodos fechados, para a Sociologia entrar e não ter uma tarde de um período, então a gente teve que diminuir um período em alguma das disciplinas (coordenadora escola B).

Esta foi a grande dificuldade que apareceu em todas as escolas, o tempo, ou seja, como arranjar espaço dentro da grade curricular para incluir mais uma disciplina, ou melhor, duas, porque acabavam se referindo na maioria das vezes, à Sociologia e Filosofia.

De acordo com as coordenadoras pedagógicas, as escolas estavam com um currículo consolidado e qualquer alteração influiria em substituição de professor ou até, contratação de novo profissional, como acabou ocorrendo na maioria das escolas. Portanto, esta foi uma questão que cada instituição teve que resolver, algumas optaram por retirar um componente curricular e substituir pela Sociologia, outras optaram por investir num aumento da carga horária, incluindo a disciplina de Sociologia sem haver a necessidade de retirar nenhum outro componente curricular, mas ampliando a carga horária.

Apenas uma das coordenadoras demonstrou ter realizado a inclusão da disciplina com bastante resistência, especialmente por haver uma Lei que obrigue a inclusão da Sociologia nos três anos. Trata-se de uma escola que já apresentava a Sociologia no primeiro ano do Ensino Médio.

A coordenadora afirmou que a escola tinha uma boa organização e que trabalhava a disciplina com muita qualidade em um ano, porque trabalhava em turmas menores, era uma tradição da escola dividir a turma em duas para uma atividade que chamam de SOR “na verdade são reflexões sobre atuações no cotidiano, dentro de todos os princípios da própria companhia de Jesus” (coordenadora escola B). Por trabalhar essas reflexões em turmas menores, a Sociologia era trabalhada simultaneamente pela outra metade da turma, então no entendimento da coordenadora, a disciplina também teria sido privilegiada, pois a participação de um grupo menor garantia maior qualidade para as discussões.

De acordo com a coordenadora a escola também apresenta a Sociologia de forma transversal em outras disciplinas, ela demonstra isso, mostrando que em português a língua aparece sendo estudada considerando os grupos sociais de onde ela é originada, dentro do seu contexto, o que caracterizaria uma visão sociológica.

Do mesmo modo, dentro da história, o modo de ensino da disciplina leva em consideração as estruturas sociais, o gênero, a economia, a formação dos grupos sociais dentro da sociedade, caracterizando mais a Sociologia do que a própria história (coordenadora escola B). A coordenadora justifica:

Como nós tínhamos a Sociologia e a Filosofia, um ano de uma e dois anos da outra, era assim, Sociologia na primeira série e Filosofia na segunda e na terceira, estávamos bem organizados, mas não contempla a Lei que passou a vigorar neste ano. Nós precisamos Sociologia nos três anos, nós precisamos Filosofia nos três anos, o que nós vamos fazer. Não há uma determinação de que sejam uma, duas, ou três horas semanais, então nós vamos ter um período de Sociologia, um de Filosofia, um de Sociologia e um de Filosofia, enfim, não sei se qualifica. Porque nós tínhamos um programa bem montado, posso te mostrar depois, posso te mandar uma cópia por e-mail, que é uma coisa bem tranquila. O trabalho era extremamente qualificado. Agora estamos fazendo um trabalho que tem que ser qualificado, só que muito apertado no tempo (coordenadora escola B).

A inclusão da disciplina de sociologia nesta escola, ocorreu com um pouco de resistência, devido a toda uma tradição mantida pela escola e que será afetada para poder incluir a disciplina, pois estão adaptando esse período de “SOR” (como é chamado pela escola) com elementos de Filosofia e Sociologia, então ela afirma:

Mas eu não sei se vem aí uma reforma do Ensino Médio. Se ele será por áreas, ou o modelo que vem. Estamos aguardando orientações, vamos manter o nosso trabalho assim, a Sociologia vai ser trabalhada junto com problemas e projetos de SOR e a Filosofia vai ficar sozinha (coordenadora escola B).

Como a Sociologia foi incluída após a Lei que exige a sua implementação, ou seja, não foi por iniciativa das escolas, mas por uma Lei que obriga a inclusão, procuramos identificar se houve algum conflito, ou resistência no processo de inclusão, tanto entre professores (que poderia ser em função de haver necessidade de redução da carga horária de uma disciplina para incluir a Sociologia) ou entre pais e a comunidade em geral, bem como, por parte da direção, que poderia oferecer resistência na realização de inclusão da disciplina.

7) Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

Porque assim ó, normalmente a dificuldade se daria em função da resistência de famílias, mas foi bem aceita, possivelmente porque a professora é muito

qualificada e isso ajuda bastante. Ela trabalha numa linha muito reflexiva. Principalmente a partir de textos, a partir de filmes, a partir da realidade, de discussões. Aí fica muito tranquilo, não teve resistência nenhuma (coordenadora da escola D).

Foi muito bem aceita, pois a disciplina tem uma importância bastante grande diante da proposta de educação “da mantenedora” que busca oportunizar ao educando experiências significativas de aprendizagem para que este possa decodificar a complexidade da realidade social (coordenadora escola F).

Nós, principalmente pela visão humanista, que é a rede que a “escola D” tem como fundamento, mas, claro que todo mundo no fundo puxa para sua disciplina, se tu consultar a professora de matemática ela quer mais um período de matemática, mas como não se tirou carga horária de ninguém, e se fez todo um trabalho de inserção e de interdisciplinaridade, se tornou fácil (coordenadora escola D).

As justificativas da tranquilidade na inclusão, passam pela importância da professora qualificada e da mantenedora com sua visão humanista. Como a Sociologia foi incluída após a Lei que exige a sua implementação, ou seja, não foi por iniciativa das escolas, mas por uma Lei que obriga a inclusão, percebemos que não houve conflitos no processo de inclusão, nem entre professores (que poderia ser em função de haver necessidade de redução da carga horária de uma disciplina para incluir a Sociologia) ou entre pais e a comunidade em geral, bem como, por parte da direção, que poderia oferecer resistência na realização de inclusão da disciplina.

9) Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Das seis coordenadoras entrevistadas, todas afirmam que o currículo de Sociologia é elaborado de maneira conjunta, dando autonomia ao professor da disciplina, para que ainda inclua algum conteúdo que considerar necessário durante o ano letivo. Bem como, que faça uso das metodologias mais adequadas para o ensino da Sociologia no Ensino Médio. Neste sentido, as coordenadoras das escolas afirmam:

Todo o currículo é elaborado pelo professor, eu dou um exemplo assim, na reunião de segunda-feira agora, nós fizemos uma reunião de verticalidade. A gente pega os planos de estudo desse ano, pega e devolve para os professores, para o professor conversar com o professor que vem depois: olha eu fui até aqui, maravilhosamente bem, está sobrando espaço, eu vou avançar com conteúdos teus do ano que vem. Ou, eu estou trabalhando isso aqui, vou chegar na classificação das orações, mas não vou esquematizar, então no ano que vem o professor começa com a esquematização. Isso que a gente chama a reunião da verticalidade em que a gente faz a adequação do currículo assim (coordenadora da escola B).

Então, o que nós fizemos, como nós estamos iniciando esse trabalho, nós fizemos uma pesquisa a partir de parâmetros nacionais, a partir de fóruns, do próprio professor, da sua formação e de sua experiência em outra instituição e elaboramos juntos. O professor e a equipe de coordenação elaboram um currículo. (...) Ainda não está aprovado por sinal, a gente está com um currículo piloto, a gente vai ver o que vai acontecer esse ano e aí a partir desse currículo piloto a gente vai fazer as alterações que precisa para o ano que vem. Então a gente está fazendo uma experiência. Então o que a gente percebeu já, tem alguns assuntos trabalhados com os alunos exigem um raciocínio, ou conhecimento prévio que eles não tem, então é preciso trabalhar isso antes. Então ele está sentindo um pouco as turmas em relação a isso (coordenadora escola C).

Sim existe o plano de estudos de Sociologia. O mesmo foi elaborado por componentes curriculares da área, representantes de cada colégio "F" sob a supervisão da Comissão de Educação da Mantenedora. O mesmo é exigido e acompanhado pela coordenação pedagógica do colégio (coordenadora escola F).

Existe um plano de estudos da rede, onde consta a proposta de Sociologia que pode ser acrescentada, partindo de outras intenções coerentes com a proposta. O professor é acompanhado pelo SCP e SOE (coordenadora escola E).

Nós temos algumas diretrizes da nossa mantenedora pra Sociologia e a partir dessas diretrizes a professora elaborou o seu Currículo (coordenadora escola A).

Assim, teve a participação de cada unidade. Nós recebemos os planos de estudo, cada unidade se manifestou por escrito, enviamos a mantenedora, aí vieram os conteúdos, aí a partir disso foram estabelecidos os planos de trabalho de cada unidade de cada colégio, cada disciplina. Ela é participativa, assim ó, todos os currículos, na verdade, todos os componentes curriculares, os professores se reuniram, analisaram, enviaram para a mantenedora, logo eles se posicionou e deu um retorno, a partir disso é que a gente organizou. E isso não só da Sociologia, de todos os componentes (coordenadora escola D).

A coordenadora da escola D afirma, com o orgulho de quem cumpre bem o seu papel, (de coordenadora) que aproveita o fato da professora deixar os textos, para que se façam cópias, para "acompanhar" o conteúdo dado pela disciplina de Sociologia.

Nós temos reuniões quinzenais, nas quartas-feiras, das 18h às 20h. E nós temos o atendimento individualizado, na sexta-feira a professora começa as aulas as 11:10 min, então ela sempre chega pelas 10:30, até as 11h a gente conversa. Além disso ela me manda todo o trabalho que vai para o estudante para eu xerocar, é sempre com autorização, aí eu já acompanho os textos, né, do material que é dado, e independente disso, caso eu tenha alguma sugestão eu encaminho para a professora, e caso ela precise fazer algum remanejo, ela me consulta (coordenadora escola D).

Ficou bem claro que existe um acompanhamento permanente das atividades na maioria das escolas, em apenas uma delas esse acompanhamento é trimestral, na maioria das escolas é semanal o acompanhamento das atividades.

Podemos perceber que existe uma prescrição importante por parte das escolas em relação ao conteúdo que será ministrado em Sociologia. Ainda assim, percebemos, também, que a participação do professor é efetiva na elaboração, bem como, foi possível perceber um interesse pela atuação interdisciplinar, tanto por parte dos professores, quanto pelas coordenadoras.

Ao perguntadas se existe algum controle do trabalho dos professores, todas as coordenadoras afirmaram que têm reuniões com os professores, para acompanhar o andamento das aulas. Das seis escolas entrevistadas, uma delas tem reuniões trimestrais, outra quinzenal, mas tem um horário semanal com o professor, e, três das escolas tem reuniões semanais com os professores. Uma das escolas não informou como são acompanhadas as aulas, mas o professora da disciplina fez a seguinte afirmação em relação ao currículo: *“O mesmo é exigido e acompanhado pela coordenação pedagógica do colégio” (professor escola F).*

10) Qual a formação do professor de Sociologia?

Todas as coordenadoras pedagógicas afirmaram que os professores de sociologia têm formação específica.

11) Qual a maior preocupação da escola em relação à formação dos alunos de Ensino Médio?

Foi possível perceber na fala das coordenadoras pedagógicas, entre as preocupações na formação dos jovens, que tanto existe uma preocupação mais positivista, de torná-los conhecedores dos direitos e deveres; bem como, de agregar valores; e também, de prepará-los para o mercado de trabalho e para a cidadania.

... a gente sabe que esse jovem, mais do que entrar no mercado de trabalho ele precisa se preparar para a vida. Então o nosso projeto é assim de formar jovens, e assim, adultos jovens com 17 e 18 anos que sejam capazes de serem agentes de transformação da sociedade, ou seja, para formar o seu meio buscando esses ideais de valores de propriedade mais fraterna, mais igualitária. Que possam fazer umas escolhas assim no mercado de trabalho, enquanto profissional, mas principalmente assim, essa preocupação, essa visão de serem agentes de transformação, de serem cidadãos, de terem um papel na sociedade (coordenadora escola C).

Percebemos de forma mais direta em algumas falas, e, subentendida em outras, a preocupação em preparar os jovens para o contexto atual, a vida em sociedade, a inserção no mercado de trabalho, ou seja, as coordenadoras consideram que a Sociologia é importante por contribuir nestes aspectos da formação dos jovens. Acreditam também, que contribui na formação da cidadania por desenvolver um pensamento mais reflexivo.

O Ensino Médio visa consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos e despertar nos jovens competências para que no futuro suas escolhas profissionais coincidam com seus anseios e desejos. A organização curricular que abrange três grandes áreas do saber: linguagens, ciências da natureza e matemática e ciências humanas. A prática integrada dessas, realizada de forma interdisciplinar e contextualizada, objetiva destacar a educação tecnológica bem como o processo histórico-social e cultural, propiciando o vínculo com o mundo do trabalho e o exercício pleno da cidadania (Coordenadora escola F)

Formação integral: excelência acadêmica junto a excelência humana (coordenadora escola E).

Tu diz o que a gente gostaria, de como eles saíssem? A ideia é que o aluno saia com uma formação completa, uma formação que ele possa, vamos dizer assim, se virar dentro da sociedade, então o que a gente chama de uma formação completa, que ele tenha sido trabalhado nas áreas sociais, que a gente já fazia isso dentro de ensino religioso como em Filosofia, que ele seja um cidadão que se de conta dos direitos e dos deveres porque este aluno que está aqui hoje, a escola é uma mini-sociedade, onde a gente tem direitos e deveres, então ele tem que, nós temos essa preocupação, que o aluno saia com essa consciência de direitos e deveres, tenha a noção de que como cidadão ele tem que ser um membro na comunidade dele e na sociedade. Então ali entra as questões éticas, a questão ética e a questão de criticidade e

a gente procura desenvolver no nosso aluno a questão da crítica, não a crítica pela crítica, mas a crítica com fundamentação, com dados concretos (coordenadora escola A).

Nós temos uma preocupação deles poderem aproveitar o máximo da escola. Principalmente na questão da criticidade, do senso crítico, da postura e das relações. Nós trabalhamos assim, no segundo ano principalmente, primeiro, segundo e terceiro ano, a preparação no aspecto, numa visão mais vocacional, que envolve a profissional, então a gente realiza, participa de feira de profissões, visita universidades, faz testagem profissional, trabalha esse lado de projetos que é um desenvolvimento mais global, né, onde eles têm que exercerem liderança, trabalho em grupo, exercerem diferentes papéis e também tem a preocupação do conteúdo porque os pais também cobram isso. Embora a escola não seja conteudista, né, os resultados nos mostram que por nós trabalharmos desta forma, eles acabam tendo bons resultados. Então o nosso objetivo principal é a formação deles como um todo, mas não deixa também de ter este lado conteudista, que quer dizer conteúdo, ter uma boa base, ter uma boa crítica, poder ler não só o que está escrito, mas as mensagens que essas Leituras querem nos passar, né, as simbologias do que está por trás deste mundo que a gente vive (coordenadora escola D).

12) Qual a importância de ter Sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a Sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

É fundamental, nós vemos com muita alegria, inclusive já pensamos em trabalhar esses conteúdos já antes, nas séries do fundamental e de forma que eles consigam já ter esse vocabulário, essa visão, pra chegar no Ensino Médio e ter que formalizar esse conhecimento e já ter uma caminhada, como isso que a gente está passando agora, então será que a gente não pode construir os conceitos e noções? Tem todo esse trabalho... (...), nós tínhamos moral e cívica, OSPB e depois foram extintas e foram substituídas por outras áreas e são disciplinas que assim, poxa, essa questão da Lei, Lei do hino Nacional, foi uma questão histórica, política, que se deixou de trabalhar alguns símbolos da pátria como se trabalhava antes, ai a gente tem prós e contras, por exemplo, as vezes vai tocar o hino em uma solenidade e ninguém sabe cantar o hino e nem qual é a postura, então tem algumas coisas que a gente sabe que essas disciplinas fazem que ---- a Sociologia é uma delas, então não é --- entender a história, daqui a pouco a gente não sabe, as coisa vem da onde..uma pátria uma nação, é diferente mesmo, esses conceitos, então a gente vê que essa disciplina se presta também para isso (coordenadora escola C).

Com essa disciplina, mais específica, o que eu tenho disso, que a reflexão ela ocorria mais nas disciplinas de Religião e Filosofia porque elas são embrenhadas, assim como na História. Com um momento específico da Sociologia, isso facilita e proporciona mais situações de reflexão, de aperfeiçoamento, então a gente acredita que com isso nós vamos dizer assim, vamos ter mais uma oportunidade de trabalhar com o aluno. Ela é um dos elementos que colaboram para isso. Para o Ensino da Sociologia, ela vem, na verdade o que a gente, no Brasil a gente trabalhava Moral e Cívica, OSPB, que eram disciplinas que davam essa abertura do pensar, levantar argumentos, fazer críticas, se posicionar, o que a gente viu, no momento que começou a ditadura, essas disciplinas foram sendo retiradas porque isso não era do interesse do governo. E a medida que foi abrindo mais a democracia, essas coisas foram voltando, ta, e eu não sei até que ponto o governo tem

consciência do que isso possa significar, eu tenho a expectativa que a longo prazo o povo brasileiro se torne mais participante na política (...)Muito pouco, então eu acho que essa disciplina que trabalha, a Filosofia, a Sociologia, que trabalham com as questões de reflexão, e de conhecimento sociológico, tem como objetivo fornecer mais reflexão para o brasileiro e dar, vamos dizer assim, argumentos para eles lutar pelas coisas que se acha que tem que brigar (coordenadora escola A).

Acredito que a Sociologia ajuda a compreender a especificidade da análise sociológica dos fatos e acontecimentos sociais, permitindo ao aluno uma atuação consciente no mundo e contexto que vive, se posicionando perante os desafios da sociedade contemporânea (coordenadora escola F).

Acrescentando competências e habilidades que agregam a formação de um bom cidadão, capaz de atuar na construção de uma sociedade coerente para todos (Coordenadora escola E).

Ela acrescenta nesta questão bem crítica, de visão global, de um trabalho mais amplo, entende, de fazer com que o estudante pense sua forma de ser e de agir, bem criticamente, que a gente trabalha. Então ela contribui fazendo bem essa linha interdisciplinar neste processo. Pelo menos aqui na nossa escola (coordenadora escola D).

Dentre as colocações, aparece ao menos em duas falas, de forma explícita, a espera por uma postura mais doutrinadora da Sociologia, as coordenadoras fazem comparação da Sociologia com as disciplinas de OSPB, que tinha um caráter de tom ufanista, e Moral e Cívica, que foi incluída de forma obrigatória em 1942, em pleno auge da ditadura militar.

4.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A exposição e análise das entrevistas com os professores, abaixo realizada, segue a ordem do roteiro das entrevistas, omitindo as questões consideradas irrelevantes. As entrevistas desta seção constam na íntegra no apêndice E.

Foram entrevistados 5 professores de Sociologia no Ensino Médio, das escolas particulares de Porto Alegre. Sendo que, uma das professoras respondeu a entrevista pessoalmente e as demais responderam por e-mail. A entrevista era composta por 15 questões. A primeira questão trata da formação dos professores:

1) *Qual a sua formação?*

Todos os professores das escolas entrevistadas são formados em Ciências Sociais. Alguns deles apresentam formação, também, em outras áreas, como a Filosofia, a Pedagogia e até mesmo uma das professoras apresenta formação em Psicologia.

As formações caracterizam um pouco da atuação de cada professor. Fica evidente a formação de cada um ao exprimir as preocupações em relação ao conteúdo que os jovens devem aprender no Ensino Médio.

A professora com formação em Pedagogia demonstra, entre os cuidados em relação ao conteúdo, grande preocupação em relação às práticas pedagógicas em sala de aula. A professora com formação em Psicologia, preocupa-se com a saúde psicológica dos jovens de Ensino Médio, a professora afirma haver grande necessidade do uso de medicações, como de antidepressivos, e também de medicações para déficit de atenção. Ela afirma que esses problemas são concernentes à complexa e conturbada sociedade contemporânea.

2) *Desde quando trabalha com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?*

A maioria dos professores trabalha com sociologia no Ensino Médio desde 2008 (3 dos professores entrevistados). Uma dessas professoras trabalha com a disciplina desde 1990, mas no Ensino Superior, e está trabalhando no Ensino Médio apenas desde 2008. Dos outros dois professores, um trabalha com a disciplina desde 2006, e o outro desde 2007.

3) *Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de quem?*

A minha orientação é com base naqueles assuntos considerados fundamentais da sociologia e as possibilidades de tempo para trabalhá-los. Por exemplo, socialização, instituições sociais, Estado, Individuo e Sociedade, a noção de objeto da sociologia nos clássicos da sociologia, etc. Os PCNs e livros introdutórios e didáticos ajudam como referenciais, apesar de que considero

que está para surgir um bom livro didático de sociologia para ensino médio (professor escola H).

Os demais professores também colocam que atendem algumas orientações das escolas e às determinações de orientação do programa de currículos nacionais (PCN). Ainda assim, eles não demonstraram sentir falta de autonomia. Alguns colocam que tem autonomia total e outros que conseguem trabalhar, também, os conteúdos que consideram relevantes no ensino de Sociologia.

4) Quem participa da elaboração do currículo de Sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de Sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

[...] dentro da escola à o acompanhamento de toda a diretoria, de forma especial a Coordenadora Pedagógica da escola. Os educandos e as educandas também participam do processo. Sim, existe diálogo com os outros professores, seja na Jornada Pedagógica, nas reuniões semanais dos professores, como nos corredores e intervalos. Ocorre antes e durante, não é um currículo estático, mas sim dinâmico aberto sempre a novas possibilidades, sem distanciar-se obviamente da base já construída (professor escola F).

No geral, os professores apresentam alguma relação com as outras disciplinas, demonstrando características de interdisciplinaridade.

5) Quais os conteúdos mais relevantes para serem trabalhados com alunos do Ensino Médio?

Essa é uma questão muito complexa porque, sem dúvida, os grupos são diferentes em suas histórias, tanto pessoais quanto sociais. Caímos na tentação de avaliar os “jovens” ou os/as alunos/as do ensino médio como se fossem uma “massa homogênea” e que a todos e todas interessassem os mesmos temas. Isso ocorre em virtude da forte influência positivista que temos.(...) Com essa perspectiva, avalio como fundamental o trabalho com temas contemporâneos, sem jamais abandonar os clássicos (é necessário lê-los com os olhos contemporâneos), atentando principalmente para os “elos perdidos” da sociedade mundial, quais sejam: a América Latina e a África. Tenho realizado esta experiência com os/as estudantes e o resultado é fascinante. É fascinante vê-los/as desvelar a realidade social e pouco a pouco ir produzindo a “autonomia intelectual”. Esse, para mim, é o grande projeto da

educação escolar, isto é, a produção da “autonomia intelectual”(professora escola A)

(...) São coisas para deixar algumas definições que eu acredito que eles Precisam ter bem claro. Por exemplos, conceitos do que é a sociedade, uma visão histórica, definir bem claro o conceito de cultura, moral, ética, isso é muito importante para eles, até conhecer teóricos famosos que eles escutam por aí e não sabem nada da teoria deles. Então só para esclarecer um pouco disso para eles poderem fazer um link com a sociedade hoje que a gente está vivendo, poder estudar, analisar ela, quais são as patologias hoje da nossa sociedade, tentar passar essa visão para eles, tentando mostrar para eles que se eles querem uma sociedade melhor para eles, para as outras gerações, não é para ficar esperando, ajuda-los a serem agentes participativos, poderem se posicionar, tentar conscientizá-los nesse sentido assim...(professora escola D).

Desigualdade social no Brasil de hoje e as Políticas Sociais; Cultura e a questão do relativismo cultural; Desenvolvimento Sustentável Equitativo; O jovem e o adolescente de hoje; Mudanças sociais; Globalização e novas relações de trabalho; o Estado brasileiro e a democracia (professor escola G).

Compreendo que a Sociologia deve se deter em temas atuais e relevantes da sociedade, sobre as temáticas de interesse dos jovens, sobre a colaboração que elas tem sob a vida de cada um de nós (desde a criação de novas culturas à construções ideológicas particulares), sobre à Sociologia (criação, processos históricos e importância em nossas vidas). Creio que aprofundar os métodos - algo muito batido nas faculdades - não tem no Ensino Médio seu lugar, não estou dizendo que são inúteis, mas devemos nos preocupar em contextualizar estes conhecimentos à realidade dos jovens. Falando em conteúdos específicos, creio que não pode falar ao longo dos três anos estudos sobre a cultura, pessoa humana, etnias, construções de nações, Governo e Estado, Política (regional, nacional e internacional), Violência, Pobreza, Revoluções Industriais e tecnológicas, Projetos Sociais e empreendedorismo (tradicional, social e ambiental)(professor escola F).

Conteúdos devem respeitar as idades dos alunos, o grau de conhecimento e maturidade intelectual e os conteúdos não devem ser maçantes, ensinado somente através de texto, deve haver produção e envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, senão qualquer conteúdo é “chato”. No entanto, existe um escopo sociológico referentes a história da produção científica da área que deve ser considerado alguns como relevantes como: socialização, instituições sociais, Estado, Individuo e Sociedade, a noção de objeto da sociologia nos clássicos da sociologia, trabalho, cultura, ideologia, movimentos sociais e cidadania, etc. (professor escola H).

Socialização, instituições sociais, Estado, Individuo e Sociedade, a noção de objeto da Sociologia nos clássicos da Sociologia, trabalho, cultura, ideologia, movimentos sociais e cidadania, etc. (professor escola B).

6) Você acredita que o currículo contempla isso?

Como já disse, tenho me esforçado muito para que esses/as jovens sejam livres, que possam pensar para além do senso comum (mas utilizando sua matriz), que possam perceber a realidade sem se submeterem aos “líderes messiânicos” da ciência da modernidade. A revolução das ideias é o maior e

mais potente instrumento de transformação da realidade. Mas revolucionar as ideias é um processo longo de aprendizagem e minha vida tem sido dedicada a essa tarefa que para mim é histórica (professora escola A).

Um dos professores afirmou não entender a pergunta e não respondeu. Os demais responderam que sim, que conseguem trabalhar os conteúdos que consideram relevantes. Um afirmou que o currículo contempla, mas considera o tempo de aula insuficiente para que a sociologia consiga ser trabalhada de modo efetivo e contemplando os temas relevantes.

7) Qual o tema de sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Socialização, Família, Sociedade de Consumo, Estado (professor escola H).

Etnias e Política. O primeiro é importantíssimo, pois há muito preconceito e indiferença nesta fase etária dos jovens, creio que é o momento de nossa vida onde muitas convicções são elaboradas, assim como projetos de vida. Política, o povo brasileiro tem se demonstrado, pelo menos nos últimos 10 anos, muito ignorante nesta área, é necessário saber, conhecer, falar sobre isto, pois as discussões e possíveis decisões tomadas nesta esfera interferem diretamente em nossas vidas (professor escola F).

O tema da minha preferência gira em torno do poder simbólico e das imagens e representações que os grupos sociais constroem sobre a sociedade. Gosto de trabalhar com as temáticas do poder político, poder simbólico, mudança social e estilos de vida das classes sociais. Um dos motivos é a receptividade dos alunos, além da relevância desses temas. Outros motivos importantes podem ser atribuídos à minha formação (professor escola G).

(...) Bom, o que eu quero dizer com isso é que os conteúdos programáticos que foram e são desenvolvidos nas escolas estão diretamente relacionados ao tipo de ser humano que a sociedade capitalista necessita. Intencionalmente esconde ou nega alguns conteúdos fundamentais para a emancipação dos/as sujeitos que se dá por intermédio de sua "autonomia intelectual". Por exemplo: não estudar a realidade da América Latina, da África e ter acesso a uma história do Brasil totalmente fragmentada faz com que não se possa construir resistência/protagonismo dos/as sujeitos sociais. Em constante unidade com esses temas que poderia chamar de macrosociais (estruturais) desenvolvo os temas específicos como a questão do mundo do trabalho, da cultura, da organização política, da sexualidade, dos movimentos sociais e movimentos populares, etc. (professora escola A).

Precisa ter um pouco duma versão histórica, algumas definições, voltar aquela questão bem da natureza humana, homem é um ser social, por natureza ou não, precisamos viver em sociedade. Essas constatações para eles possam chegar e se darem conta e para poder tirar as próprias conclusões e não eu chegar e impor as minhas conclusões, o que eu penso o que..eu acredito o que eu penso, o que eu defendo (professora escola D).

8) Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio?
Por quê?

Tenho certa cautela em trabalhar com livros didáticos porque eles sempre representam o imaginário do escritor/escritora e são direcionados para temas “gerais” que muitas vezes estão desconectados da realidade histórica dos/as estudantes. No início do ano letivo elaboro/aplico um instrumento sócio-antropológico junto aos/as estudantes para conhecê-los/as um pouco melhor. É evidente, todavia, que esse instrumento é o início do processo de conhecimento. A partir dessa primeira visão do/a sujeito/a histórico, que é o/a aluno/a, escolho autores que atendam as necessidades de reflexão, que possam produzir a inquietação cognitiva que conduza, então, aos primeiros passos da autonomia intelectual. Desta maneira, não trabalho com autores/as que dogmatizam verdades, nem com autores/as que superficializam verdades e nem com autores/as mascaram ideologicamente as verdades. Procuo sempre autores que possuem responsabilidade com a verdade (professor escola A).

Adoro usar todos os que gosto (descubro) do Brasil, desde Gilberto passando por Buarque de Holanda, Betinho, FHC a artigos de professores e educandos de nossas faculdades. De fora e tradicionais gosto de Bordieu, Giddens, Weber.

Sabe para cada aula procuro encontrar as melhores contribuições a minha disposição. Gosto de revelar as particularidades dentro da universalidade de possibilidades (professor escola F).

Não penso o currículo a partir de autores ou teorias; mas, preferencialmente, a partir de temas e problemas – sempre de olho nas competências e habilidades que podemos ajudar a desenvolver. Nesse processo, alguns autores são obrigatórios – os fundadores (Comte, Weber, Durkheim e Marx) e criadores de tendências sociológicas (como Parsons, Manheim, Mauss, Mead, Habermas, Adorno, Foucault, Giddens, Elias, Bourdieu e Bauman) – por que permitem trabalhar com os temas e problemas fundamentais: poder político, micropoderes, processo civilizatório, poder simbólico, mudança social, modernidade líquida, etc (professor escola G).

Os próprios autores dos livros didáticos existentes, pois procuram organizar conceitos e temáticas para os alunos de ensino médio. Mas minha base são minhas leituras dos autores das ciências sociais como Bourdieu, Norbert Elias, Noberto Bobbio, entre tantos outros. Na sociologia nós trabalhamos com bastantes autores, a gente trabalha com Marx, Weber, August Comte. Uma visão um pouco mais da história, a gente perpassa até os autores atuais, eu não sou uma pessoa que defende um único autor, eu prefiro mostrar um leque amplo para eles e ao mesmo tempo dizendo, olha, esses teóricos já foram refutados e mostrando hoje, outros autores contemporâneos o que é que pensam o que defendem. O que eu tenho usado mais atualmente agora é o próprio tema do sociólogo, que era repórter também... agora não me vem o nome... (professor escola D).

10) Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade?
Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

O maior desafio é justamente aquele que a sociologia se propõe a trabalhar, ou seja, tornar-se um sujeito sensível e crítico a sua própria condição ao estar imerso na vida social (professor escola H).

Compreender "quem eu sou?" e "qual é o meu principal projeto de vida?". Absolutamente, na medida que auxilia na construção de um olhar crítico (que deve gerar opiniões/crenças) e também na criação de novas possibilidades de entendimento do mundo (professor escola F)

Há muitos desafios – depende da classe social desses jovens: a inserção no mercado de trabalho; a violência; as questões de identidade; a ausência de modelos, grandes narrativas e utopias; a necessidade de compreender um mundo complexo e de compreender o outro...Acho que a sociologia pode contribuir desenvolvendo competências e habilidades que propiciem aos jovens lidar com essas questões e outras que precisarão enfrentar ao longo da vida (professor escola G).

São muitos os desafios que estão postos aos/as jovens em um tempo histórico em que a ideologia dominante **"decretou"** o fim da história, o fim das utopias e o fim da sociedade de classe. Essa mesma sociedade que se postula "democrática" produziu a "lei de tolerância zero"(Löic Warquant); essa mesma sociedade que diz ter superado a rigidez da modernidade com suas **verdades universais** produz verdades voláteis e descartáveis como são as mercadorias e essa sociedade que afirma construir o ser humano autêntico produz um ser **Obsoleto**, mercadoria descartável, ou como diz Alberto Bialakowsky (Universidad de Buenos Aires)os **elimináveis**. Veja que a gama de desafios é intensa e se multiplicam em inúmeras variáveis dependendo da realidade particular em que vivem determinados grupos de jovens. Lembro sempre das reflexões de Hannah Arendt, em seu livro Tratado sobre a Violência. Nesse livro Hannah Arendt fala sobre o nihilismo produzido na juventude a partir da guerra fria. Hoje vivemos uma **neoguerra fria** só que com uma dimensão unipolar determinada pelo mercado, ou como diz István Mészáros, determinado pela lógica do capital. A Sociologia é uma ciência fundamental, um instrumento essencial para que se compreenda como a humanidade chegou a esse estágio, quais foram as estratégias utilizadas para a conquista da "democracia de mercado", como diz Atílio Borón (Professora escola A).

O maior desafio é... para mim são três: uma é fazer eles saírem do narcisismo deles, ta, não é fácil, são muito narcisistas. Nós temos uma sociedade narcisista. Eles só querem coisas que dêem prazer. Tudo que vá fazer eles terem esforço ou sentir alguma dor, digamos assim, é ---- muito complicado. Uma outra questão é poder colocar uma sementinha de esperança neles. Porque são jovens assim que eles não encontram assim muitas perspectivas boas, existe toda uma sociedade corrupta, violenta, famílias completamente desestruturadas, abandonam os filhos, até eles são filhos meio que "abandonados" (entre aspas), abandonados não no sentido econômico, mas no sentido emocional, né, e isso acaba refletindo dentro da sala de aula e acaba refletindo naquilo que a gente chama de limite. Eles não sabem o que é limite, isso é a dificuldade.E o terceiro é o próprio limite. (professora escola D).

14) Você acredita que a forma como a Sociologia é ensinada, transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?

Em resposta a questão da importância da inclusão da Sociologia na formação de cidadãos, percebemos que a professora da escola D, divide seu posicionamento entre uma visão de caráter positivista (ao colocar que a disciplina serviria para refletir sobre a cidadania, direitos e deveres), e, também, apresenta a uma grande preocupação, de quem conhece a realidade dos problemas emocionais resultantes da complexidade contemporânea.

Esse é o objetivo, que possam se tornar mais críticos, mais exigentes, mais observadores, pensar sobre a cidadania, os direitos e deveres. Eu acho que ela fica um pouco mais consciente. Resolver, não. Dizer que a Sociologia vai ser a solução de todos os problemas, não. Ela vai ajudar um pouco para eles pararem, refletirem, assim como a Filosofia. Vão conseguir cair algumas fixas como eu brinco, né, mas dizer assim, olha a cura é Filosofia e Sociologia, não, mesmo sendo da área eu te diria assim, é um emocional muito frágil, muito abalado que requer também um acompanhamento psíquico das pessoas, por isso que a gente encaminha, vai sugerir para os pais, tem mais a ver com o emocional, com a forma que esta sociedade está se estruturando (professora escola D).

Para outro professor, contribuir para viver a plena cidadania seria sim o objetivo, no entanto, para ele, a própria realidade de escola particular não contribui para isso, a alienação é muito presente e o tempo de aula insuficiente.

Acredito, mas parcialmente. O ensino de Sociologia não se dá de maneira isolada. O contexto sócio-cultural dos alunos da escola particular não contribui para torná-los sujeitos críticos a ponto de viverem a plena cidadania. A alienação (usando o termo de uma maneira frouxa) continua sendo realidade. Um período por semana pode contribuir para transformar alguns alunos em sujeitos críticos. No geral contribui em parte para mudar a visão ingênua que possuem sobre a sociedade. Mas penso que é uma ilusão pretender que "a" juventude pode ser transformada num sentido plenamente emancipatório. O que não significa que somos céticos em relação aos resultados de nosso trabalho (professor escola G).

Outro professor também ressalta o curto espaço de tempo, para as aulas da disciplina:

Pouquíssimo tempo de aula, menos ainda para projetos e ainda pouco espaço na mídia. Mas não sou pessimista, creio que estamos no caminho correto, tenho muitas esperanças, aliás, por isto entrei para as salas de aula. (professor escola F).

Na fala de outra professora percebemos a sua preocupação com a formação dos profissionais, bem como com a própria mantenedora das escolas, no sentido de dar condições, de proporcionar a dinâmica necessária para tornar a disciplina disseminadora da cidadania.

Seria muita petulância de minha parte criticar meus/minhas colegas sem levar em consideração a realidade em que eles/as foram formados/as como professores/as; a realidade da escola na qual trabalham; a realidade dos/as estudantes dessas escolas; o perfil do gestor da escola, etc. Mas, mesmo correndo o risco de ser petulante, avalio que duas premissas devem ser levadas em consideração. A primeira diz respeito à escola de formação de professores/as (as Universidades) e a segunda diz respeito à mantenedora da escola. Se um/a profissional ao sair da Universidade, não consegue trabalhar com os conceitos fundamentais da Sociologia e não consegue realizar a hermenêutica das teorias, existe uma falha enorme na formação que irá repercutir, evidentemente, na atuação do/a profissional no Ensino Médio. A segunda é a capacidade da mantenedora (seja o Estado ou as mantenedoras privadas) em subverter a dinâmica profissional/legal que determina que a atuação em cada área do conhecimento seja garantida aos/as profissionais formados/as para tal. Se a disciplina de Sociologia não for trabalhada por Cientistas Sociais, com formação em graduação em Ciências Sociais, o resultado da disciplina será, somente, o preenchimento de uma determinação legal. A ciência só terá relevância social se o/a cientista for o protagonista de sua disseminação (professora escola A)

Outro professor questiona de qual 'cidadania' estamos nos referindo e coloca que a Sociologia é uma das disciplinas que assume este papel. Ele apresenta sua preocupação com as ideologias dominantes, que tem como preocupação formar jovens para um mercado competitivo e não para a cidadania.

A Sociologia é uma disciplina que tem grande papel na capacitação de jovens críticos, mas não é a única. Meu objetivo é justamente este, mas é uma tarefa bastante difícil, pois as ideologias dominantes na nossa sociedade têm outros interesses (professor escola H).

4.3 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DOS CURRÍCULOS DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Conforme já citado anteriormente, das 8 escolas participantes da pesquisa, 5 concordaram em disponibilizar os currículos de Sociologia de suas escolas. Os currículos apresentados são aqueles trabalhados no 1º ano do Ensino Médio, pois, a

introdução da disciplina ocorre de modo gradual, assim, em 2009, na maioria das escolas, apenas os alunos de 1º ano tiveram Sociologia. A previsão é que em 2010 as escolas terão, também, a disciplina nos segundos anos e em 2011, estarão com a disciplina nos três anos, conforme a determinação legal.

Num primeiro olhar para os documentos, percebemos que não se trata de um currículo propriamente dito, que tenha conteúdos, metodologia e referências a serem trabalhadas.

Das escolas entrevistadas, nas falas das coordenadoras percebemos que elas trabalham com um “plano de estudos de sociologia”. Ao perguntadas da existência de um currículo de sociologia elas dizem que existe, mas em geral, referem-se ao plano de trabalho do professor; disciplina de sociologia; plano de estudos, proposta da disciplina, mas, ao solicitar o documento, chamamos de currículo, e solicitamos o documento que a escola usa e que representa o currículo.

Por este motivo e para efeitos deste trabalho, mantemos a denominação de currículo de Sociologia.

Dentre os currículos avaliados, alguns apresentam apenas os conteúdos, e outros apresentam também aspectos metodológicos. Em relação aos conteúdos, detemos-nos em apresentar aqueles presentes nos currículos e que apresentam alguma relação com a realidade contemporânea. Nem todos apresentam uma relação direta entre o conteúdo e a realidade social brasileira. Apresentamos todos aqueles que acreditamos não ser possível trabalhar sem remeter ao contexto histórico-social da atualidade em questão.

No currículo da escola D, do conteúdo que apresenta relação com a realidade contemporânea está presente a globalização, através de três temas: cultura e sociedade global; causas e efeitos de uma sociedade global; uma cultura internacional popular. Em outro tópico, denominado “trabalho e alienação”, foi possível identificar outro tema direcionado à realidade contemporânea, com a descrição “visão de trabalho atualmente”.

A escola D apresenta, também, temas como cidadania; movimentos sociais; vivências sociais; política. No entanto, aparecem apenas como temas e sem uma

definição maior, que identifique se os temas serão trabalhados pela visão histórica; social; com abordagem das realidades contemporâneas ou ambas as abordagens.

No currículo da escola B, os conteúdos sobre realidade social contemporânea aparecem de forma pouco significativa. No geral, a descrição dos conteúdos aparece de forma bastante ampla, talvez possa ser trabalhada nos tópicos: Economia e Sociedade; Política e Sociedade; Religião e Sociedade. A escola B apresenta também, um tópico de estudo intitulado “A Sociologia no Brasil”, o tópico não apresenta quais os aspectos serão focados, no entanto, são sugeridos alguns autores: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

No currículo da escola C, está mais presente o encadeamento do conteúdo com a realidade histórico-social contemporânea de globalização:

Não há como negar que este é o fenômeno mais importante das últimas décadas, portanto o aluno deverá compreendê-lo como uma consequência de: a) Processo de inovação de tecnologia, atrelado, então, ao segundo ponto; b) A era do conhecimento; c) Difusão da linha de produção pelo planeta (a porta do carro é produzida no Japão e este é montado no Brasil) (currículo escola C).

Outro tema importante do ponto de vista de encadeamento entre conteúdo e realidade contemporânea, presente no currículo da escola C, trata de “Características do Estado Brasileiro”. Dentro deste tópico o aluno deverá definir os conceitos de patrimonialismo e clientelismo e ser capaz de identificar estes fenômenos nas instituições políticas contemporâneas” (currículo escola C).

Também no currículo da escola C, no tópico de “Ideologias Políticas”, estão presentes os conceitos de Liberalismo e Liberalismo Social, temas que possivelmente serão trabalhados estabelecendo uma relação com a realidade contemporânea.

Das cinco escolas, a escola A, foi a que mais apresentou aspectos relativos a realidade contemporânea, sempre encadeando conteúdo e realidade:

‘Como percebemos o mundo? Um olhar sócio-antropológico do conhecimento; da consciência comum à consciência reflexiva: a produção da autonomia intelectual; o mundo concreto e a consciência reflexiva: o surgimento da sociologia; a pesquisa científica: os caminhos para o desvelamento da realidade social; a cultura como produção do relacionamento entre os seres

humanos; a cultura e as condições econômicas; a cultura e as condições políticas; as formas de organização do poder político e as bases culturais; a sociologia na América Latina (a questão indígena; da juventude; cultural; gênero); a Sociologia no Brasil (currículo escola A).

A escola G também demonstra relevância nos temas histórico-sociais de encadeamento entre teoria e realidade social. Esta relação está presente no tópico: Os Fundamentos da Sociedade: interação social e cotidiano; grupos e organizações; sexualidade e sociedade. Outro tópico importante é “Estrutura Social e as Desigualdades”: classes sociais no Brasil; estratificação global; estratificação e gênero. Em “Instituições Sociais” está presente a economia e o trabalho; poder, política e estado; famílias. Em “Mudança Social” temos: população, urbanização e sustentabilidade; comportamento coletivo e movimentos sociais. A escola G apresenta ainda como tópico “Mudanças Sociais” que abrange os aspectos: tradicional, moderno, pós-moderno.

Dos currículos avaliados, parte deles não apresenta os quatro elementos considerados relevantes por César Coll (2000). A maior parte dos currículos apresenta apenas os conteúdos, o que ensinar, e uma distribuição por trimestres, indicando uma ordem de estudo, o que o autor chama de: quando ensinar. Dos 5 currículos avaliados apenas 2 proporcionam informações metodológicas, de como ensinar ou seja, demonstram levar em consideração a metodologia, para uma melhor compreensão do conteúdo. A preocupação com a avaliação dos alunos, também considerada relevante aos currículos, de acordo com Coll, não consta da maioria dos currículos, em alguns, aparecem apenas comentários que definem o que se espera da construção dos alunos acerca de determinado conteúdo.

4.4 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PARTICULARES DE PORTO ALEGRE

A recepção, das escolas particulares de Ensino Médio, para a realização da pesquisa que resultou neste trabalho, ocorreu com alguma resistência, justificada pelas coordenadoras pedagógicas (que foram desde o início o contato das escolas

para a realização das entrevistas), pelas intensas atividades de professores e coordenadores, o que dificultaria um horário disponível para a realização das entrevistas. Algumas das escolas que não quiseram participar e nem mesmo enviar o currículo de Sociologia do Ensino Médio, para análise em nosso trabalho, argumentaram que somente contribuía na realização de trabalhos ou pesquisas de seus ex-alunos.

Depois de marcadas as entrevistas, as coordenadoras e professores que receberam esta pesquisadora, foram muito receptivos.

Todas as entrevistas feitas com as coordenadoras foram interrompidas por mais de uma vez, para atender alguma demanda de suas respectivas escolas, justificando assim, sua resistência em nos receber em função das atribuições de seus cargos, bem como, podemos entender este fato como a preocupação com o seu trabalho, acima de outras questões.

Boa parte das coordenadoras apenas permitiu que os professores fossem entrevistados via e-mail, de acordo com elas, o horário que o professor permaneceria na escola - para a entrevista - representaria o professor disponível para a escola e deveria ser remunerado. Em função deste contratempo, e porque algumas entrevistas já haviam sido realizadas, mas não eram suficientes para a elaboração desta pesquisa. Optamos por enviar o que seria o nosso roteiro de entrevistas, por e-mail, no formato de uma entrevista estruturada, que foi respondida e remetida para esta pesquisadora por e-mail. Ainda assim, a maioria dos professores e mesmo coordenadores, somente devolveram a entrevista respondida após o término das aulas.

Neste processo, uma das entrevistas realizadas com um dos professores e gravada, ficou com uma qualidade impossível de ser transcrita e o professor entrevistado, ao ser informado, não deu retorno, para que fosse possível remarcar ou responder via e-mail - em função de que as demais escolas também o fariam como única forma de contribuir para a pesquisa. Por este motivo, a entrevista não consta neste trabalho.

Ao avaliar como decorre o processo de conhecimento nas escolas, é necessário lembrar que estas são instituições legitimadas pela sociedade, em alguns

aspectos formadoras de opinião e conhecimento, e, em outros, reprodutoras da realidade social vigente. Neste sentido, as escolas como instituições legitimadas pela sociedade, apresentam alguns papéis bem definidos como o de coordenadores pedagógicos, diretor de escola, professor e aluno.

Esses papéis são expressos de forma latente, através dos horários que os alunos devem seguir, do silêncio na classe, do respeito à hierarquia da escola (professor, coordenador, diretor), esta realidade latente é fundamental na organização da escola. “O conteúdo latente é representado pela aprendizagem passiva, os hábitos, os fatos, as atitudes colhidas através do contato constante, familiar, contínuo com um estado de coisas a cujo respeito não precisamos pensar” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 164).

Com isso, eles afirmam: não quer dizer que o professor dirija tudo, mas é ele quem apresenta as condições necessárias, para definir que formato de interação social ocorrerá em sua sala de aula. Isso, sem esquecer, que o professor é aquilo que a estrutura institucional permite que ele seja. Neste sentido, dentro do campo do ensino, que em nosso caso temos como organização instituída a escola, nosso capital cultural, representado pelos professores de Sociologia, não tem toda a autonomia na decisão dos conteúdos a serem trabalhados na disciplina.

Precisamos levar em consideração que a elaboração dos currículos e, conseqüentemente a autonomia do professor, está atrelada aos interesses da escola, e a existência de uma hierarquia, tendo como figura central os diretores, em seguida, os coordenadores pedagógicos, e, posteriormente, os professores. Além da hierarquia, já mencionada, dentro do campo de Ensino particular, encontramos também, a mantenedora de escola, que detém o capital econômico para o funcionamento e manutenção desta.

As mantenedoras das escolas particulares de Porto Alegre, em sua maioria, apresentam uma origem religiosa cristã e por este motivo, apresentam uma visão/missão advinda desta mesma origem. Neste sentido, na fala de alguns professores, já surge consolidada esta questão, ao falarem que a escola apresenta alguns princípios básicos de educação, pertencentes ao currículo, por orientação da

escola/mantenedora, e, o restante, fica por conta da elaboração de professores e demais agentes escolares.

Ao avaliar os currículos das escolas, foi possível observar que, os conteúdos presentes nos mesmos, na maioria dos casos, refletem mais aspectos da teoria Sociológica propriamente dita. Enquanto que, no discurso dos professores, sobre o que é relevante ensinar a alunos de Ensino Médio, surgem muitos outros aspectos relacionados aos problemas sociais enfrentados na atualidade, bem como, a preocupação em auxiliar aos alunos numa “leitura” da realidade contemporânea e suas complexidades.

Ao observamos os currículos e as falas dos professores, nos arriscamos a sugerir a existência de um currículo oculto, ou seja, existe um currículo “oficial” elaborado nas escolas, mas, de acordo com as falas, da maioria dos professores, as abordagens dadas em sala de aula e também uma parte da teoria que é trabalhada, não aparece nos currículos. Neste sentido, a elaboração do currículo, parece muito mais feita para cumprir uma etapa, do que servir de referência para uma leitura do que acontece na sala de aula, bem como, para um planejamento de como será o ano letivo.

Mannheim questiona um currículo que exista para amarrar o professor e os alunos em determinados conteúdos e modelos de ensino, mas ao mesmo tempo, o coloca como tarefa de grande responsabilidade:

Um verdadeiro currículo não resulta de uma batalha travada sobre as cabeças dos estudantes e que os deixa finalmente com uma plethora de conhecimentos descoordenados. A verdadeira elaboração de currículos constitui tarefa de grande responsabilidade, porque do seu bom êxito dependerão os tópicos do armazém de conhecimentos e cultura que hão de sobreviver e as idéias dinâmicas que serão apresentadas para a transmissão a futuras gerações (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 168).

Observamos nas falas dos professores, que eles sentem-se autônomos em sala de aula. Embora todo um acompanhamento por parte das coordenadoras das escolas, explícitos nas entrevistas, a impressão que tivemos é de que os professores determinam como serão as suas aulas. Para Mannheim e Stewart a interação que ocorre em sala de aula é determinada pelo professor: “Tem ele nas mãos os

principais instrumentos de controle e, se for incapaz de fazê-los funcionar, criará uma situação de conflito crônico em que se terão rompido a autoridade e o controle” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 167).

De acordo com as falas podemos perceber que há uma tradição legitimada nas escolas, com vistas a sua origem e manutenção de uma visão/missão cristã. Precisamos considerar, também, que a presença da Sociologia e as reflexões que esta pretende suscitar, ao menos no que se refere ao Ensino Médio, como pudemos ver, remontam a década de 40, como período de consolidação, com sua retirada, na grande maioria das escolas, pela década de 60, com o auge da ditadura militar, e, um retorno bastante recente (num grande número de escolas, o retorno se deu com a obrigatoriedade da Lei aprovada em 2008).

É sabido, também, que o Ensino traz ainda muito dos moldes do formato tradicional. Neste sentido, no que se refere às Escolas de Ensino Médio, particulares, existe uma tradição do Ensino com uma visão conservadora, voltada para valores cristãos, muito anteriores à presença da Sociologia nas escolas. Que não vai ser rompida e que nem foi questionada pelos professores durante as entrevistas, ela está legitimada, juntamente com a própria existência das instituições particulares de Ensino Médio.

Ainda assim, os professores não demonstraram desconforto com as exigências das escolas em abordar alguns conteúdos de interesse das escolas/mantenedoras, e, em sua maioria, sentem-se com autonomia para trabalhar os conteúdos que consideram relevantes para o desenvolvimento da disciplina. Neste sentido, até mesmo duas coordenadoras colocam a qualificação do professor como foco para a aceitação da disciplina de Sociologia em suas escolas, neste caso, os professores apresentam prestígio, ou seja, são detentores do que Bourdieu (2000) chama de capital social, do campo de Ensino, por darem aula em outra instituição “reconhecida” por sua qualidade no Ensino Superior, e, conseqüentemente, lhes é conferido o *poder* pela boa aceitação da disciplina nestas escolas.

Através de nossa pesquisa empírica, não ficou visível que a introdução da Sociologia tivesse gerado algum conflito nas escolas, nem entre professores e nem mesmo pela parte da coordenação. Acreditamos então, que os maiores conflitos

existentes tenham ocorrido entre o campo de sociólogos e instituições apoiadoras e os dirigentes do país, para alcançar a aprovação da Lei que obriga a inclusão da disciplina em todas as escolas de Ensino Médio do Território Nacional.

Isso indica também, a posição das escolas perante o Estado, em acatar as leis, pois, se o interesse maior estivesse voltado para os conteúdos da disciplina de Sociologia, esta poderia ter sido incluída pelo menos desde 1996, quando a LDB determinava que os alunos deveriam, ao final do Ensino Médio, ter conhecimentos de Sociologia e Filosofia que contribuíssem para a formação da cidadania.

Falamos em educação crítica, reflexiva, mas nos chocamos com os próprios moldes institucionais de Ensino, o contexto entre o papel social de professor e sua representação simbólica, expressa pela mesa no centro, carteira maior, entre outros, que denotam uma superioridade por parte do professor, ao invés de uma postura totalmente construtivista.

Como expressam os autores Berguer e Luckmann, "(...) As instituições e os universos simbólicos são legitimados por indivíduos vivos, que têm localizações sociais concretas e interesses sociais concretos" (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 172). Neste aspecto, as informações recebidas das coordenadoras pedagógicas devem ser analisadas lembrando que elas são representantes das escolas particulares, sendo que, duas dessas escolas, são as mais tradicionais da cidade de Porto Alegre. Neste sentido, as coordenadoras apresentam em suas argumentações um aspecto conservador, condizente com o seu lugar na sociedade.

Pelas falas das coordenadoras percebemos que elas esperam duas coisas da Sociologia: que ela auxilie os alunos, numa busca por cidadania, através daquilo que Giddens chama de reflexividade social, "a aplicação reflexiva do conhecimento sobre o mundo social para enfrentar o desafio de novas circunstâncias e condições do mundo social". Ou seja, que os conhecimentos de Sociologia, tornem os alunos mais conhecedores da realidade e que possam tornar-se reflexivos acerca do mundo que os cerca, e tendo condições de tomar as decisões necessárias para o melhor andamento de suas vidas; mas, também, que ela sirva para transmitir valores e dessa forma contribua na construção da cidadania, que é reduzida por algumas delas como o conhecimento e a obediência a direitos e deveres (visão positivista).

Considerados na perspectiva da ordem institucional, os papéis aparecem como representações institucionais e mediações de conjuntos de conhecimento institucionalmente objetivados. Visto na perspectiva dos vários papéis, cada um destes transporta consigo um apêndice socialmente definido de conhecimentos (BERGER; LUCKMANN, 1978, p. 140).

A escola ocupa um lugar social importante, uma das questões relevantes da educação trata-se do lugar que ela ocupa na sociedade. O fato de primeiramente ser a própria comunidade quem educa, e, posteriormente, a escola. Na comunidade, somos educados pelos padrões que prevalecem em seu interior, oriundos de um dos grupos aos quais pertencemos: família, escola, do bairro, da cidade, do país. “O principal agente educativo é a comunidade, o grupo de pessoas em que vive a criança e os objetos que essas pessoas criaram, suas relações, sua cultura, e suas conexões com uma sociedade ainda mais ampla, além dela” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 41).

Tratamos aqui dos aspectos formais e informais de educação. A educação institucionalizada, das escolas, e a informal, advinda da comunidade. É evidente a forte influência que tem a sociedade até que a criança passe a fazer parte da escola e mesmo durante o período escolar, ela convive com várias outras instituições que vão influenciando a sua formação, para além da escola.

Por estes e outros motivos que a realidade social dos alunos deve ser levada em consideração. Neste aspecto, foi possível perceber nas entrevistas com os professores, que, ao perguntados dos conteúdos que deveriam ser ensinados no Ensino Médio, surgem diversos temas da realidade contemporânea, no entanto, quando falamos dos desafios dos jovens nesta mesma realidade, foi possível perceber um surgimento ainda maior de temas que contextualizam o jovem com sua realidade histórico-social. O fato desses temas não aparecerem como aqueles que deveriam ser ensinados no Ensino Médio e aparecerem como desafio dos jovens, nos leva a pensar que, nem sempre as demandas sociais são consideradas no momento da elaboração do currículo ou dos temas a serem trabalhados na disciplina.

Como estamos vivenciando um momento bastante complexo da sociedade, reflexo da globalização e da imensa quantidade de informações diferentes recebidas

diariamente, a Sociologia pode realizar um papel fundamental, como vários professores colocam, auxiliando o aluno a fazer uma “leitura” desta complexa realidade. Uma “leitura” que possa reverter em condições de uma participação ativa na sociedade, uma participação cidadã, pois “Quando os hábitos ou modos de pensar da sociedade se acham em fase de transição é muito freqüente encontrarmos inúmeros casos de confusão e perturbação” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 171).

O contexto social contemporâneo nos impulsiona para um sem fim de realidades que precisam ser consideradas em sala de aula, “nem as metas, nem as técnicas educacionais podem ser concebidas sem um contexto, mas que, pelo contrário, são, em grandíssima parte, socialmente dirigidas” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 171).

Para o mesmo autor, o enfoque Sociológico deve tratar a educação, não como uma finalidade em si, mas como parte integrante da dinâmica histórico-social contemporânea. “[...] Se é verdade que a criança nunca se educa no abstrato, senão para determinada sociedade, deve ser possível ao sociólogo interpretar as finalidades educacionais de uma época pelas necessidades e pelos esforços da mesma sociedade” (MANNHEIM; STEWART, 1962, p. 171).

Tanto os professores, quanto os coordenadores demonstraram grande preocupação em auxiliar os jovens (alunos) numa “leitura” da complexidade social contemporânea, com o objetivo de ajudá-los em sua inserção social, num sentido amplo, e, de forma mais específica, na inserção ao mercado de trabalho.

Percebemos que tanto as falas dos professores quanto dos coordenadores surgem permeadas por ideologias que representam tanto a sua visão de mundo, quanto o seu posicionamento na sociedade atual.

A complexidade da sociedade contemporânea em seu contexto de globalização neoliberal apresenta uma realidade de mudanças constantes, assim, as regras que valiam ontem, podem não ser mais o que vale hoje, essa realidade é causadora de uma grande ansiedade nos jovens. A nova configuração das famílias, a necessidade de trabalhar cedo e sempre, acaba por ser responsável pelo abandono vivenciado por muitos jovens que crescem sem ter apoio e sem referência (BAUMAN, 2001).

Neste aspecto a professora da escola D afirma:

É muito complicado, eles não conseguem assim discernir, ter o bom senso, isso é apropriado, isso não é apropriado. Então nós temos assim, muitos alunos emocionalmente muito comprometidos, né assim, no sentido emocional. Quando eu falo, eu falo no geral, eu não falo no Colégio D, eu falo no geral. Nós temos muitos alunos que tomam medicações extremamente pesadas e isso eu te digo como experiência da área da saúde. Temos jovens que tomam fluxetina, diazepam, assim por diante, né, são pessoas assim que estão bastante comprometidas. O que dificulta a concentração, o ouvir, o parar, ou seja, a sala de aula hoje é muito diferente do que a muitos anos atrás. Porque você ia a aula e ficava quieto o professor dava a aula, a gente perguntava, hoje o aluno não fica, ele não consegue ficar quieto por muito tempo, é uma ansiedade, uma angústia... é muito difícil. É uma soma de tudo isso, não daria para dizer assim, eu vejo como uma soma de tudo: é muita informação, mas também é muita questão emocional deixando a desejar, né, é um descuido grande em relação aos jovens, às crianças, a um todo (professora escola D)..

Esta fala reflete muito bem a complexidade da sociedade atual, estão explícitas aqui algumas dificuldades, alguns problemas gerados pela complexidade contemporânea, que se refletem numa reação dos jovens e conseqüentemente uma reação em toda a sociedade. A fala parece fazer ainda mais sentido quando sabemos que a professora que fala é uma psicóloga, além de socióloga e filósofa e que está atenta a essa realidade que não é uma realidade isolada, mas sim um reflexo de alguns aspectos histórico-sociais da realidade contemporânea.

Num sentido mais amplo, talvez a globalização represente oportunidades, no entanto, o que se pode observar é que, no que tange à questão econômica, embora uma parcela da população tenha boas oportunidades, uma outra parcela, muito maior, permanece excluída. No aspecto cultural, a socialização da informação, possível pelo desenvolvimento das tecnologias, que são o marco da globalização, tornaram possível uma socialização do conhecimento anteriormente impossível (SANTOS, 2005). Essa realidade global de acesso à informação, seja através do meio de comunicação mais presente nos lares, a televisão - ou outros - torna possível a construção de novos conceitos, teorias e vivências que se multiplicam, concretizando-se através da construção do conhecimento, através da transformação desses conhecimentos em teorias.

Essa possibilidade de maior acesso aos conhecimentos, implica numa maior participação da sociedade como um todo, na construção do conhecimento. Ao

conhecer mais as realidades globais, os indivíduos tornam-se mais aptos a opinar, bem como, existem mais formas de apreender os conhecimentos advindos da sociedade como um todo, e, posteriormente, através dos seus conhecimentos - que anteriormente eram considerados verdades absolutas - criar novos conhecimentos.

Por pretender-se uma disciplina crítica, espera-se que a Sociologia apresente um currículo que preste atenção nessa realidade do poder instituído, do poder simbólico, e, que vá muito além dela, que apresente uma grande reflexividade, auxiliando na formação de uma juventude mais conhecedora e consciente da realidade complexa em que vive. Uma juventude preparada para tomar as suas decisões de forma reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa, nos propusemos investigar a inclusão da Sociologia no Ensino Médio nas escolas particulares da cidade de Porto Alegre, RS. Partimos do pressuposto teórico de Karl Mannheim, de que a condição histórico-social influencia na produção do conhecimento. Portanto, buscamos investigar nosso objeto como reflexo do seu tempo.

Em termos metodológicos, recorremos a entrevistas com coordenadores e professores de Sociologia no Ensino Médio das Escolas Particulares de Porto Alegre e da análise dos currículos das mesmas. Tanto os conteúdos das entrevistas, como os currículos, foram tomados como discursos e analisados à luz do nosso referencial teórico advindo da Sociologia do Conhecimento.

Consoantes com nossas expectativas, foram identificados traços do contexto histórico-social contemporâneo nas entrevistas e currículos. O cenário da globalização apareceu na maioria deles. Também ficou evidente que se espera da Sociologia que possibilite uma leitura da complexa realidade contemporânea e que contribua para a reflexividade tão necessária a esta sociedade.

Contudo, através do estudo, foi possível perceber que os currículos ainda estão em construção e que não refletem, de forma precisa, o que acontece em sala de aula. Eles apenas mapeiam alguns temas e conteúdos que deveriam ser administrados durante as aulas, cuja seleção compete aos professores como também a eles compete a escolha da metodologia de Ensino. Isso nos remete à necessidade de estudos mais detalhados para aprofundar o conhecimento sobre o tema.

No entanto, entendemos que o trabalho proposto alcançou seu objetivo principal, o de ser um estudo exploratório. Pretendemos, ainda, que ele sirva de base para outros trabalhos acadêmicos, bem como, para uma reflexão por parte dos professores, no que se refere a sua prática de Ensino e aos conteúdos selecionados para as aulas.

Além disso, foi possível perceber a relevância de futuros estudos sobre o tema que dêem conta de importantes aspectos não tratados nesta pesquisa.

No que concerne aos aspetos teóricos, seria interessante, por exemplo, incorporar no referencial teórico contribuições do construtivismo para instrumentalizar teoricamente as análises sobre a reflexividade que a Sociologia estaria, em princípio, apta a produzir.

Quanto à dimensão empírica da pesquisa, percebemos que, para um estudo mais detalhado, abrangente e que refletisse ainda mais a realidade vivenciada em sala de aula e sua relação com o contexto histórico social, seria interessante realizar uma pesquisa participativa. Entendemos que, através do acompanhamento das aulas, de entrevista com alunos e da análise dos planos de aula dos professores, seria possível uma melhor compreensão do tema. Para tanto, além de mais tempo e disponibilidade, precisaríamos de outra metodologia e de acesso mais facilitado às fontes por parte das escolas.

Ainda em relação à dimensão empírica, consideramos que seria interessante realizar uma pesquisa que se ocupasse de perceber a influência da origem social e formação dos professores, sobre suas escolhas temáticas e metodológicas e sobre seu posicionamento político e ideológico.

Outra dimensão relevante a ser estudada são as relações de poder entre as instituições – escola-mantenedora, escola-Estado. Em nossa pesquisa, nos limitamos a identificá-las sem realizar um estudo mais detalhado. O conhecimento desse aspecto é importante, sobretudo para entender os condicionamentos institucionais – político-ideológicos - da produção do conhecimento.

De modo geral, como dissemos, entendemos que a pesquisa cumpriu seu principal objetivo, o de realizar uma abordagem exploratória e, além disso, descortinou problemáticas até então não identificadas por nós e que nos motivam a continuar pesquisando sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando de. **Sociologia Educacional**: Introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1969, 5º ed.

BARBOSA; MENDONÇA, *apud* MORAES, Amaury. **O Ensino de Sociologia**: tentando uma periodização. Tempo Social: São Paulo, USP, abril 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BERGUER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção Social da Realidade. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1978, 4º ed.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 8 ed.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **A Sociologia no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP: São Paulo, v. 18, n.1.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. "A trajetória histórica da luta pela introdução da disciplina de sociologia no Ensino Médio do Brasil". In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org.). **Sociologia em debate**: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

CHACON, Vamireh. **O Humanismo Brasileiro**. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1934.

COLL, César. **Psicologia e Currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. São Paulo: Ed. Ática, 2000, 5 ed.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti. Victor Civita, 1983

CORTES, Soraya Maria Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: BAETA NEVES, Clarissa Eckert & CORRÊA, Maíra Baumgarten (Orgs.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre: Cadernos de Sociologia, v9 p. 11-47, 1998.

COSTA, Márcio da, SILVA, Graziela Moraes dias da - **Revista Brasileira de Educação** nº 22 Rio de Janeiro Jan/apr. 2003. Amor e desprezo: o velho caso entre Sociologia e educação no âmbito do GT-14.

CRESPI, Franco, FORNARI, Fabrizio. **Introdução à Sociologia do Conhecimento**. São Paulo: Edusc, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1980.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Editora Moraes, 1980, 4 ed.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais. **Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

IANNI, Octávio. **Sociologia da Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____ **A era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 5ª ed,

LIEDKE FILHO, Enno D. "**A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios**". In: Revista Sociologias. UFRGS, 2005.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

_____.O problema de uma sociologia do conhecimento. In: BERTELLI, Antônio; PALMEIRA, Moacir; VELHO, Otávio. (Org.). **Sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____;STEWART, W.A.C. **Introdução à Sociologia da Educação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1962.

MEIRELES, Mauro; RAIZER, Leandro; IGRASSIA PEREIRA, Thiago. **Ensino de Sociologia no Rio Grande do Sul: Desafio de Formação Docente e de Metodologia de Ensino**. (Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife - PE).

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. São Paulo: Cortez, 1992, 2º ed. (coleção magistério, - 2º grau. Série formação geral).

MERTON, Robert K. Sociologia do conhecimento. In: BERTELLI, Antônio; PALMEIRA, Moacir; VELHO, Otávio. (Org.). **Sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MEUCCI, Simone. **Os primeiros manuais didáticos de sociologia no Brasil**. Unicamp, 2000.

MERTON, Robert K. **Sociologia Teoria e Estrutura**. São Paulo: Editora Mestre Jou,1968.

MICELLI, Sergio (org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. Vol. 2.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, Amaury César. **Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato**. Tempo social, revista de sociologia da USP, abril 2003.

_____. “Por que Sociologia e Filosofia no Ensino Médio?”. In: In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org.). **Sociologia em debate: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

_____. “O veto de FHC: O sentido de um gesto”. In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org.). **Sociologia em debate: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta e CORRÊA, Maíra Baumgarten (Org). **Pesquisa social empírica: Métodos e Técnicas**. Cadernos de Sociologia. Vol. 9, Publicação do programa de Pós-graduação em Sociologia, UFRGS, 1998.

ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1983.

PEREZ apud MORAES, Amaury César. **Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato**. Tempo social, revista de sociologia da USP, abril 2003.

PONTES, Heloísa. **Entrevista com Antonio Candido**. Revista brasileira de Ciências Sociais vol.16 nº 47 São Paulo Oct. 2001.

Revista de Iniciação científica FFC, v. 4, n.1, 2004. **Modernidade e reflexividade: uma releitura da obra de Anthony Giddens**.

SANTOS, Boaventura de Souza. Os processos da Globalização. In: SANTOS Boaventura de Souza (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005, 3º ed.

SANTOS, Mário Bispo dos. “A Sociologia no Contexto das Reformas do Ensino Médio”. In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org.). **Sociologia em debate: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2000, 5ª ed.

SOTO, William Héctor Gomes. A análise do discurso nas Ciências sociais. In: BAETA NEVES, Clarissa Eckert & CORRÊA, Maíra Baumgarten (Orgs.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 1998. pp. 161 – 187. (Cadernos de sociologia, v.9).

ZOTTI, Solange Aparecida. **O currículo do ensino secundário e a formação das elites republicanas**. Unicamp. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/xxiii-simposio/anais/textos/SOLANGE%20APARECIDA%20ZOTTI.pdf> Acesso em 19 de setembro de 2008.

<http://WWW.fespsp.org.br/soc.htm> acesso em: 25 set. 2008.

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm acesso em 18 set. 2008.

<http://www.andifes.org.br/> acesso em 14/10/2008.

<http://www6.senado.gov.br/sicon/ListaReferencias.action?codigoBase=2&codigoDocumento=102368> acesso em 07 de outubro de 2008.

<http://www6.senado.gov.br> acesso em 07 de outubro de 2008.

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista com os coordenadores pedagógicos das escolas particulares de Ensino Médio, da cidade de Porto Alegre.

- 1 Qual é a missão/visão da escola?
- 2 Quando ocorreu a implementação da Sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?
- 3 A escola já apresentava Sociologia no currículo antes da aprovação da Lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve Sociologia?).
- 4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a Sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?]
- 5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a Sociologia no currículo.
- 6 De que forma a Sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).
- 7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.
- 8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?
- 9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?
- 10 Qual a formação do professor de Sociologia?
- 11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?
- 12 Qual a importância de ter Sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a Sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevistas com os professores da disciplina de Sociologia das escolas particulares de Ensino Médio da cidade de Porto Alegre-RS.

- 1 Qual a sua formação?
- 2 Desde quando trabalha a com a disciplina de Sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?
- 3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?
- 4 Quem participa da elaboração do currículo de Sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de Sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?
- 5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados por alunos do Ensino Médio?
- 6 Você acha que o currículo atual contempla isso?
- 7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?
- 8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?
- 9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de Sociologia para o Ensino Médio? Por quê?
- 10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a Sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?
- 11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem? Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino?
- 12 Você percebe que suas práticas com o ensino de Sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?
- 13 Você realiza atividades no ensino da Sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?
- 14 Você acredita que a forma como a Sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?
- 15 Qual a importância de ter Sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a Sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

APÊNDICE C

Roteiro de Análise de dados dos Currículos de Sociologia de Ensino Médio

- 1 - Quais os conteúdos presentes e que indicam preocupação com a realidade Contemporânea.
- 2 - O currículo apresenta metodologia?
- 3- O currículo apresenta uma hierarquia de conteúdos a ser seguida?

APÊNDICE D

Entrevistas com coordenadores de escola:

Coordenadora escola A:

1 Qual é a missão/visão da escola?

Depois eu entrego para você o nosso material com a missão e visão da escola.

2 Quando ocorreu a implementação da Sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

3 A escola já apresentava Sociologia no currículo antes da aprovação da Lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve Sociologia?).

Como disciplina não, a escola trabalhava muito com conteúdos sociológicos, junto com filosofia, história. Nós temos filosofia desde os pequeninhos.

A gente tem desde as séries iniciais o ensinar para o pensar, depois, na oitava série temos filosofia, tá, e aí no Ensino Médio a gente tem filosofia nas três séries. Então quando veio a legislação da obrigatoriedade da sociologia no Ensino Médio, nós assumimos a sociologia, contratamos um sociólogo e se redimensionou os conteúdos, uma vez que a gente tinha alguns conteúdos que a gente trabalhava dentro da filosofia, até porque a sociologia ela se mistura um pouco com a filosofia e até um pouco com a sociologia?

Em todas as séries nós temos sociologia, porque a obrigatoriedade é para todas as séries.

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a Sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?]

Não. A única dificuldade é que toda vez que se meche em uma estrutura curricular, para colocar uma disciplina, tu tem que tirar uma. Porque nós já temos 30 períodos na primeira e na segunda e na terceira série nós tínhamos 38 períodos, com a entrada da sociologia ficou 39. Então na primeira e na segunda, com 30 períodos fechados, para a sociologia entrar e não ter uma tarde de um período, então a gente teve que diminuir um período em alguma das disciplinas. Na primeira a gente diminuiu de biologia e na segunda a gente diminuiu de filosofia. Que eram dois de filosofia e ficou um.

Reação dos professores:

Eles não gostam, porque uma coisa é trabalhar com um determinado número de períodos, outra coisa é trabalhar com menos períodos, então o que acontece é

que aí se tu fica com um trabalho e tem que redimensionar todo o teu trabalho, e a disciplina que fica com um período por semana, ela fica bastante comprometida em função de que se, cai num feriado o seu período, você só vai ver seus alunos daqui a 15 dias, ne, mas não tinha como, e isso está acontecendo é porque a legislação ela cada vez mais obriga acréscimo de disciplina, acrescentou espanhol, acrescentou a filosofia, agora a sociologia e agente sabe que existe no congresso tramitando o aumento de aula de música e assim vai... então o que acontece, tudo bem, é interessante, é válido, é legal, tudo bem, só que toda vez que tu aumenta uma disciplina, tu tem que redimensionar, não tem como tu manter igual.

5 Quais foram (tem sido ou serão..) as maiores dificuldades para incluir a Sociologia no currículo (resposta na questão anterior).

6 De que forma a Sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Não foi fácil, é uma decisão difícil uma vez que todas as disciplinas tem a sua necessidade.

A gente fez uma análise em termos de onde a gente pode diminuir que não vai prejudicar tanto o aluno.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Foi tranquilo, porque assim, o que poderia complicar mais é na biologia do primeiro ano. Mas como eles entram na primeira série e não sabem qual é a grade curricular deles, então não teve tanto problema. O problema fica mais em termos de fechamento de conteúdos do professor mesmo.

9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Nós temos algumas diretrizes da nossa mantenedora pra sociologia e a partir dessas diretrizes a professora elaborou o seu plano de ensino.

A gente tem trimestralmente uma reunião para ver o que ele conseguiu trabalhar naquele trimestre e o que ele não conseguiu, isso para todas as disciplinas.

10 Qual a formação do professor de Sociologia?

(Resposta dada anteriormente ao informar que foi contratada uma Socióloga)

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

Tu diz o que a gente gostaria, de como eles saíssem? A ideia é que o aluno saia com uma formação completa, uma formação que ele possa, vamos dizer assim, se virar dentro da sociedade, então o que a gente chama de uma formação completa, que ele tenha sido trabalhado nas áreas sociais, que a gente já fazia isso dentro de ensino religioso como em filosofia, que ele seja um cidadão que se de conta dos direitos e dos deveres porque este aluno que está aqui hoje, a escola é uma mini-

sociedade, onde a gente tem direitos e deveres, então ele tem que, nós temos essa preocupação, que o aluno saia com essa consciência de direitos e deveres, tenha a noção de que como cidadão ele tem que ser um membro na comunidade dela e na sociedade. Então ali entra as questões éticas, a questão ética e a questão de criticidade e a gente procura desenvolver no nosso aluno a questão da crítica, não a crítica pela crítica, mas a crítica com fundamentação, com dados concretos.

12 Qual a importância de ter Sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a Sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Com essa disciplina, mais específica, o que eu tenho disso, que a reflexão ela ocorria mais nas disciplinas de religião e filosofia porque elas são embrenhadas, assim como na história. Com um momento específico da sociologia, isso facilita e proporciona mais situações de reflexão, de aperfeiçoamento, então a gente acredita que com isso nós vamos dizer assim, vamos ter mais uma oportunidade de trabalhar com o aluno...

Ela é um dos elementos que colaboram para isso. Para o Ensino da Sociologia, ela vem, na verdade o que a gente... no Brasil a gente trabalhava Moral e Cívica, OSPB, que eram disciplinas que davam essa abertura do pensar, levantar argumentos, fazer críticas, se posicionar, o que a gente viu, no momento que começou a ditadura, essas disciplinas foram sendo retiradas porque isso não era do interesse do governo. E a medida que foi abrindo mais a democracia, essas coisas foram voltando, tá, e eu não sei até que ponto o governo tem consciência do que isso possa significar, eu tenho a expectativa que a longo prazo o povo brasileiro se torne mais participante na política. Eu acho que o povo brasileiro ele é totalmente fora da política, a gente teve uma discussão lá com o Collor, lá do impeachment, dos caras pintadas e tal e depois disso nunca mais... e a gente tem vivenciado situações terríveis, corrupção em todos os setores da área política e a gente não vê ninguém, com raras exceções, de alguns críticos, dos jornais, das revistas, de algum escritor, um colunista, um editorial, de pontuar essas situações mas tu não vê o povo brasileiro se mobilizando, acho que o povo brasileiro acata muito, pacífico demais, não sou contra a guerra e nem contra movimentos violentos, mas eu acho que o que ocorreu nesse mandato do governo Lula, com toda a corrupção que houve, de varrer para baixo do tapete, isso é uma pouca vergonha, né, e não se teve nada, um ou outro crítica, um ou outro fala. Ficou uma coisa, está dando pizza em todas as situações, agora com relação a governadora, tu vê o povo se levantar? Muito pouco, então eu acho que essa disciplina que trabalha, a filosofia, a sociologia, que trabalham com as questões de reflexão, e de conhecimento sociológico, tem como objetivo fornecer mais reflexão para o brasileiro e dar, vamos dizer assim, argumentos para eles lutar pelas coisas que se acha que tem que brigar.

Interfere na vida dos estudantes:

Eu acho que sim, a gente está vendo que os alunos gostam de discutir. Não é 100%, mas muitos gostaram, não foi uma situação tão complicada.

Coordenadora escola B

1 Qual é a missão/visão da escola?

Depois eu entrego o material de divulgação da escola com a nossa missão/visão.

2 Quando ocorreu a implementação da Sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

Nós tínhamos a sociologia desde 88. Nós tínhamos inicialmente 3 anos de filosofia, depois num dos anos ficou sociologia e nos outros dois a filosofia.

Agora nós temos sociologia nos três anos, então é um currículo que está sendo construído. 2009 o primeiro ano, ano que vem o segundo e depois o terceiro.

3 A escola já apresentava Sociologia no currículo antes da aprovação da Lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve Sociologia?).

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a Sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?]

5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a Sociologia no currículo.

6 De que forma a Sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Na verdade assim, sempre que entra um componente curricular novo, um espaço numa grade curricular ele te atrapalha, porque onde que você acrescenta o período. Parece que quem faz a lei não se preocupa de ver assim, que uma manhã não tem 25 ou 30 horas, que eu não posso dizer para o dia, sexta-feira eu quero que tenha 7 horas, entende, eu tenho aí uma tradição aí também para ser mantida de distribuição da carga horária, então sempre me atrapalha.

Como nós tínhamos a sociologia e a filosofia, um ano de uma e dois anos da outra, era assim, sociologia na primeira série e filosofia na segunda e na terceira, estávamos bem organizados, mas não contempla a lei que passou a vigorar neste ano. Nós precisamos sociologia nos três anos, nós precisamos filosofia nos três anos, o que nós vamos fazer.

Não há uma determinação de que sejam uma, duas, ou três horas semanais, então nós vamos ter um período de sociologia, um de filosofia, um de sociologia e um de filosofia, enfim, não sei se qualifica. Porque nós tínhamos um programa bem montado, posso te mostrar depois, posso te mandar uma cópia por e-mail, que é uma coisa bem tranqüila. O trabalho era extremamente qualificado. Agora estamos fazendo um trabalho que tem que ser qualificado, só que muito apertado no tempo.

A nossa filosofia, como é, a história do colégio prevê que a gente faça filosofia em grupos menores, porque tu não faz debates com 37, 38, mas com 17, 18 alunos

tu faz. Então nós tínhamos dividido eles em dois grupos. Um dos grupos fazia uma atividade que a gente chamava de SOR, que na verdade era reflexões sobre atuações no cotidiano, dentro de todos os princípios da própria companhia de Jesus e nós estamos adaptando então esse período com elementos de filosofia e sociologia. Mas eu não sei se vem aí uma reforma do ensino médio. Se ele será por áreas, ou o modelo que vem. Estamos aguardando orientações, vamos manter o nosso trabalho assim, a sociologia vai ser trabalhada junto com problemas e projetos de SOR e a filosofia vai ficar sozinha.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Foi tranquilo. O nosso professor fez um trabalho muito bom, cheio de slides, nós conversamos muito, eu sempre ajudo eles quando eles precisam. Em uma de nossas reuniões, nós nos encontramos e um professor apresenta o seu conteúdo para os demais, eles debatem...

9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Todo o currículo é elaborado pelo professor, eu dou um exemplo assim, na reunião de segunda-feira agora, nós fizemos uma reunião de verticalidade. A gente pega os planos de estudo desse ano, pega e devolve para os professores, para o professor conversar com o professor que vem depois: olha eu fui até aqui, maravilhosamente bem, está sobrando espaço, eu vou avançar com conteúdos teus do ano que vem. Ou, eu estou trabalhando isso aqui, vou chegar na classificação das orações, mas não vou esquematizar, então no ano que vem o professor começa com a esquematização. Isso que a gente chama a reunião da verticalidade em que a gente faz a adequação do currículo assim.

Conhecendo a realidade de como virão as turmas do ano que vem, agora nas reuniões das duas primeiras semanas do mês de novembro nós vamos fazer o planejamento.

Nós temos esse caderno escrito anualmente... aqui tu tens a sociologia, o objetivo geral dela, e aqui tu tens os grandes elementos que seriam trabalhados dentro da sociologia, que são as afirmativas de princípios, esse aqui é do ano passado. Aí a primeira série, o que trabalhava, o que te interessa é isso aqui... introdução a sociologia, que é sociedade e processos de humanização, a sociologia inicial, e as técnicas de investigação usadas pela sociologia, então esta aqui é a proposta de sociologia do ano passado, que é um pouquinho da anterior, mas não muito, e a filosofia, no ano de 2009 ela já tem mudança, aqui a sociologia, agora ela começa a mudar, olha, e tenho aqui a primeira série, e agora ela muda até porque ela terá continuidade a seguir. Ela vai trabalhar a sociedade humana, uma introdução da sociologia, definição do fato social, vai fazer uma relação lá com os

elementos da sociedade e vai estudar alguma coisa de sociologia brasileira. E a segunda-série vai ser feita na outra semana e a filosofia já é diferente.

10 Qual a formação do professor de Sociologia?

Todos os professores têm formação específica.

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

Que eles tenham uma formação completa. Depois você vê no nosso material, qual é a nossa visão eu vou te entregar um kit.

12 Qual a importância de ter Sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a Sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Não precisaria ter a sociologia como disciplina separada das demais, pois a sociologia já é trabalhada dentro dos conteúdos das demais disciplinas, por exemplo, em português, a língua aparece sendo estudada considerando os grupos sociais de onde ela é originada, sendo considerada dentro de seu contexto, o que caracterizaria uma visão sociológica. Do mesmo modo, dentro da história, o modo de ensino da disciplina leva em consideração as estruturas sociais, o gênero, a economia, a formação dos grupos sociais dentro da sociedade, caracterizando mais a sociologia do que a própria história. Nós tínhamos um trabalho bem qualificado, dividido em grupos menores, dois períodos juntos, agora um só em cada ano, não sei se qualifica. A escola já tinha a disciplina desde 88, era bem trabalhada em um ano.

Ela é importante, mas assim um período por ano, não sei se qualifica.

Coordenadora escola C

1 Qual é a missão/visão da escola?

A escola ela é uma escola católica, e como tal tem um marco referencial que está baseado principalmente nas orientações e de uma proposta evangelizadora e libertadora. No nosso plano pedagógico a gente tem assim um material de alunos, professores, funcionários, a gente fala--- que consiga trabalhar de forma crítica, coloca eles a serviço dessa transformação social, da sua contribuição enquanto cidadão. É muito calcada também em relação às questões éticas, de cidadania, de cooperação, então de uma forma geral, a proposta da escola é baseada nesses valores de justiça, vamos colocar assim e como é uma escola que pertence a uma rede, um grupo maior. A escola está no mundo inteiro, em outros países, aqui no Brasil tem mais duas escolas, no Rio de Janeiro, livramento, então se trabalha com essa ideia assim, globalizada vamos dizer assim, que esses valores, eles estão a serviço de um todo maior, de uma sociedade e de um mundo, planetária, vamos dizer assim, mais ou menos nessa linha.

2 Quando ocorreu a implementação da sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

Ocorreu este ano (2009), são as primeiras turmas que estão tendo, tanto a filosofia quanto a sociologia. Então, por exemplo, este ano a gente tem nas turmas de primeiro ano no Ensino Médio, o estudo da filosofia, então o que a gente fez a gente colocou nas grade nos segundos anos a filosofia e a sociologia e no ano que vem os terceiros anos vão ter as duas disciplinas.

No primeiro ano a sociologia e no segundo ano a filosofia e o ano que vem eles vão ter nos segundos anos a sociologia e a filosofia e os terceiros também. No ano que vem já entra nos três anos, isso nos três anos.

3 A escola já apresentava sociologia no currículo antes da aprovação da lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve sociologia?).

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?].

5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a sociologia no currículo.

Eu diria que as dificuldades não são dificuldades, acho que são um processo normal de adaptação dos alunos a esse conhecimento. Na verdade algumas questões que a sociologia propõe, elas já estão dentro do discurso político e pedagógico. Porque muitas questões já estão presentes de forma transversal em outras disciplinas, como a história, a geografia, a própria linguagem com a literatura.

Agora pensar no campo da sociologia, no campo da sociologia ela não é nova para os alunos então a dificuldade é eles entenderem e fazerem as relações a partir daí. E muito também diferenciar a sociologia da filosofia, porque nós temos o mesmo professor trabalhando a filosofia e a sociologia então eles tem que fazer essa separação e para eles as vezes é mais difícil. Quando é filosofia e quando é sociologia e quando é que elas se entrecruzam então muitas vezes eles se atrapalham, e então professor que é agora: sociologia. Então ele tem que parar, olhar todo o programa daquela aula para situar.

6 De que forma a sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Não. Foi aumentada a carga horária. O Ensino Médio, desde o primeiro ano tem 6 períodos. Então os demais alunos saem 12:05 e eles saem 12:55 min. Então o que aconteceu, antes eles tinham 4 manhãs com o sexto período, agora eles tem 5, então foi aumentada a carga horária. A gente já tinha o número de horas e então a gente excede, a gente faz mais.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Houve resistência: Não, tem uma boa aceitação. Eles gostam muito do professor, tem um vínculo muito bom, então por conta disso... é um professor jovem, então isso influencia, tem toda uma proposta de pensar questões do mundo, da sociedade, depois as suas questões na filosofia, isso gera uma identificação com ele, então é bem bom.

9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Então, o que nós fizemos, como nós estamos iniciando esse trabalho, nós fizemos uma pesquisa a partir de parâmetros nacionais, a partir de fóruns, do próprio professor, da sua formação e de sua experiência em outra instituição e elaboramos juntos. O professor e a equipe de coordenação, elaboramos um currículo. Porque na verdade a gente não colocou, a gente colocou no nosso plano, isso faz parte do nosso plano de estudos da escola. Mas como está em ----- ainda não está aprovado por sinal, a gente está com um currículo piloto, a gente vai ver o que vai acontecer esse ano e aí a partir desse currículo piloto a gente vai fazer as alterações que precisa para o ano que vem. Então a gente está fazendo uma experiência. Então o que a gente percebeu já, tem alguns assuntos trabalhados com os alunos exigem um raciocínio, ou conhecimento prévio que eles não tem, então é preciso trabalhar isso antes. Então ele está sentindo um pouco as turmas em relação a isso.

Assim então, quando a gente montou o currículo a gente pensou junto, então a ideia é de pensar o conteúdo e não de engessar o trabalho, então agente bate muito nisso, que o currículo ele tem os parâmetros, isso não quer dizer que não vão surgir outras coisas ao longo do processo que possam fazer com que ele tenha que abrir mão de um tema nesse momento e trabalhar num outro, enfim, a questão da mulher, da lei Maria da Penha, tem toda uma questão política, uma simulação, então ali, se parou para fazer uma outra construção de conhecimento que não estava presente no currículo, então tem essa mobilidade sim, e até para trabalhar os conhecimentos transversais com outros colegas, da história, da filosofia, da geografia.

Tem as reuniões semanais, tem o plano--- e tem o projeto anual sempre, que, por exemplo esse ano, é a cultura e a paz, é o projeto do ano na escola, então esses projetos atingem três temas por trimestre, então esse trimestre tem a diversidade cultural, a diferença a aceitação religiosa, então os conteúdos são trabalhados, mas também esses temas. Então eles precisam fazer essa relação aí.

A gente tem o planejamentos trimestrais de trabalho, ne, tem o de estudo e de trabalhos semestrais, para fechar os currículos, então nós temos as reuniões semanais que são para planejamento, mas que daí o professor pode propor uma atividade, ou está com alguma dificuldade para trabalhar em conjunto e tem o projeto interdisciplinar então esse acompanhamento é feito sim e também o acompanhamento...

10 Qual a formação do professor de sociologia?

Formação do professor: Filosofia e sociologia e faz mestrado em filosofia.

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

Está muito ligado com o projeto de igualdade da escola, a gente sabe que esse jovem, mais do que entrar no mercado de trabalho ele precisa se preparar para a vida. Então o nosso projeto é assim de formar jovens, e assim, adultos jovens com 17 e 18 anos que sejam capazes de serem agentes de transformação da sociedade, ou seja, para formar o seu meio buscando esses ideais de valores de propriedade mais fraterna, mais igualitária. Quem possam fazer umas escolhas assim no mercado de trabalho, enquanto profissional, mas principalmente assim, essa preocupação, essa visão de serem agentes de transformação, de serem cidadãos, de terem um papel na sociedade.

Então enquanto ao CRM, a ecologia, da qualidade do planeta e do projeto de valores, um trabalho simples, da semelhança, do papel do outro, do diferente, da – saber que cada um é um e tem que ser aceito como é, mas pode-se ajuda-lo a crescer, a melhorar, mas claro, nesta visão assim, é um projeto muito ambicioso, porque temos muitos sonhos, temos um ideal assim muito grande, mas sabemos também que o trabalho que é feito aqui diariamente com os professores, né, em todas as disciplinas, com a sociologia, a filosofia, a gente tem assim pouca indisciplina, um grupo muito acessível ----

12 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

É fundamental, nós vemos com muita alegria, inclusive já pensamos em trabalhar esses conteúdos já antes, nas séries do fundamental e de forma que eles consigam já ter esse vocabulário, essa visão, pra chegar no Ensino Médio e ter que formalizar esse conhecimento e já ter uma caminhada, como isso que a gente está passando agora, então será que a gente não pode construir os conceitos e noções, tem todo esse trabalho, então a gente fala assim, eleições de representante de turma, e já trabalha com a ideia do que é ser um representante, do que é ser uma liderança, a questão dos bens coletivos, do que é seu o que é do patrimônio, as questões ambientais, as questões éticas, mas não da para trabalhar tudo nas séries iniciais, tem muita coisa para a gente pensar, mas fazer um esforço maior para compreender alguns conceitos, porque lá no começo a gente vê que essas turmas elas podem justamente ajudar lá na formação final, para a gente pode pensar o que é a sociedade lá fora, o que é se sujeito político, que não é só votar, no dia das eleições, então qual é meu papel na sociedade, então ela é fundamental sim,

Não, nós tínhamos moral e cívica, OSPB e depois foram extintas e foram substituídas por outras áreas e são disciplinas que assim, poxa, essa questão da lei, lei do hino Nacional, foi uma questão histórica, política, que se deixou de trabalhar alguns símbolos da pátria como se trabalhava antes, ai a gente tem prós e contras, por exemplo, as vezes vai tocar o hino em uma solenidade e ninguém sabe cantar o hino e nem qual é a postura, então tem algumas coisas que a gente sabe que essas disciplinas fazem que ---- a sociologia é uma delas, então não é --- entender a história, daqui a pouco a gente não sabe, as coisa vem da onde..uma pátria uma

nação, é diferente mesmo, esses conceitos, então a gente vê que essa disciplina se presta também para isso.

Coordenadora escola D

1 Qual é a missão/visão da escola?

Formação do estudante como ser integral, principalmente nesta visão cristã, que seja um ensino de qualidade, mas o foco é a questão relacional e integral do ser humano. (aí depois tu escreve ai direitinho a partir do material que vou te entregar).

2 Quando ocorreu a implementação da sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

Neste ano (2009), é o primeiro ano que estamos tendo sociologia. Nos primeiros e segundos anos.

3 A escola já apresentava sociologia no currículo antes da aprovação da lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve sociologia?).

A nossa escola e nossa mantenedora nós não tínhamos tido sociologia, nunca havíamos tido.

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?]

5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a sociologia no currículo.

Não. Porque assim ó, normalmente a dificuldade se daria em função da resistência de famílias, mas foi bem aceita, possivelmente porque a professora é muito qualificada e isso ajuda bastante. Ela trabalha numa linha muito reflexiva. Principalmente a partir de textos, a partir de filmes, a partir da realidade, de discussões. Aí fica muito tranqüilo, não teve resistência nenhuma. Resistência com a exigência dela sim, mas não com a sociologia, ela é bastante exigente com os estudantes assim, na questão deles fazerem super bem os trabalhos, deles poderem se envolverem, mas não em relação a disciplina, mas em relação ao trabalho que é cobrado.

6 De que forma a sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Na verdade a escola investiu, a escola acrescentou as disciplinas de filosofia e de sociologia. Nós ampliamos de 25 para 28 períodos. Então houve um investimento e não um a diminuição, então os alunos saem três vezes por semana ao meio dia e

cinquenta em função dessa inclusão da filosofia e da sociologia. Então teve um acréscimo na carga horária, sem repassarmos nem um custo para os estudantes.

Na verdade não foi só na escola. Foi na mantenedora, todas as escolas da rede - da escola D- de Ensino Médio, neste ano estão adotando a sociologia, então não foi uma decisão só da escola, esta é uma rede Tal e aqui em Porto Alegre temos três escolas de Ensino Médio e são 5 de ensino fundamental e 3 de ensino médio. Então foi uma decisão de mantenedora e todos implantaram.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

Traquilo.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Quando a gente faz a entrevista com alunos novos e quando a gente prepara os alunos da 8ª série para o ensino médio, nós já apresentamos a grade curricular, eles sabem que essa é uma escola com uma linha mais humanista. E por ser mais humanista, nós demos ênfase também a questão da história, da geografia, das ciências humanas como uma todo, da filosofia, da sociologia, do ensino religioso, e nem por isso a escola deixa de ser conteudista porque nós tiramos o terceiro lugar no ENEM este ano, das escolas particulares de Porto Alegre. Então, só vem a acrescentar...

9 Existe um um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Assim, teve a participação de cada unidade. Nós recebemos os planos de estudo, cada unidade se manifestou por escrito, enviamos a mantenedora, aí vieram os conteúdos, aí a partir disso foram estabelecidos os planos de trabalho de cada unidade de cada colégio, cada disciplina. Ela é participativa, assim ó, todos os currículos, na verdade, todos os componentes curriculares, os professores se reuniram, analisaram, enviaram para a mantenedora, logo eles se posicionou e deu um retorno, a partir disso é que a gente organizou. E isso não só da sociologia, de todos os componentes.

Os professores seguem o que foi estabelecido porque foi construído por eles. Tem flexibilidade, com certeza, embora assim, sempre a atualidade vai ter um foco no conteúdo ou no que foi estabelecido por ele. Porque, na verdade, o que muda é o contexto, né, mas o conteúdo, no fundo ele permanece. Se a gente está falando em ética, em moral, lá na filosofia, por exemplo, nós estamos falando na sociedade, quais são os problemas que mudam na sociedade, o que muda, no fundo, são os desafios para fazer com que o estudante pense. Mas tem toda essa flexibilidade sim, com certeza, senão nem teria sentido.

Por exemplo, a sociologia participou num projeto de festival de cinema do ensino médio, do segundo ano do ensino médio e na elaboração de documentário do primeiro ano do ensino médio. Então o 2º ano do ensino médio, eles produzem curtas

a partir dos contos de Machado de Assis, então a professora de literatura trabalha os contos, a professora de história faz todo um contexto histórico e a professora de sociologia, sociológico. Aí eles fazem uma produção de roteiro, tendo em vista os dias de hoje, feitos os roteiros eles fazem as filmagens, e no dia 20 de novembro aconteceram, digamos a culminância, tanto do documentário que é do primeiro ano, quanto dos curtas que são do segundo ano. E aí eles foram premiados, melhor curta, e, melhor ator, melhor atriz, mas teve esse projeto da sociologia, filosofia, história e português e literatura. Bem legal, estes filme inclusive, filmes do ano passado e documentário do ano passado, foram premiados no festival de cinema de Guaíba.

Nós temos reuniões quinzenais, nas quartas-feiras, das 18h às 20h. E nós temos o atendimento individualizado, na sexta-feira a professora começa as aulas as 11:10 min, então ela sempre chega pelas 10:30, até as 11h a gente conversa. Além disso ela me manda todo o trabalho que vai para o estudante para eu xerocar, é sempre com autorização, aí eu já acompanho os textos, né, do material que é dado, e independente disso, caso eu tenha alguma sugestão eu encaminho para a professora, e caso ela precise fazer algum remanejo, ela me consulta. Então nesse projeto eles agiram de forma interdisciplinar.

10 Qual a formação do professor de sociologia?

É formada em filosofia. Com Mestrado e Doutorado em Filosofia e também é psicóloga.

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

Nós temos uma preocupação deles poderem aproveitar o máximo da escola. Principalmente na questão da criticidade, do senso crítico, da postura e das relações. Nós trabalhamos assim, no segundo ano principalmente, primeiro, segundo e terceiro ano, a preparação no aspecto, numa visão mais vocacional, que envolve a profissional, então a gente realiza, participa de feria de profissões, visita universidades, faz testagem profissional, trabalha esse lado de projetos que é um desenvolvimento mais global, né, onde eles tem que exercerem liderança, trabalho em grupo, exercerem diferentes papéis e também tem a preocupação do conteúdo porque os pais também cobram isso. Embora a escola não seja conteudista, né, os resultados nos mostram que por nós trabalharmos desta forma, eles acabam tendo bons resultados. Então o nosso objetivo principal é a formação deles como um todo, mas não deixa também de ter este lado conteudista, que quer dizer conteúdo, ter uma boa base, ter uma boa crítica, poder ler não só o que está escrito, mas as mensagens que essas leituras querem nos passar, né, as simbologias do que está por trás deste mundo que a gente vive.

12 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Ela acrescenta nesta questão bem crítica, de visão global, de um trabalho mais entende, de fazer com que o estudante pense sua forma de ser e de agir, bem criticamente, que a gente trabalha. Então ela contribui fazendo bem essa linha interdisciplinar neste processo. Pelo menos aqui na nossa escola.

Eu vou te dar um xérox do projeto pedagógico, então tu vais ver que nós temos aqui os princípios, né, psicológicos, epistemológicos, éticos e morais, aqui inclui bastante das representações pedagógicas e também qual é a visão que nós temos do currículo, qual é o nosso planejamento, metodologia e a avaliação. E ela vem, tu vai ver aqui ela vai fechar tanto com a filosofia, quanto com os princípios da nossa mantenedora.

Com certeza. Nós, principalmente pela visão humanista, que a rede ---- tem como fundamento, mas, claro que todo mundo no fundo puxa para sua disciplina, se tu consultar a professora de matemática ela quer mais um período de matemática, mas como não se tirou carga horária de ninguém, e se fez todo um trabalho de inserção e de interdisciplinaridade, se tornou fácil.

Coordenadora escola E

1 Qual é a missão/visão da escola?

Tornar Jesus cristo conhecido e amado= evangelização.

"Discipulos de Marcelino Champagnat, Irmãos e Leigos, juntos na missão, na Igreja e no mundo, entre os jovens, especialmente entre os mais abandonados, somos semeadores da Boa-nova com um estilo ----- próprio, na instituição escolar e em outras estruturas de educação, olhamos para o futuro com audácia e esperança"

2 Quando ocorreu a implementação da sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

A partir de 2009.

3 A escola já apresentava sociologia no currículo antes da aprovação da lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve sociologia?).

Não. Foi inserida nas três séries do EM em 2009.

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?]

Foi reduzido período de outro componente curricular que embora certamente tenha lamentado a redução, se mostrou muito respeitoso a tomada de decisão, bem como acolheu muito bem o novo professor. Educação física foi o componente reduzido.

5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a sociologia no currículo.

Tempo.

6 De que forma a sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Sim. Educação Física.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

Tranquila, sem manifestações.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Tranquila, sem manifestações.

9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Existe um plano de estudos da rede, onde consta a proposta de Sociologia que pode ser acrescentada, partindo de outras intenções coerentes com a proposta. O professor é acompanhado pelo SCP e SOE.

10 Qual a formação do professor de sociologia?

Ciências Sociais.

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

Formação integral: excelência acadêmica junto a excelência humana.

12 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Acrescentando competências e habilidades que agregam a formação de um bom cidadão, capaz de atuar na construção de uma sociedade coerente para todos.

Coordenadora escola F

1 Qual é a missão/visão da escola?

Missão: Educar e evangelizar crianças, jovens e adultos, através de processos criativos e inovadores, segundo o Carisma Marista, formando cristãos e cidadãos comprometidos, preparando-os para os desafios da vida, contribuindo, assim, para a transformação da sociedade.

Visão: Oferecemos uma educação apaixonante, que marque o coração e a mente dos que passam pela Escola Marista, de tal forma que se sintam enriquecidos por valores, conhecimentos e vivências e sejam capazes de fazer diferença na construção de uma vida fraterna e feliz.

2 Quando ocorreu a implementação da sociologia como disciplina presente no currículo de Ensino Médio?

Em nosso Colégio em 2008 oferecemos sociologia com 2 períodos somente na 2ª série EM e em 2009, após a lei aconteceu a inserção em todas as séries do currículo do EM.

3 A escola já apresentava sociologia no currículo antes da aprovação da lei que exige a implementação? Ou está implementando? (Se já apresentava, era nos três anos do Ensino Médio? Quando foi incluída? Durante quantos anos a escola teve sociologia?).

Não, a sociologia foi incluída em todas as séries do Ensino Médio nesse ano.

4 Se estiver implementando como tem sido o processo de implementação? Foi reduzida outra disciplina para incluir a sociologia, como foi? Houve conflitos com os outros professores que tiveram suas disciplinas reduzidas? Como ocorreu a decisão: qual disciplina vamos reduzir? [Se estiver implementado (ação que já terminou)... como foi a implementação?

Com certeza com a implementação houve uma grande reflexão e tomada de decisão na eleição dos componentes curriculares e sua carga horária. Foi ponderado os aspectos qualitativos e quantitativos dos conteúdos de cada disciplina, bem como os princípios de uma educação humanizadora, reflexiva e sócio-transformadora. Componentes curriculares como matemática, química e física sofreram diminuição de sua carga horária em função da inclusão de sociologia e filosofia. A tomada de decisão foi feita com os docentes do colégio num processo reflexivo e logo em seguida enviado para a mantenedora, no qual deu seu parecer e aprovação.

5 Quais foram (tem sido ou serão...) as maiores dificuldades para incluir a sociologia no currículo.

Com certeza os tempos e espaços que a escola disponibiliza para tantos conteúdos. Esse fator é, com certeza, uma grande dificuldade para gerenciar e garantir a eficácia em todos os componentes curriculares, seus conteúdos e projetos.

6 De que forma a sociologia vai ser incluída? (Será diminuída a carga horária de outra disciplina, qual?).

Sim, foi feito um ajuste em outras disciplinas com diminuição.

7 Qual a reação dos pais ou da comunidade em geral, no que se refere à inclusão da disciplina nos currículos.

Foi muito bem aceita, pois a disciplina tem uma importância bastante grande diante da proposta de educação Marista que busca oportunizar ao educando experiências significativas de aprendizagem para que este possa decodificar a complexidade da realidade social.

8 E os alunos? Como receberam a notícia de que irão ter mais uma disciplina?

Como foi uma decisão Nacional, acredito que foi muito tranquilo e expressam interesse pela disciplina.

9 Existe um currículo de Sociologia elaborado pela Escola? Como foi elaborado? Por quem? Quando? Todos os professores seguem? Existe

flexibilidade para o professor trabalhar outros temas que não aparecem no currículo? É feito algum acompanhamento para ver se o professor segue o currículo proposto pela escola?

Sim existe o plano de estudos de Sociologia. O mesmo foi elaborado por componentes curriculares da área, representantes de cada colégio Marista sob a supervisão da Comissão de Educação da Mantenedora. O mesmo é exigido e acompanhado pela coordenação pedagógica do colégio.

10 Qual a formação do professor de sociologia?

É formado em licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais – PUC – RS

11 Qual a maior preocupação da escola em relação a formação dos alunos de Ensino Médio?

O Ensino Médio visa consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos e despertar nos jovens competências para que no futuro suas escolhas profissionais coincidam com seus anseios e desejos. A organização curricular que abrange três grandes áreas do saber: linguagens, ciências da natureza e matemática e ciências humanas. A prática integrada dessas, realizada de forma interdisciplinar e contextualizada, objetiva destacar a educação tecnológica bem como o processo histórico-social e cultural, propiciando o vínculo com o mundo do trabalho e o exercício pleno da cidadania.

12 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Acredito que a sociologia ajuda a compreender a especificidade da análise sociológica dos fatos e acontecimentos sociais, permitindo ao aluno uma atuação consciente no mundo e contexto que vive, se posicionando perante os desafios da sociedade contemporânea.

APÊNDICE E

Entrevistas com Professores de Sociologia

Professora escola A

1 Qual a sua formação?

Sou Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais. Mestre em Educação. Doutora em Educação e Doutora em Sociologia.

2 Desde quando trabalha a com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?

Trabalho com a disciplina de Sociologia desde 1990, mas somente esse ano (2009) iniciei o trabalho em escola de ensino médio.

3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?

Na escola tenho total liberdade para elaborar os conteúdos até porque sou a única professora da disciplina. É evidente que me oriento pelos PNCs e pela OCNs.

4 Quem participa da elaboração do currículo de sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

Como disse anteriormente, tenho total liberdade em elaborar a proposta curricular da disciplina, mas é evidente que, pela minha própria orientação metódica, dialogo constantemente com meus colegas de outras disciplinas partilhando temas. Não tive possibilidade de dialogar com meus colegas quando da elaboração da proposta curricular porque fui contratada e num prazo muito curto já estava em sala de aula. Foi com o passar do tempo, quando meus colegas e minhas colegas me incorporaram ao grupo, é que pude iniciar o diálogo e enriquecer mais os conteúdos da disciplina.

5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados por alunos do Ensino Médio?

Essa é uma questão muito complexa porque, sem dúvida, os grupos são diferentes em suas histórias, tanto pessoais quanto sociais. Caímos na tentação de avaliar os “jovens” ou os/as alunos/as do ensino médio como se fossem uma “massa homogênea” e que a todos e todas interessassem os mesmos temas. Isso ocorre em virtude da forte influência positivista que temos. Quero salientar, todavia, que minha posição não se identifica com a vertente humanista de Carl Rogers, isto é, não partilho da ideia de que os conteúdos devem surgir do interesse dos/as alunos/as como se os/as professores/as fossem somente mediadores/as da aprendizagem. Para mim o processo de ensino-aprendizagem ocorre a partir da mediação dos interesses e cabe ao/a professor/a compreender a realidade histórica dos/as

estudantes. Só assim será possível um processo educativo que contemple uma necessidade histórica universal e as necessidades históricas particulares. Com essa perspectiva, avalio como fundamental o trabalho com temas contemporâneos, sem jamais abandonar os clássicos (é necessário lê-los com os olhos contemporâneos), atentando principalmente para os “elos perdidos” da sociedade mundial, quais sejam: a América Latina e a África. Tenho realizado esta experiência com os/as estudantes e o resultado é fascinante. É fascinante vê-los/as desvelar a realidade social e pouco a pouco ir produzindo a “autonomia intelectual”. Esse, para mim, é o grande projeto da educação escolar, isto é, a produção da “autonomia intelectual”.

6 Você acha que o currículo atual contempla isso?

Como já disse, tenho me esforçado muito para que esses/as jovens sejam livres, que possam pensar para além do senso comum (mas utilizando sua matriz), que possam perceber a realidade sem se submeterem aos “líderes messiânicos” da ciência da modernidade. A revolução das ideias é o maior e mais o potente instrumento de transformação da realidade. Mas revolucionar as idéias é um processo longo de aprendizagem e minha vida tem sido dedicada a essa tarefa que para mim é histórica.

7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?

Creio que já respondi esta questão anteriormente, mas volto a ela para reforçar alguns pontos. Creio que a educação escolar no Brasil, como dizia Florestan Fernandes, é carregada de uma “cultura livresca” na qual a “autoridade textual”(Antonio Moreira) exerce um papel determinante na produção das consciências. E, como dizia Paulo Freire, todo o processo educativo é ideológico. A educação escolar de cunho liberal nega esse corte ideológico em sua proposta pedagógica autodenominando-se “neutra”. Mais uma vez a velha herança positivista com uma roupagem liberal. Bom, o que eu quero dizer com isso é que os conteúdos programáticos que foram e são desenvolvidos nas escolas estão diretamente relacionados ao tipo de ser humano que a sociedade capitalista necessita. Intencionalmente esconde ou nega alguns conteúdos fundamentais para a emancipação dos/as sujeitos que se dá por intermédio de sua “autonomia intelectual”. Por exemplo: não estudar a realidade da América Latina, da África e ter acesso a uma história do Brasil totalmente fragmentada faz com que não se possa construir resistência/protagonismo dos/as sujeitos sociais. Em constante unidade com esses temas que poderia chamar de macrosociais (estruturais) desenvolvo os temas específicos como a questão do mundo do trabalho, da cultura, da organização política, da sexualidade, dos movimentos sociais e movimentos populares, etc.

8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Tenho certa cautela em trabalhar com livros didáticos porque eles sempre representam o imaginário do escritor/escritora e são direcionados para temas “gerais” que muitas vezes estão desconectados da realidade histórica dos/as estudantes. No início do ano letivo elaboro/aplico um instrumento sócio-antropológico junto aos/as estudantes para conhecê-los/as um pouco melhor. É evidente, todavia, que esse

instrumento é o início do processo de conhecimento. A partir dessa primeira visão do/a sujeito/a histórico, que é o/a aluno/a, escolho autores que atendam as necessidades de reflexão, que possam produzir a inquietação cognitiva que conduza, então, aos primeiros passos da autonomia intelectual. Desta maneira, não trabalho com autores/as que dogmatizam verdades, nem com autores/as que superficializam verdades e nem com autores/as mascaram ideologicamente as verdades. Procuo sempre autores que possuem responsabilidade com a verdade.

9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de sociologia para o Ensino Médio? Por quê?

Essa é um pergunta muito difícil de responder para quem, como eu, se dispõe a ser partícipe da produção da autonomia intelectual. A influência positivista, que pressupunha a existência de modelos de ensino a fim de possibilitar o controle social, ainda está presente nas mentes dos/as sujeitos afinal, como dizia Ortega y Gasset, “eu sou eu e minhas circunstâncias”. Se somos seres históricos é evidente que as bases do positivismo estão presente em nossas condutas mesmo que nos eduquemos e reeduquemos constantemente com o intuito de superarmos essa herança. É evidente que, com todas as ressalvas possíveis – e aqui aponte para uma delas – a metodologia mais adequada é aquela que respeita o ser histórico do/a educador/a e o ser histórico do/a educando/a. A adequação geoespacial, geopolítica e geoeconômica de nossas ações – ou como dizia Octávio Ianni, a contemporaneidade de nossas ações – são fundamentais para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive e que os/as jovens do ensino médio possam produzir um pensar reflexivo que se transforme em práticas transformadoras de suas ações.

10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

São muitos os desafios que estão postos aos/as jovens em um tempo histórico em que a ideologia dominante “**decretou**” o fim da história, o fim das utopias e o fim da sociedade de classe. Essa mesma sociedade que se postula “democrática” produziu a “lei de tolerância zero”(Löic Warquant); essa mesma sociedade que diz ter superado a rigidez da modernidade com suas **verdades universais** produz verdades voláteis e descartáveis como são as mercadorias e essa sociedade que afirma construir o ser humano autêntico produz um ser **Obsoleto**, mercadoria descartável, ou como diz Alberto Bialakowsky (Universidad de Buenos Aires)os **elimináveis**. Veja que a gama de desafios é intensa e se multiplicam em inúmeras variáveis dependendo da realidade particular em que vivem determinados grupos de jovens. Lembro sempre das reflexões de Hannah Arendt, em seu livro Tratado sobre a Violência. Nesse livro Hannah Arendt fala sobre o nihilismo produzido na juventude a partir da guerra fria. Hoje vivemos uma **neoguerra fria** só que com uma dimensão unipolar determinada pelo mercado, ou como diz István Mészáros, determinado pela lógica do capital. A Sociologia é uma ciência fundamental, um instrumento essencial para que se compreenda como a humanidade chegou a esse estágio, quais foram as estratégias utilizadas para a conquista da “democracia de mercado”, como diz Atilio Borón.

11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem?

Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino? Sempre tenho um cuidado em lidar com questões postas a partir de uma perspectiva maniqueísta. Não existe algo que possa ser bom ou ruim em si mesmo. As coisas, assim como as pessoas, podem atuar positivamente ou negativamente de acordo com as circunstâncias históricas que estejam postas à determinada sociedade. Sabemos que a Internet foi uma arma de guerra (a grande arma da guerra fria) que depois que perde sua utilidade militar é transportada para o esfera civil, ou seja, se transforma em mercadoria para ser vendida e consumida em abundância. A questão essencial é o uso que fazemos dela. O que poderíamos esperar de uma sociedade que desconsidera a “vida humana” quando mercantiliza o corpo, as esperanças e a alma (aqui entendida como consciência)? Mas vale lembrar que a **teoria da reprodução** (Bourdieu e Passeron) apresentaram limitações até mesmo em virtude de leituras equivocadas realizadas por muitos de seus analistas. Em qualquer circunstância social existe o espaço para a contra-ideologia e para a contra-cultura basta ver que foi graças a Internet que se organizou, mundialmente, um gigantesco fórum de resistência aos desmandos do capital, qual seja, o Fórum Social Mundial. Se não fosse por intermédio da Internet não poderíamos ter chegado a agrupar quase 100 mil pessoas no terceiro FSM em Porto Alegre. Se os/as educadores/as tiverem um projeto de emancipação, a Internet pode ser um instrumento fundamental.

12 Você percebe que suas práticas com o ensino de sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?

Não tenho condições de afirmar categoricamente que sim porque a disciplina foi introduzida no ano de 2009 no currículo, como já te disse anteriormente. Para ter uma visão do que se passa/passou na cabeça desses/as jovens é necessário esperar o início do novo ano letivo. Será, nesse momento, o ápice da avaliação da disciplina pois poderei perceber como se desencadearam as ideias desenvolvidas ao longo do ano anterior. Mas é evidente que posso afirmar que no âmbito da escola algumas coisas já se alteraram, claro que de maneira muito incipiente.

13 Você realiza atividades no ensino da sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?

Essa é minha meta central, como já afirmei reiteradamente nas respostas anteriores. Uma das atividades que foi desenvolvida na disciplina e que causou um susto tremendo nos/as estudantes foi que duas das avaliações, e que eles/as adoram chamar de **prova**, apresentavam a seguinte questão: A partir do conteúdo desenvolvido nesse trimestre, elabora uma questão dissertativa e responda levando em consideração três eixos fundamentais: eixo A: a perspectiva teórica apresentada; eixo B, o a priori do/a escritor/a (o seu a priori) e eixo C a realidade social em que vivemos. Os/as jovens ficaram atônitos. Me perguntava, insistentemente: mas o que a senhora quer que a gente responda, professora? Então eu expliquei a questão e eles/as continuavam perguntando: mas o que é para responder? Por que a senhora não fez prova de cruzinha? Eles/as estavam em pânico porque foi a primeira vez que

alguém propôs a elaboração de uma produção textual com responsabilidade que quem redige.

14 Você acredita que a forma como a sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?

Seria muita petulância de minha parte criticar meus/minhas colegas sem levar em consideração a realidade em que eles/as foram formados/as como professores/as; a realidade da escola na qual trabalham; a realidade dos/as estudantes dessas escolas; o perfil do gestor da escola, etc. Mas, mesmo correndo o risco de ser petulante, avalio que duas premissas devem ser levadas em consideração. A primeira diz respeito à escola de formação de professores/as (as Universidades) e a segunda diz respeito à mantenedora da escola. Se um/a profissional ao sair da Universidade, não consegue trabalhar com os conceitos fundamentais da Sociologia e não consegue realizar a hermenêutica das teorias, existe uma falha enorme na formação que irá repercutir, evidentemente, na atuação do/a profissional no ensino médio. A segunda é a capacidade da mantenedora (seja o Estado ou as mantenedoras privadas) em subverter a dinâmica profissional/legal que determina que a atuação em cada área do conhecimento seja garantida aos/as profissionais formados/as para tal. Se a disciplina de Sociologia não for trabalhada por Cientistas Sociais, com formação em graduação em Ciências Sociais, o resultado da disciplina será, somente, o preenchimento de uma determinação legal. A ciência só terá relevância social se o/a cientista for o protagonista de sua disseminação.

15 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Creio que já respondi essa questão em outras questões ao longo do instrumento.

Professora escola D

1 Qual a sua formação?

Sou formada em filosofia e tenho mestrado e doutorado em filosofia e sou psicóloga, tenho consultório

2 Desde quando trabalha a com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?

Aqui na escola fazem dois anos. Eu sou professora universitária, trabalho na Ulbra, então eu sempre trabalhei filosofia, a minha primeira graduação foi filosofia, em um primeiro momento eu trabalhava em escolas de segundo grau. Ai depois que eu entrei no mestrado eu fui bolsista e tive que abrir mão do trabalho. No que eu terminei o meu mestrado eu comecei a trabalhar na Ulbra e entrei no doutorado. Como minha tese era muito pertinente, era sobre morte, meu orientador Sirney Lima, achava que o tema era mais psicológico, enfim, que poderia não ser aceitado tão facilmente, ai eu fiz o curso de psicologia simultaneamente. Na Ulbra eu trabalho filosofia e epistemologia...

3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?

Tem um pré-programa mínimo que diz respeito a filosofia da escola. Cada escola, cada instituição tem uma filosofia, como esta é uma instituição religiosa, a preocupação dela é com o indivíduo, com uma formação do indivíduo, digamos assim.

4 Quem participa da elaboração do currículo de sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

Aí fui eu que elaborei. A partir desse pré-programa ai eu elaborei um programa mais sociológico.

Existe diálogo: Sim porque a escola ela tem uma filosofia de vida, de educação, onde a diretriz da escola é uma preocupação com o aluno como um todo: então é na parte cognitiva, na parte religiosa, na formação desse indivíduo eticamente. Essas são as diretrizes básicas da nossa mantenedora e a partir dessas diretrizes a gente faz o programa, que possa preencher e que possa ajudar nesse requisito maior.

Diálogo com outros professores... isso ocorre permanentemente através das reuniões, através dos projetos que vamos montando pro ano todo. A meta de trabalho é sempre assim, reforçando as diretrizes maiores e o trabalho que a gente no início se propôs para fazer pro ano.

5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados por alunos do Ensino Médio?

Como eu já falei, tentamos despertar eles para as questões sociais, para o compromisso com a sociedade, para eles poderem se dar conta que são agentes de transformação e que não adianta ficar só reclamando, que eles também podem participar e que a voz deles também pode ser ouvida. É nesse sentido, porque hoje nós temos um jovem assim, podemos dizer, alienado, porque a sociedade é algo não..., que a gente houve tanto sobre corrupção sobre postura, violência, drogas e a sensação que se tem é que eles perdem a esperança de uma perspectiva de melhora, então eles ficam enclausurados no seu mundinho, vão lá no computador, recorrem a droga, enfim, é nesse sentido.

São coisas para deixar algumas definições que eu acredito que eles precisam ter bem claro. Por exemplos, conceitos do que é a sociedade, uma visão histórica, definir bem claro o conceito de cultura, moral, ética, isso é muito importante para eles, até conhecer teóricos famosos que eles escutam por ai e não sabem nada da teoria deles. Então só para esclarecer um pouco disso para eles poderem fazer um link com a sociedade hoje que a gente está vivendo, poder estudar, analisar ela, quais são as patologias hoje da nossa sociedade, tentar passar essa visão para eles, tentando mostrar para eles que se eles querem uma sociedade melhor para eles, para as outras gerações, não é para ficar esperando, ajuda-los a serem agentes participativos, poderem se posicionar, tentar conscientizá-los nesse sentido assim...

6 Você acha que o currículo atual contempla isso?

Sim. Ele contempla porque pela minha experiência como professora, não adianta chegar assim para a sociedade hoje e chegar discutindo sem nenhuma fundamentação teórica, vai acabar caindo num achômetro, aí eu acho isso, eu acho aquilo, isso não vai desenvolver um raciocínio, isso não vai levar eles a pensarem ou desenvolverem uma idéia.

7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?

Precisa ter um pouco duma versão histórica, algumas definições, voltar aquela questão bem da natureza humana, homem é um ser social, por natureza ou não, precisamos viver em sociedade. Essas constatações para eles possam chegar e se darem conta e para poder tirar as próprias conclusões e não eu chegar e impor as minhas conclusões, o que eu penso o que..eu acredito o que eu penso, o que eu defendo.

8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Na sociologia nós trabalhamos com bastantes autores, a gente trabalha com Marx, Weber, August Comte. Uma visão um pouco mais da história, a gente perpassa até os autores atuais, eu não sou uma pessoa que defende um único autor, eu prefiro mostrar um leque amplo para eles e ao mesmo tempo dizendo, olha, esses teóricos já foram refutados e mostrando hoje, outros autores contemporâneos o que é que pensam o que defendem.

O que eu tenho usado mais atualmente agora é o próprio tema do sociólogo, que era repórter também... agora não me vem o nome.

9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de sociologia para o Ensino Médio? Por quê?

Com ensino médio é bem diferente de universitário. Com universitário você pode exigir mais leitura e então cobrar outras metodologias.

Com eles eu trabalho muito assim: trabalho muito com filme, trabalho com eles fazendo pesquisa, sendo repórter, então por exemplo, o último trabalho que de sociologia foi: eles visitaram um lugar de Porto Alegre e apresentaram na sala de aula salientando aspectos positivos e negativos. Então eles falaram da redenção, falaram do mercado público, falaram da rodoviária, enfim, falaram dos locais assim, enfim, isso já é uma forma deles poderem se dar conta, ah, a rodoviária é bem suja, então não vão lá e joguem papel, então já é uma conscientização. Porto Alegre está muito pichada... Então já é um trabalho mais prático que eu peço, é claro que tem teórico, eu peço trabalho teórico com um certo método de capa, introdução, desenvolvimento, conclusão, referência bibliográfica, então eles fazem isso, eles entrevistam também pessoas, dependendo da temática. Então me lembro que o que é alienação, o que é ideologia, então cada um pegou um tema e saiu na rua e foi fazer enquetes na rua, o que você entende por utopia?

E aí eles ficavam surpresos em sala de aula que a maioria das pessoas não sabiam o que é utopia e como eles também não sabiam o que era utopia, o que é ideologia, então a gente dava tema para eles fazerem isso. Fora que é um ponto de poder atingir eles, através da música também, e eles adoram, o que a música está

dizendo. Qual é a proposta da música, qual é a idéia. É para eles pensarem também... é porque eu gosto ou porque está na moda.

10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

O maior desafio é... para mim são três: uma é fazer eles saírem do narcisismo deles, tá, não é fácil, são muito narcisistas. Nós temos uma sociedade narcisista. Eles só querem coisas que dêem prazer. Tudo que vá fazer eles terem esforço ou sentir alguma dor, digamos assim, é ---- muito complicado.

Uma outra questão é poder colocar uma sementinha de esperança neles. Porque são jovens assim que eles não encontram assim muitas perspectivas boas, existe toda uma sociedade corrupta, violenta, famílias completamente desestruturadas, abandonam os filhos, até eles são filhos meio que “abandonados” (entre aspas), abandonados não no sentido econômico, mas no sentido emocional, né, e isso acaba refletindo dentro da sala de aula e acaba refletindo naquilo que a gente chama de limite. Eles não sabem o que é limite, isso é a dificuldade.

E o terceiro é o próprio limite. É muito complicado, eles não conseguem assim discernir, ter o bom senso, isso é apropriado, isso não é apropriado. Então nós temos assim, muitos alunos emocionalmente muito comprometidos, né assim, no sentido emocional. Quando eu falo, eu falo no geral, eu não falo no Colégio Santo Antônio, eu falo no geral. Nós temos muitos alunos que tomam medicações extremamente pesadas e isso eu te digo como experiência da área da saúde. Temos jovens que toma fluxetina, diazepam, assim por diante, né, são pessoas assim que estão bastante comprometidas. O que dificulta a concentração, o ouvir, o parar, ou seja, a sala de aula hoje é muito diferente do que a muitos anos atrás. Porque você ia a aula e ficava quieto o professor dava a aula, a gente perguntava, hoje o aluno não fica, ele não consegue ficar quieto por muito tempo, é uma ansiedade, uma angústia... é muito difícil.

É uma soma de tudo isso, não daria para dizer assim, eu vejo como uma soma de tudo: é muita informação, mas também é muita questão emocional deixando a desejar, né, é um descuido grande em relação aos jovens, às crianças, a um todo,

11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem? Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino?

A gente usa nas aula, usa bastante para pesquisa. Nós temos aqui um laboratório específico para isso, bem equipado, então se usa a internet. Ela auxilia, não tem como dizer, olha, vivam sem internet é um absurdo isso, é a ferramenta que se tem, hoje, até a alguns anos atrás se dizia, qualquer casa que a gente vá tem uma tv. Hoje a gente está dizendo a mesma coisa, em qualquer lugar que tu vá, tem um computador, então se tornou uma ferramenta. Claro, a gente só avisa a questão do bom senso, porque na internet tu encontra de tudo, encontra coisas boas e coisas ruins. Aí novamente entra o papel da família, né, ou dos responsáveis, aqui não cabe a professora de sociologia, ou a escola, na escola tudo passa por um filtro, então não tenho como entrar em certos sites, enfim. Só site específicos, auxiliar na parte cognitiva, aqui na escola passa por uma filtragem, mas em casa é papel dos responsáveis.

12 Você percebe que suas práticas com o ensino de sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?

Contribui, contribui, mas eu também noto como eles ficam radicais com algumas idéias.

Contribui, toda e qualquer informação contribui, por menor que seja o efeito ela vai acabar fazendo um efeito e fazendo um diferencial, então ajuda sim.

13 Você realiza atividades no ensino da sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?

Claro, e aí tem as suas variações, em grupo, em duplas, para que possa ficar -- individual, rígida, não, a aula de sociologia é uma aula em que há diálogos, reflexão, a pensar...

14 Você acredita que a forma como a sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?

Esse é o objetivo, que possam se tornar mais críticos, mais exigentes, mais observadores, pensar sobre a cidadania, os direitos e deveres.

Eu acho que ela fica um pouco mais consciente. Resolver, não. Dizer que a sociologia vai ser a solução de todos os problemas, não. Ela vai ajudar um pouco para eles pararem, refletiram, assim como a filosofia. Vão conseguir cair algumas fixas como eu brinco, né, mas dizer assim, olha a cura é filosofia e sociologia, não, mesmo sendo da área eu te diria assim, é um emocional muito frágil, muito abalado que requer também um acompanhamento psíquico das pessoas, por isso que a gente encaminha, vai sugere para os pais, tem mais a ver com o emocional, com a forma que esta sociedade está se estruturando, está

15 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Sem dúvida, eu acho extremamente importante, tanto filosofia quanto sociologia. Como eu digo, é uma parada para uma reflexão. É tentar mexer, como se fosse assim, a água que está parada ela vai criando resíduos, a filosofia e a sociologia, na minha concepção, elas entram como mexendo essas águas para esses resíduos não ficarem acomodados, né, resíduos digamos assim no sentido de dogmas, de idéias fechadas, sem ter uma visão de terceiros, sem ter uma outra percepção nesse sentido assim, então é um trabalho de um passarinho, né, que tenta apagar o fogo da floresta carregando de pouquinho em pouquinho a água no bico. É um trabalho semelhante, e é importante, porque pela mínima que seja a conscientização, mas é um trabalho, né, que está sendo feito e que está trazendo mudanças.

É um trabalho assim que seria interessante trabalhar com a família junto, poder possibilitar isso. Então eu vejo assim que as sementinha está lá nas séries iniciais, né, porque nas séries iniciais a família está muito presente na escola, ou pelo menos, a maioria. Então se é para as sementinhas serem plantadas lá e junto com a família, quando chegar no segundo grau, essas disciplinas não vão ser consideradas como

desnecessárias, descartáveis e etc, porque é interessante, porque os pais estão preocupados com a nota de matemática, de biologia, de física, de português, ah.. sociologia, filosofia, religião, é só por questão de currículo, então, ou seja, se os pais não dão o devido valor, como os filhos... eles trazem coisas prontas de casa, eles escutam isso, então eles vem com umas idéias formadas e radicais também nesse sentido. Então assim, é preciso, além de preparar esses jovens seria preciso preparar os pais desses jovens então, por isso que eu digo, é um trabalho árduo e difícil porque tu tem que conscientizar ambos.

Professor escola F

1 Qual a sua formação?

Licenciatura e Bacharelado na PUCRS, formado em Jan. 2009.
Bacharel em Produção/Locução de Rádio e TV, pela FEPLAN em Junho de 2007.

2 Desde quando trabalha a com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?

Trabalho há dois anos (desde2007). Um em estágio no Col. Infante Dom Henrique e outro no Col. Marista Ipanema. Não, trabalho com a Disciplina de Empreendedorismo há dois anos.

3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?

Sim, além de trabalhar com as orientações da legislação brasileira, como LDB, PCN's, DCN's e as OCN's, temos um subsídio elaborado pela COEDUC (Comissão de Educação da nossa mantenedora). Esta foi elaborada no inicio deste ano junto aos professores da Rede. Ademais, as minhas convicções e escolhas metódicas fazem também parte na elaboração e construção de todo o processo.

4 Quem participa da elaboração do currículo de sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

Além das orientações já citadas na questão anterior, dentro da escola à o acompanhamento de todo a diretoria, de forma especial a Coordenadora Pedagógica da escola. Os educandos e as educandas também participam do processo. Sim, existe diálogo com os outros professores, seja na Jornada Pedagógica, nas reuniões semanais dos professores, como nos corredores e intervalos. Ocorre antes e durante, não é um currículo estático, mas sim dinâmico aberto sempre a novas possibilidades, sem distanciar-se obviamente da base já construída.

5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados por alunos do Ensino Médio?

Compreendo que a Sociologia deve se deter em temas atuais e relevantes da sociedade, sobre as temáticas de interesse dos jovens, sobre a colaboração que elas

tem sob a vida de cada um de nós (desde a criação de novas culturas à construções ideológicas particulares), sobre à Sociologia (criação, processos históricos e importância em nossas vidas). Creio que aprofundar os métodos - algo muito batido nas faculdades - não tem no Ensino Médio seu lugar, não estou dizendo que são inúteis, mas devemos nos preocupar em contextualizar estes conhecimentos à realidade dos jovens. Falando em conteúdos específicos, creio que não pode falar ao longo dos três anos estudos sobre a cultura, pessoa humana, etnias, construções de nações, Governo e Estado, Política (regional, nacional e internacional), Violência, Pobreza, Revoluções Industriais e tecnológicas, Projetos Sociais e empreendedorismo (tradicional, social e ambiental).

6 Você acha que o currículo atual contempla isso?

Sim, creio que contempla, mas não oportuniza à medida que temos somente um período de aula por semana, que sinceramente se resume a 30 min. de aula. O que podemos construir com este tempo? É o que venho tentando responder a mim mesmo.

7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?

Desculpe, tenho dois grandes temas: Etnias e Política. O primeiro é importantíssimo, pois há muito preconceito e indiferença nesta fase etária dos jovens, creio que é o momento de nossa vida onde muitas convicções são elaboradas, assim como projetos de vida. Política, o povo brasileiro tem se demonstrado, pelo menos nos últimos 10 anos, muito ignorante nesta área, é necessário saber, conhecer, falar sobre isto, pois as discussões e possíveis decisões tomadas nesta esfera interferem diretamente em nossas vidas.

8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Adoro usar todos os que gosto (descubro) do Brasil, desde Gilberto passando por Buarque de Holanda, Betinho, FHC a artigos de professores e educandos de nossas faculdades. De fora e tradicionais gosto de Bordieu, Giddens, Weber.

Sabe para cada aula procuro encontrar as melhores contribuições a minha disposição. Gosto de revelar as particularidades dentro da universalidade de possibilidades.

9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de sociologia para o Ensino Médio? Por quê?

Método ou metodologia? Método passo por todas as existentes (e, que conheço) com apreço e carinho pela weberiana compreensiva e também pela dialética.

Metodologia: Uso bastante as diversas tecnologias: aula expositivo-diálogada, meios eletrônicos e projetos.

10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

Compreender "quem eu sou?" e "qual é o meu principal projeto de vida?". Absolutamente, na medida que auxilia na construção de um olhar crítico (que deve gerar opiniões/crenças) e também na criação de novas possibilidades de entendimento do mundo.

11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem? Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino?

Aliada e vilã. Aliada pois é um meio fantástico de comunicação e expressão de ideias, aonde mais poderíamos discutir, por exemplo, sobre etnias em tempo real com alguém de Angola? Aonde teria acesso instantâneo as notícias diárias da Polônia?

Vilã, pois na imensidão se perde algumas verdades essenciais à vida humana, a mentira veste máscaras de verdade muitas vezes, em outras tantas se espalha em um caminho sem volta.

12 Você percebe que suas práticas com o ensino de sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?

Sim, muito pouco, mas já noto. Na prática experimento famílias vindo conversar comigo, na implementação de projetos junto com os educandos, em diálogos permanente com alguns muito interessados em aprofundar os assuntos abordados em sala-de-aula.

13 Você realiza atividades no ensino da sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?

Sim, todas. Que direito tenho eu de retirar/proibir/excluir as possibilidades e espaços para se pensar? Obviamente que procuro auxiliar neste caminho.

14 Você acredita que a forma como a sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?

Em termos tão gerais assim "*ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania*" não, com certeza! Pouquíssimo tempo de aula, menos ainda para projetos e ainda pouco espaço na mídia. Mas não sou pessimista, creio que estamos no caminho correto, tenho muitas esperanças, aliás por isto entrei para as salas de aula.

15 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Creio ter respondido nas questões anteriores.

Professor Escola G

1 Qual a sua formação?

Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFRGS), Especialização em Projetos Sociais e Culturais (IFCH -UFRGS), Mestrando Filosofia UFRGS, Licenciando Ciências Sociais.

2 Desde quando trabalha a com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha?

Trabalho com sociologia desde 2006. Sou também professor de Filosofia.

3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?

Nenhuma orientação explícita por parte da escola. No Israelita e no São Judas Tadeu as orientações cabem ao professor orientador da disciplina e ao grupo “vertical” de ciências humanas. Porém, tenho participado ativamente de alguns fóruns de discussão em torno das diretrizes curriculares da área e da disciplina e usado isso na elaboração do currículo das escolas.

4 Quem participa da elaboração do currículo de sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

A responsabilidade é do professor orientador, mas há uma troca com os professores da área de humanas. Nos reunimos nos seminários de inverno e verão - para revisar os currículos e elaborar projetos interdisciplinares. Também nos reunimos três vezes ao ano para elaborarmos o currículo “vertical” da área, tendo em vista a remodelação dos currículos para os “nove anos”.

5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados por alunos do Ensino Médio?

Desigualdade social no Brasil de hoje e as Políticas Sociais; Cultura e a questão do relativismo cultural; Desenvolvimento Sustentável Equitativo; O jovem e o adolescente de hoje; Mudanças sociais; Globalização e novas relações de trabalho; o Estado brasileiro e a democracia.

6 Você acha que o currículo atual contempla isso?

Sim. Entenda-se: o currículo que estamos propondo para o estado do RS através dos Parâmetros Curriculares e as inferências que podemos fazer a partir dos documentos nacionais (PCN e PCN+). Porém, desconheço o que de fato está sendo feito nas escolas.

7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?

O tema da minha preferência gira em torno do poder simbólico e das imagens e representações que os grupos sociais constroem sobre a sociedade. Gosto de trabalhar com as temáticas do poder político, poder simbólico, mudança social e estilos de vida das classes sociais. Um dos motivos é a receptividade dos alunos, além da relevância desses temas. Outros motivos importantes podem ser atribuídos à minha formação.

8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Não penso o currículo a partir de autores ou teorias; mas, preferencialmente, a partir de temas e problemas – sempre de olho nas competências e habilidades que podemos ajudar a desenvolver. Nesse processo, alguns autores são obrigatórios – os fundadores (Comte, Weber, Durkheim e Marx) e criadores de tendências sociológicas (como Parsons, Mannheim, Mauss, Mead, Habermas, Adorno, Foucault, Giddens, Elias, Bourdieu e Bauman) – por que permitem trabalhar com os temas e problemas fundamentais: poder político, micropoderes, processo civilizatório, poder simbólico, mudança social, modernidade líquida, etc.

9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de sociologia para o Ensino Médio? Por quê?

A metodologia centrada em problemas associada a temas. Acredito que esse esforço permite que os alunos vejam a disciplina como algo significativo e desafiante. O desafio para o professor é evitar que o trabalho derive para uma mera coleta de informações e opiniões “senso-comum”.

10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

Há muitos desafios – depende da classe social desses jovens: a inserção no mercado de trabalho; a violência; as questões de identidade; a ausência de modelos, grandes narrativas e utopias; a necessidade de compreender um mundo complexo e de compreender o outro... Acho que a sociologia pode contribuir desenvolvendo competências e habilidades que propiciem aos jovens lidar com essas questões e outras que precisarão enfrentar ao longo da vida.

11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem? Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino?

É uma aliada. Porém, cabe aos educadores indicar como a internet pode ser usada no processo de ensino-aprendizagem. Via de regra, os educadores desconhecem os potenciais pedagógicos da web. Estes sequer sabem elaborar um trabalho de pesquisa que não leve os alunos ao expediente do ctrl-C ctrl-V.

12 Você percebe que suas práticas com o ensino de sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?

Vejo que contribui para um pequeno grupo de alunos – diria que alunos mais engajados com as propostas das ciências humanas. Percebo isso pela participação nas atividades extra-classe propostas – como participação de projetos sociais, participação em fóruns de debates, etc.

13 Você realiza atividades no ensino da sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?

Trabalhos que envolvem pesquisa de campo, entrevistas, webquest, etc. Procuo que os alunos participem com trabalhos de pesquisa nas feiras nacionais e locais de iniciação científica.

14 Você acredita que a forma como a sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a plena cidadania?

Acredito, mas parcialmente. O ensino de sociologia não se dá de maneira isolada. O contexto sócio-cultural dos alunos da escola particular não contribui para torná-los sujeitos críticos a ponto de viverem a plena cidadania. A alienação (usando o termo de uma maneira frouxa) continua sendo realidade. Um período por semana pode contribuir para transformar alguns alunos em sujeitos críticos. No geral contribui em parte para mudar a visão ingênua que possuem sobre a sociedade. Mas penso que é uma ilusão pretender que “a” juventude pode ser transformada num sentido plenamente emancipatório. O que não significa que somos céticos em relação aos resultados de nosso trabalho.

15 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

A importância da sociologia nos currículos de Ensino Médio é fundamental. Entendo que vivemos num mundo que tornou obsoleto o currículo e a escola tradicionais - currículos voltados para uma listagem de conteúdos ligada a resolução de exercícios. Precisamos de uma nova educação... centrada no desenvolvimento de competências que permitam ao jovem lidar com uma realidade extremamente complexa e líquida. Nesse sentido, ganham força as disciplinas da área de humanas, especialmente a sociologia – até hoje reprimida.

Professor Escola H

1 Qual a sua formação?

Minha formação é em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) e Mestrado em Antropologia Social.

2 Desde quando trabalha a com a disciplina de sociologia? É a única disciplina com a qual trabalha? Desde 2007.

Anteriormente já trabalhei com Antropologia (05 anos) e trabalho com pesquisa em educação (09 anos).

3 Existe alguma orientação no que se refere aos conteúdos mínimos a serem priorizados na elaboração das aulas? Por parte de Quem?

A minha orientação é com base naqueles assuntos considerados fundamentais da sociologia e as possibilidades de tempo para trabalhá-los. Por exemplo, socialização, instituições sociais, Estado, Individuo e Sociedade, a noção de objeto da sociologia nos clássicos da sociologia, etc. Os PCNs e livros introdutórios e didáticos

ajudam como referenciais, apesar de que considero que está para surgir um bom livro didático de sociologia para ensino médio.

4 Quem participa da elaboração do currículo de sociologia da escola? Existe algum diálogo com os outros professores de sociologia ou de outras disciplinas? Quando isso ocorre? No decorrer do planejamento das atividades ou na elaboração do currículo?

Eu tenho quase uma plena autonomia, pois existe uma supervisão de coordenação pedagógica na escola, que, às vezes, questiona certos assuntos como, por exemplo, o Marxismo, talvez haja certos receios baseados em um preconceito com relação a sociologia vendo-a como uma disciplina subversiva. Esta supervisão ocorre no início do ano quando você deve apresentar o plano anual e os trimestrais.

5 Quais conteúdos são mais relevantes para serem trabalhados (por ou com os) alunos do Ensino Médio?

Conteúdos devem respeitar as idades dos alunos, o grau de conhecimento e maturidade intelectual e os conteúdos não devem ser maçantes, ensinado somente através de texto, deve haver produção e envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, senão qualquer conteúdo é “chato”. No entanto, existe um escopo sociológico referentes a história da produção científica da área que deve ser considerado alguns como relevantes como: socialização, instituições sociais, Estado, Individuo e Sociedade, a noção de objeto da sociologia nos clássicos da sociologia, trabalho, cultura, ideologia, movimentos sociais e cidadania, etc.

6 Você acha que o currículo atual contempla isso?

Desculpa, mas contempla isso o que? Não entendi claramente esta questão!

7 Qual o tema de sua preferência para trabalhar com os alunos do Ensino Médio? Por quê?

Socialização, Família, Sociedade de Consumo, Estado. Desculpa, não há somente “o tema”, existem alguns temas que considero imprescindíveis serem trabalhados como os apontado inicialmente. Mas, às vezes, tenho meus receios sobre qual tema trabalhar devido o tempo de sala de aula (01 período p/ semana), assim acabo deixando na reserva quando o tempo não permite.

8 Quais os autores da sua preferência para trabalhar com alunos de Ensino Médio? Por quê?

Os próprios autores dos livros didáticos existentes, pois procuram organizar conceitos e temáticas para os alunos de ensino médio. Mas minha base são minhas leituras dos autores das ciências sociais como Bourdieu, Norbert Elias, Norberto Bobbio, entre tantos outros.

9 Qual a metodologia mais adequada para usar no Ensino de sociologia para o Ensino Médio? Por quê?

A metodologia adequada é aquela que leva em conta o saber já existente dos alunos, buscando um diálogo entre professor e alunos. Ao mesmo tempo, você deve trabalhar conteúdos, conceitos, temáticas e, por isso, deve diversificar a forma didática em sala de aula. No entanto, a leitura é a principal e fundamental.

10 Quais, na sua percepção, são os maiores desafios dos jovens da atualidade? Você pensa que a sociologia pode auxiliá-los quanto a isso?

O maior desafio é justamente aquele que a sociologia se propõe a trabalhar, ou seja, tornar-se um sujeito sensível e crítico a sua própria condição ao estar imerso na vida social.

11 Que tipo de influência você pensa que a internet gera no processo de ensino aprendizagem? Ela é uma aliada ou uma vilã no ensino?

Ela é os dois. Aliada porque a internet facilitou nosso acesso aos infinitos conteúdos produzidos na sociedade e que podem ajudar o aluno a entender questões que outrora estava somente nos livros e restritos a alguns grupos seletos. Vilã porque é um espaço virtual que permite qualquer tipo de conteúdo, os quais os alunos podem não terem maturidade para analisarem de forma crítica e apenas reproduzirem o que lêem e vêem.

12 Você percebe que suas práticas com o ensino de sociologia têm contribuído para a participação dos jovens nas discussões contemporâneas? De que forma?

Diria que um pouco, mais em alguns alunos, menos em outros. Dependerá do interesse, da escola e da competência do professor para conseguir tocá-los.

13 Você realiza atividades no ensino da sociologia que exigem que o aluno seja responsável pela produção do conhecimento. Quais?

Sim! Produção de conhecimento apresentando conceitos para serem aplicados através de uma pesquisa ou análise textual, imagética, com isso, elaborando reflexões próprias.

14 Você acredita que a forma como a sociologia é ensinada transforma a juventude em sujeitos críticos e aptos para viver a “plena cidadania”?

Não entendi muito bem essa pergunta. É a minha forma de ensinar ou de forma geral?

A sociologia é uma disciplina que tem grande papel na capacitação de jovens críticos, mas não é a única. Meu objetivo é justamente este, mas é uma tarefa bastante difícil, pois as ideologias dominantes na nossa sociedade têm outros interesses.

15 Qual a importância de ter sociologia nos currículos de Ensino Médio? De que forma a sociologia interfere na vida dos estudantes ou no andamento da sociedade?

Ela tem uma enorme importância, falta convencer parte considerável da sociedade e a própria escola. O ensino é muito instrumental e pragmático, busca resultados, sendo que a área das humanas é vista como algo sem necessidade. É claro que existe uma torcida grande também que aposta na sociologia, mas diria que ela está engatinhando ainda.

ANEXO A

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008.

Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 36.

.....

IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.

§ 1º

.....

III – (revogado).

.....” (NR)

Art. 2º Fica revogado o inciso III do § 1º do art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 2 de junho de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA

Fernando Haddad

Este texto não substitui o publicado no DOU de 3.6.2008

ANEXO B

Currículos ou Planos de Ensino das Escolas

Escola B

Sociologia

1. Objetivo

Proporcionar ao aluno condições de perceber a sociedade como ambiente de interação e de compromisso, em seu contexto e complexidade, possibilitando uma postura de atenção e de participação em seu meio.

Explicitação dos Princípios

Explicitação dos Princípios	
Princípios	Amostras de conteúdos
<p>1º TRIMESTRE As relações sociais geram o entendimento do próprio ser humano e, concomitantemente, de seu ambiente, assim como a consciência do seu poder de transformação da sociedade.</p> <p>A Sociologia surge de condições históricas concretas, que fornecem a possibilidade de originar uma área de estudo com perfil científico.</p> <p>A Sociologia se estrutura historicamente a partir da racionalização das próprias relações sociais.</p> <p>2º TRIMESTRE O conhecimento científico da sociedade humana dá condições para que se possa intervir e qualificar o bem-estar social.</p> <p>O conhecimento social só é possível a partir de</p>	<p>1º TRIMESTRE A sociedade humana:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conceito de sociedade • Necessidade do ser humano viver em sociedade <p>Introdução à Sociologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definição moderna • Origens: Comte, Marx, Durkheim, Weber,... • Objeto de estudo: o fenômeno social • Importância da Sociologia <p>A definição e a importância, para a Sociologia, dos tipos de:</p> <p>Fatos sociais, Contatos sociais, Processos sociais, Grupos sociais, Valores sociais e Estratificação social</p> <p>2º TRIMESTRE Economia e Sociedade Política e Sociedade Religião e sociedade</p>

<p>pressupostos teóricos que o fundamentem em seu método e em sua estratégia de abordagem.</p> <p>3º TRIMESTRE</p> <p>A análise criteriosa e objetiva dos métodos e estratégias de abordagem dos fenômenos sociais contribui para aprimorar o conhecimento que o ser humano tem de si mesmo e da sua sociedade, bem como para a solução dos problemas que ele enfrenta.</p>	<p>A investigação social aplicada na pesquisa social</p> <p>Tipos de pesquisas sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> • As conclusões <p>3º TRIMESTRE</p> <p>A Sociologia no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior,... <p>Aplicação concreta das técnicas de investigação social em diversos fenômenos sociais nacionais e internacionais.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Escola D

PLANO DE TRABALHO DO PROFESSOR

Dados de Identificação

Componente curricular:

Ano: 2009

Professor(a): Professora escola D

Série: 1ª – Ensino Fundamental.

Turno: Manhã

Objetivo

Compreender o surgimento e o papel da sociologia através da contextualização dos fatos na história com o objetivo de aprimorar o entendimento sobre a sociedade e o comportamento humano que diz respeito às relações dos homens entre si. Surgindo

Procedimentos didáticos

- Aula expositiva.
- Pesquisa na internet e na biblioteca em detrimento aos temas abordados.
- Produção de conhecimento nos trabalhos;

Programa de ensino

- Demonstrar a importância e a finalidade de se estudar Sociologia.
- Distinguir as diferentes formas de comportamento social e cultural.
- Conhecer os métodos científicos da sociologia..
- Compreender o que é cultura e a sua importância no conhecimento e na forma como se observa o Mundo. (visão de mundo)
- Enfatizar a necessidade e a importância da Sociologia.

Anexos

- Dramatização e encenações;
- Possibilidade de criar artigos;
- Participação de projetos estabelecidos e novos.

PROGRAMA DE SOCIOLOGIA

Primeiro Trimestre.

1. Introdução à Sociologia.
 - 1.2 O que é a Sociologia?
 - 1.3 O Surgimento.
 - 1.4 E a importância da Sociologia.
2. Positivismo - Augusto Comte.
 - 2.1 A Sociologia de Durkheim.
 - 2.2 Max Weber.
 - 2.3 Karl Marx.

Segundo Trimestre.

3. Trabalho e alienação.
 - 3.1 Visão de Trabalho atualmente.
 - 3.2 Visão histórica do trabalho.
 - 3.3 Trabalho e realização humana.
 - 3.4 O que é alienação?
 - 3.5 O que é ideologia?
4. Globalização.
 - 4.1 Cultura e sociedade global.
 - 4.2 Causas e efeitos de uma sociedade global.
 - 4.3 Uma cultura internacional popular.

Terceiro trimestre.

5. Cidadania.
6. Movimentos Sociais.
7. Vivências Sociais.
8. Política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à ciência da sociedade. 2ed. São Paulo: Moderna, 1997.
2. DEMO, Pedro. Sociologia: uma introdução crítica. 2es. São Paulo: Atlas, 1987.
3. LAKATOS, Eva Maria. Sociologia geral. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
4. ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. 2ed. São Paulo: Editora Brasileira S.A, 1994.

Escola G

SOCIOLOGIA

1º ANO

1º TRI

OS FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA

A) A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

B) A INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

2º TRI

OS FUNDAMENTOS DA SOCIEDADE

A) CULTURA

B) SOCIEDADE

C) SOCIALIZAÇÃO

3º TRI

D) INTERAÇÃO SOCIAL E COTIDIANO

E) GRUPOS E ORGANIZAÇÕES

E) SEXUALIDADE E SOCIEDADE

2º ANO

1º TRI

ESTRUTURA SOCIAL E AS DESIGUALDADES

A) ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

B) CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

C) ESTRATIFICAÇÃO GLOBAL

D) ESTRATIFICAÇÃO GÊNERO

- E) RAÇA E ETNICIDADE

2º TRI

INSTITUIÇÕES SOCIAIS

A) A ECONOMIA E O TRABALHO

B) PODER, POLÍTICA E ESTADO

3º TRI

A) FAMÍLIAS

B) RELIGIÕES

C) CIDADANIA

3º ANO

1º TRI

MUDANÇA SOCIAL

POPULAÇÃO, URBANIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

2º TRI

COMPORTAMENTOS COLETIVOS E MOVIMENTOS SOCIAIS

3º TRI

MUDANÇAS SOCIAIS: TRADICIONAL, MODERNO, PÓS-MODERNO

Escola A

1º TRIMESTRE	CONTEÚDOS	PROJETOS PREVISTOS
	<ul style="list-style-type: none"> - Como percebermos o mundo? um olhar sócio-antropológico do conhecimento. - Da consciência comum à consciência reflexiva: a produção da autonomia intelectual. - O mundo concreto e a consciência reflexiva: o surgimento da sociologia - A consciência reflexiva de Durkheim: o sujeito que é determinado pelo objeto. - A consciência reflexiva em Weber: o sujeito que determina o objeto - A consciência reflexiva em Marx: o sujeito e o objeto em diálogo constante. - A pesquisa científica: os caminhos para o desvelamento da realidade social. 	<p>Elaboração de um projeto de pesquisa.</p>

Serviço de
Orientação
Pedagógica

2º TRIMESTRE	CONTEÚDOS	PROJETOS PREVISTOS
	<p>A cultura como produção do relacionamento entre os seres humanos.</p> <ul style="list-style-type: none">- A cultura e as condições econômicas,- A cultura e as condições políticas- as valorações humanas - hábitos e costumes.- As etnias e as diferenças entre os seres humanos. inclusão e exclusão.- As formas de organização do poder político e as bases culturais	<p>Desenvolvimento do projeto de Pesquisa: a pesquisa propriamente dita.</p>

3º TRIMESTRE	CONTEÚDOS	PROJETOS PREVISTOS
	<ul style="list-style-type: none">- A sociologia na América Latina:<ul style="list-style-type: none">a questão indígenaa questão da juventudea questão culturala questão de gênero- A Sociologia no Brasil	Conclusão

①

DISCIPLINA: SOCIOLOGIA
2ª SÉRIE / MÊMO.

TEMA CENTRAL: Reflexões sociológicas sobre o Continente americano e as interações com o mundo.

1º TRIMESTRE

CONTEÚDO:

- As matrizes políticas, culturais, econômicas e ideológicas do descobrimento/colonização.
- As disputas entre os ^{deuses} projetos societários: a história dos povos originários e a história da Europa.
- O Iluminismo e o Continente americano: a racionalidade modelar segundo o pragmatismo europeu.
- Brasil e Estados Unidos: as duas faces do mesmo continente (o modelo de colonização e os interesses ocultos e manifestos).

PROJETOS PREVISTOS:

Investigação sobre a cultura dos povos originários.

2º TRIMESTRE

CONTEÚDO:

- Os descobrimentos do modelo de colonização: centro = periferia do capitalismo no Continente americano.
- O Brasil dos portugueses: uma sociedade repleta de senzalas: a formação do capital-homem e da escravidão liberta.
- O Brasil industrializado: do capitalismo agrário ao capitalismo industrial (1930-1945)

<p>2) 3º TRIMESTRE <u>CONTEÚDO:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A América Latina e Caribe e o descompasso: a teoria da dependência. - América Latina: o desafio da integração 	<p><u>PROJETOS PREVISTOS:</u></p> <p>Investigação sobre a realidade dos países da América Latina.</p>
<p>DISCIPLINA: SOCIOLOGIA 3ª SÉRIE/MÉDIO.</p> <p>1º TRIMESTRE: <u>CONTEÚDOS:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> * A formação do capitalismo: do capitalismo Agrário ao capitalismo industrial. * O século XVIII e a constituição do liberalismo: J. Locke e A. Smith. * O século XIX e o desenvolvimento do capitalismo as influências da revolução industrial. <p>2º TRIMESTRE:</p> <ul style="list-style-type: none"> * A disputa dos dois modelos de capitalismo: o Estado de Bem-estar social e o Estado mínimo. * A nova dimensão do capitalismo depois da II Guerra Mundial: sistema de Yalta, Acordo de Postdam e Conferência de Bandung. * A tríade do capitalismo no século XX: Estado máximo - Estado mínimo; Estado-nação - Globalização; 2ª Revolução (Taylorismo Fordismo) - 3ª Revolução (Reestruturação Produtiva). 	<p><u>PROJETOS PREVISTOS</u></p>

③

(3º xic)

3º Trimestre

- Os Efeitos da Globalização na sociedade Mundial (Mundialização x Globalização)
- As faces do ^{trabalho no} capitalismo: Taylorismo - Fordismo e Reestruturação Produtiva
- A crise do capitalismo no século XXI: o capitalismo financeiro e a ausência de bases de regulação

Escola C

Ensino Médio
Disciplina de Sociologia.
Professor:

Um ermitão é sóbrio e piedoso; ele se veste em roupas de pano simples: está bem, ele é um santo; mas, somente o chamarei de virtuoso quando ele fizer algum ato de virtude do qual outros homens se beneficiarão. Enquanto ele permanecer um solitário, ele não é nem bom nem mau; ele não é ninguém para nós.

Diderot, *Dicionário Filosófico*.

Objetivo principal da disciplina: Instrumentalizar os alunos do ensino médio para uma compreensão mais aguçada do fenômeno social. O instrumental teórico fornecido pelas correntes sociológicas clássicas deverá estar a serviço do desenvolvimento intuitivo das percepções que os estudantes possuem da realidade social. Pretendemos que o aluno possa, ao final do ano, utilizando os instrumentos conceituais que lhe foram fornecidos, posicionar-se a respeito dos principais fenômenos observados na sociedade que o circunda, percebendo a complexidade do fenômeno social. Vejamos alguns exemplos: 1) o estudante deverá estar apto a avaliar as causas e consequências – os reflexos nos mais diversos âmbitos – do que chamamos de economia do conhecimento (crescente substituição da mão-de-obra humana por processos de produção robotizados, controlados por uma mão-de-obra muito mais qualificada intelectualmente); 2) avaliar os níveis de desigualdade social existente hoje no país e relacioná-los com o processo de formação do Estado brasileiro em sua postura frente a sociedade.

Divisão dos conteúdos do ano letivo.

Primeiro trimestre:

1. Localização da disciplina como uma ciência humana: clarificação de seu objeto.

Apresentação da disciplina como fazendo parte de um conjunto maior compreendido como ciências humanas e, mais restritivamente, ciências sociais. O estudante deverá perceber as distinções entre sociologia, antropologia e ciência política. De modo mais amplo, também, buscar-se-á apresentar de que modo estas disciplinas diferenciam-se da ciência econômica compreendida enquanto uma ciência humana. Portanto, deve ficar claro ao aluno qual o objeto da sociologia em relação as demais ciências sociais.

2. A partir da definição do objeto da sociologia, observação de sua evolução histórica.

Histórico evolutivo da sociologia como disciplina classicamente moderna. A preocupação com o objeto da sociologia que já se desenvolvia entre os gregos, todavia a autonomia científica só emerge no século XVIII, com Augusto Comte. A partir deste momento, a atenção voltar-se-á para os clássicos do pensamento sociológico.

3. Abordagem conceitual dos clássicos.

Avaliação dos conceitos clássicos e fundamentais para a observação do fato social a partir de Augusto Comte, Emile Durkheim. Deverá ficar claro para o aluno a dimensão atual dos conceitos destes sociólogos.

- 3.1 Augusto Comte.

- 3.1.1. Surgimento do Positivismo;

3.1.2. Compreender o conceito de física social como início da ciência do social.

3.2. Émile Durkheim.

Compreender e exemplificar. Saber definir, com suas palavras, os conceitos e apontar para exemplos de seu cotidiano que expressem a compreensão do seu significado:

3.2.1. Fato social;

3.2.2. Divisão do trabalho social;

3.2.3. Distinção entre solidariedade orgânica e solidariedade mecânica;

3.2.4. Anomia social

Segundo trimestre:

1. Continuação da abordagem dos clássicos. Manter-se-á o objetivo de deixar claro para os estudantes a precisão analítico-conceitual dos autores, porém, sem perder de vista que o objetivo é permitir aos alunos construir com estes conceitos uma visão mais complexa da realidade que o cerca.

1.1. Max Weber.

Compreender e exemplificar. Saber definir, com suas palavras, os conceitos e apontar para exemplos de seu cotidiano que expressem a compreensão do seu significado:

1.1.1. Modelos de dominação:

a) carismática;

b) tradicional;

c) racional.

1.1.2. Saber reconstruir dissertativamente o percurso traçado por Weber na análise do surgimento do capitalismo.

1.2. Karl Marx.

Compreender e exemplificar. Saber definir, com suas palavras, os conceitos e apontar para exemplos de seu cotidiano que expressem a compreensão do seu significado:

1.2.1. Luta de classes como o motor da história;

1.2.2. Divisão social do trabalho

1.2.3. Mais-valia.

2. Globalização

Instrumentalizado com os conceitos básicos da sociologia clássica o estudante está apto a perceber o que está envolvido no conceito de globalização. Não há como negar que este é o fenômeno mais importante das últimas décadas, portanto o aluno deverá compreendê-lo como uma consequência de:

a) processo de inovação tecnológica, atrelado, então, ao segundo ponto;

b) era do conhecimento;

c) difusão da linha de produção pelo planeta (a porta do carro é produzida no Japão e este é montado no Brasil).

O aluno deverá perceber como isto está atrelado a uma divisão mundial da linha de produção e de que modo isto afeta seu cotidiano.

O estudante deve ter claro que o fenômeno de globalização é distinto do que compreendemos por neoliberalismo. A partir daqui passaremos ao estudo das ideologias políticas.

Terceiro trimestre:

1. Ideologias políticas. Compreender as definições conceituais de:

1.1. Liberalismo.

1.2. Socialismo.

1.3. Comunismo.

1.4. Liberal-Socialismo; Socialismo Liberal; Liberalismo Social.

2. Características do Estado Brasileiro.

É de vital importância para o aluno de ensino médio estar apto a julgar não somente o contexto social a partir de categorias abstratas independentes de seu histórico. Neste sentido, faz-se

necessário demonstrar ao aluno como as características sócio-econômicas do país são conseqüências de suas raízes de formação. Portanto, o aluno deverá saber definir, ao termino do semestre, os conceitos de

a) patrimonialismo;

b) clientelismo.

Além disso, o aluno deverá ser capaz de identificar estes fenômenos nas instituições políticas contemporâneas.

Métodos de avaliação. Verificaremos a compreensão que o aluno teve da matéria de três formas:

a) participação em aula;

b) um trabalho temático por trimestre;

c) uma prova, compreendida tradicionalmente.

a) a participação em aula deverá ser estimulada, portanto, não se trata de uma participação simples. Os alunos serão estimulados e convocados a fazer breves apresentações a respeito de determinados temas pré-determinados. Estas apresentações ganharam a forma de seminários e "breves questões disputadas", quando dois alunos, ou dois grupos de alunos, deverão defender duas perspectivas opostas a respeito de um mesmo tema. Pode-se, ainda, solicitar que ao final da aula, ou após duas ou três aulas, os alunos resumam – apontando o encadeamento lógico dos argumentos – em poucas linhas os temas até então observados;

b) o trabalho trimestral será individual. O estudante deve escolher um tema do seu dia-a-dia e aplicar, em sua análise, os conceitos vistos em aula;

c) por compreensão tradicional da prova significa aferição dos conhecimentos em sala de aula através de questões discursivas e objetivas a serem entregues no mesmo período, a serem realizadas individualmente e sem consulta ao material.

Os passos a, b e c forneceram o conceito do aluno ao final do trimestre. Para tanto, terão, respectivamente 30%